Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

**Novas formas de sociabilidade envolvendo sexo em
troca de bens e vantagens entre jovens de 18 A 25 anos
no Município de Rio Branco-Acre**

Herleis Maria de Almeida Chagas

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Saúde Pública para
obtenção do título de Doutora em Ciências.**

Área de concentração: Serviços de Saúde Pública

Orientador: Prof. Dr. Fernando Lefèvre

SÃO PAULO-SP

2016

**Novas formas de sociabilidade envolvendo sexo em
troca de bens e vantagens entre jovens de 18 A 25 anos
no Município de Rio Branco-Acre**

Herleis Maria de Almeida Chagas

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Saúde Pública da Faculdade de
Saúde Pública da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Doutora em
Ciências.**

**Área de Concentração: Serviços de Saúde
Pública**

Orientador: Profº Dr. Fernando Lefèvre

SÃO PAULO-SP

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dedico este trabalho àqueles sem cujo apoio jamais teria conseguido galgar mais este degrau da minha vida profissional:

A DEUS, por ser minha fortaleza nos momentos difíceis...

Ao meu amor, marido, amante, companheiro, ajudador, meu orientador espiritual, amigo... **Isaac Ramos**, pela dedicação, apoio e paciência. Sua presença e carinho foram fundamentais para que eu pudesse percorrer o caminho com persistência e entusiasmo.

Ao meu filho Luiz Eduardo, pela disponibilidade de compartilhar este momento comigo, me acompanhar, entender minhas ausências durante esta jornada de estudo e, acima de tudo, por viver um pouco de sua adolescência em uma grande metrópole...

Às minhas filhas Anna Beatriz, Helen Chagas e minha mãe Maria Beatriz que, de maneira imensurável, incondicional e admirável vieram, ao longo dos anos, apoiando-me e incentivando-me, fazendo com que cada momento que poderia ser com elas e para elas fosse dirigido em prol de minha vida acadêmica e profissional.

Agradeço,

A **DEUS**, pela fonte de amor inesgotável, por ter me guiado, por estar comigo moldando as minhas fraquezas e limitações, transformando-as em força e ação, por ter guiado meus passos e possibilitado a conclusão deste curso.

Ao meu professor e orientador **Fernando Lefèvre** e sua **Ana Lefèvre** (que no percurso nos deixou...), pela oportunidade única desta experiência, pela disponibilidade, pelo incentivo, pela paciência, pela tolerância, pelo conhecimento, pela força e pelo apoio que me destes, mesmo no momento de luto pela partida tão precoce de sua Ana.

À **Regina Figueiredo**, pelo tempo que dispendeu para ler com tanta atenção e carinho este trabalho. Pelas contribuições, pela motivação e pela amizade.

Ao sempre amigo **Dr. Marcellus Pedro Motta Negreiros**, pelo incentivo, motivação e contribuições.

À **Faculdade de Saúde Pública (FSP/USP)**, em especial ao Departamento de Prática de Saúde, por ter me acolhido como aluna e permitido a realização e apresentação deste trabalho.

À **Universidade Federal do Acre (UFAC)**, pela oportunidade de realização deste doutorado.

À **União Educacional do Norte (Uninorte/Acre)**, que permitiu a coleta de dados desta pesquisa.

“Sou tudo, menos desesperançoso. Confio que os jovens possam perseguir e consertar o estrago que os mais velhos fizeram. Como e se forem capazes de por isso em prática, dependerá da imaginação e da determinação deles. Para que se deem uma oportunidade, os jovens precisam resistir às pressões da fragmentação e recuperar a consciência da responsabilidade compartilhada para o futuro do planeta e seus habitantes. Os jovens precisam trocar o virtual pelo real”

(sociólogo polonês Zygmunt Bauman)

CHAGAS,H.M.A. **Novas formas de sociabilidade envolvendo sexo em troca de bens e vantagens entre jovens de 18 A 25 anos no Município de Rio Branco-Acre.** 2016. Tese - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2016.

Resumo

Introdução - A prostituição configura uma troca de favores sexuais em que elementos sentimentais, como o afeto, estão ausentes em pelo menos um dos protagonistas. Além da prostituição propriamente dita, em que se explicita a prática da troca de sexo por dinheiro e o sujeito prostituído reconhece sua condição de “fornecedor de sexo”, existem situações de troca sexual por bens e vantagens socioeconômicas. Essa “prostituição não explícita” ou “não intencional”, na qual a pessoa que fornece sexo não se vê como prostituída, tem sido observada em diversas situações de encontros sociais entre os jovens. **Objetivo** - Conhecer e descrever a percepção de adolescentes e jovens universitários acerca da prostituição e troca de sexo por bens materiais e *status*. **Método** - Estudo qualiquantitativo, realizado com 130 jovens, de ambos os sexos, de diferentes cursos do *campus* da União Educacional do Norte (Uninorte), faculdade privada localizada em Rio Branco (Acre). Os dados foram obtidos com o auxílio do *software Qlqt- online*, processados e analisados através da técnica do discurso do sujeito coletivo (DSC) e o software Qualiquantsoft, tendo como base a teoria das representações sociais. **Resultados** - A maioria dos entrevistados relaciona o comportamento feminino adotado com prostituição. Isso demonstra que jovens de ambos os sexos não naturalizam, mesmo na sociedade atual, a possibilidade de troca de sexo por coisas valorizadas pelo consumismo, sendo essa postura comumente condenada com veemência, sobretudo pelas mulheres. **Conclusão** - É fundamental a implementação de ações referentes à sexualidade entre adolescentes e jovens na perspectiva intersetorial dos serviços, visto que essas questões são trabalhadas de maneira diferenciada para meninos e meninas, influenciados por normas socioculturais em torno da educação sexual.

Palavras-chave: Prostituição; Prostituição não explícita; Representação social; sexualidade.

CHAGAS, H. M. A. New forms of sociability involving sex in exchange for goods and advantages of youth from 18 to 25 years old in the city of Rio Branco – Acre. 2016. 2016. Tese - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2016.

Summary

Introduction - Prostitution set up an exchange of sexual favors in that sentimental elements, like affection, they are absent in at least one of the protagonists. Apart from prostitution itself, in which it explains the practice of exchanging sex for money and the subject prostituted recognizes their status as "sex provider," there are situations of sexual exchange for goods and socioeconomic benefits. This "no explicit prostitution" or "unintentional" in which the person who provides sex is not seen as prostituted, has been observed in various situations of social gatherings among young people. **Objective** - Understand and describe the perception of teenagers and university students about prostitution and exchange of sex for material goods and status. **Method** - Qualitative and quantitative study, conducted with 130 young people of both sexes, of different courses from the campus of North Educational Union (Uninorte), private college located in Rio Branco (Acre). Data were obtained with the help of online software Qlqt, processed and analyzed through discourse technique of the collective subject (DCS) and Qualiquantsoft software, based on the theory of social representations. **Results** - Most interviewed related female behavior adopted with prostitution. This shows that young people of both sexes not naturalize, even in today's society, the possibility of exchange of sex for things valued by consumerism, and this customary stance strongly condemned, especially by women. **Conclusion** - The implementation of actions related to sexuality among adolescents and young people in intersectoral perspective of services is essential, as these issues are worked differently for boys and girls, influenced by socio-cultural norms around sexual education.

Keywords: Prostitution; No explicit prostitution; Social representation; sexuality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 TEORIAS SOBRE A PROSTITUIÇÃO	13
1.2 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DA PROSTITUIÇÃO	17
1.3 CONTEXTUALIZANDO A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL	19
1.3.1 Perfil da Prostituição no Brasil	20
1.4 PROSTITUIÇÃO NÃO INTENCIONAL, NÃO EXPLÍCITA OU TRANSACIONAL	24
2 OBJETIVOS	27
2.1 OBJETIVO GERAL	27
2.1.1 Objetivos Específicos	27
3 METODOLOGIA	28
3.1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	28
3.1.1 Representação Social (RS)	28
3.1.2. Representação Social e o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)	31
3.2 LOCAL DA PESQUISA	32
3.3 POPULAÇÃO-ALVO E AMOSTRA	34
3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.4.1 Pré-Teste do Questionário	34
3.4.2 Coleta e Análise dos Dados	38
3.5 ASPECTOS ÉTICOS	40
4 RESULTADOS	40
4.1 PERFIL DA AMOSTRA	40
4.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS COLETIVOS	43
5 DISCUSSÃO	71
5.1 TROCA SEXUAL COMO ALGO ALÉM DO ASPECTO FÍSICO-SEXUAL	71
5.2 PREOCUPAÇÃO COM O CUIDADO DA SAÚDE	74
5.3 MORALIDADE, FORMAÇÃO RELIGIOSA E GÊNERO	82
5.3.1 Moralismo e Religiosidade	82
5.3.2 Moralidade e gênero	86
5.4 TROCA SEXUAL: PROSTITUIÇÃO OU “QUASE PROSTITUIÇÃO”? CERTO OU ERRADO?	97
5.4.1 Percepção da Troca Sexual Como Prostituição ou “Quase Prostituição”	97
5.5 PERCEPÇÃO DA RESPONSABILIDADE FAMILIAR OU SOCIAL, OU DE “AUTORIDADES” PELA SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE À SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	125
Anexo 1 - TCLE	125
Anexo 2 - Questionário	126
Anexo 3 - Parecer do Comitê de Ética Em Pesquisa	130
CURRÍCULO LATTES	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

Aids -Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

APROCE - Associação das Prostitutas do Ceará

DATASUS – Departamento de informática do Sistema único de saúde

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

DST- Doença sexualmente transmissível

DST/Aids – Doença sexualmente transmissível e síndrome da imunodeficiência adquirida

EC – Expressão chave

FSP – Faculdade de Saúde Pública

HIV- Vírus da imunodeficiência humana

HIV/aids - Vírus da imunodeficiência humana e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

IC – Idéia central

PAISM- Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher

STTRC - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Canaã dos Carajás

TCLE- Termo de consentimento livre e esclarecido

USP – Universidade de São Paulo

Lista de Figuras

Figura 1. Distribuição da amostra segundo área de estudo, <i>campus</i> Uninorte, Rio Branco (Acre), 2013.	41
Figura 2. Distribuição da amostra segundo renda familiar (em salários mínimos – SM), Rio Branco (Acre), 2013.	41
Figura 3. Distribuição da amostra segundo grau de escolaridade do chefe da família, Rio Branco (Acre), 2013.	42
Figura 4. Distribuição da amostra segundo religião referida, Rio Branco (Acre), 2013.	42
Figura 5. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 1, Rio Branco (Acre), 2013.	44
Figura 6. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas das Questão-Caso 2, Rio Branco (Acre), 2013.	47
Figura 7. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas Questão-Caso 3, Rio Branco (Acre), 2013.	50
Figura 8. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 4, Rio Branco (Acre), 2013.	55
Figura 9. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 5, Rio Branco (Acre), 2013.	58
Figura 10. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 6, Rio Branco (Acre), 2013.	62
Figura 11. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 7, Rio Branco (Acre), 2013.	66
Figura 12. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Pergunta Final, Rio Branco (Acre), 2013.	69

Lista de Quadros

Quadro 1. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 1, Rio Branco (Acre), 2013.	44
Quadro 2. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 2, Rio Branco (Acre), 2013.	47
Quadro 3. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 3, Rio Branco (Acre), 2013.	49
Quadro 4. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 4, Rio Branco (Acre), 2013.	54
Quadro 5. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 5, Rio Branco (Acre), 2013.	58
Quadro 6. Distribuição categorias apresentadas nas perguntas da Questão- caso 6, Rio Branco-Ac, 2013.	62
Quadro 7. Distribuição categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 7, Rio Branco (Acre), 2013.	65
Quadro 8. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Pergunta Final, Rio Branco (Acre), 2013.	68

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEORIAS SOBRE A PROSTITUIÇÃO

O fenômeno da prostituição constitui-se um campo amplo e complexo, objeto de inúmeros estudos, opiniões, interesses, preconceitos e nomenclaturas. É uma temática extremamente debatida, que suscita opiniões e teorias tanto do senso comum quanto da academia. Em vista de sua abrangência, é possível entender a razão de ser essa temática perpassada por tantos discursos e abordada de maneiras tão distintas. Enquanto fenômeno social, entre as diferentes formas como se apresenta e é tratada, destacam-se as distintas denominações pelas quais a prostituição e os indivíduos que dela participam são tratados, que vão de termos de cunho pejorativo até nomes com muito “enfeite” e pompa. Temos consciência de que essa discussão é muito mais complexa e extrapola o simples ato de nomeação de categorias. E justamente por isso a prostituição vem sendo tão estudada e alvo de vários discursos produzidos, na academia e em diferentes movimentos sociais, na busca por compreendê-la tanto em relação à sua origem quanto às especificidades inerentes a essa prática sexual.

A prostituição configura uma troca de favores sexuais em que elementos sentimentais, como o afeto, estão ausentes em pelo menos um dos protagonistas. O termo prostituição deriva do latim *prosto*, que significa estar às vistas, à espera de quem chegar ou exposto ao olhar público; por isso é utilizado para referir-se à prática sexual remunerada e promíscua, mas, ao mesmo tempo, entendida como prática laboral, caracterizada por significados sociais, históricos e culturais construídos sob influências da época e do local em que é praticada.

Ademais, nota-se que existem diversos fatores determinantes que contribuem para o prostituir(-se), os quais transitam entre as necessidades socioeconômicas e psicológicas de quem a pratica, dentre elas: o baixo nível de escolaridade, a falta de emprego, traumas, ausência de apoio familiar e violência física ou sexual (FIGUEIREDO; PEIXOTO, 2010). Além disso, são percebidos inúmeros riscos, preconceitos e discriminação a que estão expostos os indivíduos prostituídos, geralmente mulheres, homossexuais, transexuais e transgêneros, entre eles: más condições de vida, violência física e psicológica, baixa autoestima, bem como negociação do preservativo e até ausência deste nas relações sexuais (FIGUEIREDO; PEIXOTO, 2010).

Assim, a prostituição explícita, em que há troca de sexo por dinheiro, coloca-se como um evento social produzido normalmente por vulnerabilidades associadas à situação socioeconômica ou de exclusão social de quem se prostitui. Vulnerabilidade é compreendida nesse contexto como a chance de exposição das pessoas ao adoecimento, resultado de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos e contextuais, que acarretam maior suscetibilidade à infecção e ao adoecimento (AYRES, 2003).

No que diz respeito a questões socioeconômicas, estudos têm demonstrado que entre os principais fatores de envolvimento dos indivíduos na prática da prostituição estão: a baixa renda das famílias ou comunidades de origem desses profissionais, sua menor escolaridade (BASTOS et al., 2006; GASPAR, 1985) e/ou *status* sociocultural do grupo de origem, a necessidade de inserção social após deslocamentos territoriais ou migração/emigração (BOUAMAMA, 2007) e a falta de especialização profissional e de postos de trabalho com remuneração compensatória para quem a pratica (CASTRO, 1993 apud CARVALHO, 2000).

No que se refere às questões de gênero, a prostituição é demarcada por relações desiguais, que orientam pessoas que estão em desvantagem na hierarquia sexual (mulheres, homossexuais, transexuais e transgênero, segregados à ascensão a direitos sociais, civis ou econômicos) a serem objeto da prostituição e a fazer maior adesão a esta prática (FIGUEIREDO; PEIXOTO, 2010), na medida em que são expostos ao gênero dominante, geralmente de homens heterossexuais, brancos e de grupos mais abastados.

Nesse sentido, as relações de prostituição sempre contam com, no mínimo, dois sujeitos envolvidos: os que se prostituem, ou “prostituídos”, e os que prostituem o outro, ou “prostituidores” (FIGUEIREDO; PEIXOTO, 2010). Porém, poucos estudos focam os “prostituidores”, comumente vistos como “clientes”, a partir de uma interpretação mercadológica da relação, suprimindo a importância de seu papel e sua contribuição para a efetivação e manutenção da posição dos prostituídos como objetos de compra.

Para o senso comum, “prostituidor” é apenas aquele indivíduo que explora ou incentiva a prostituição como “cafetão” ou empresário, embora nestas relações a grande maioria dos casos se caracterize pela interação direta da pessoa que oferta seu corpo com aquela que o adquire, empresta ou emprega temporária ou imediatamente para a prática sexual. Said BOUAMAMA (2007) registra que esses “usuários” homens

heterossexuais, no caso da prostituição feminina, não são motivados à prática da prostituição por um único fator; o que determina sua posição de dominação frente à mulher, vista como “coisa”, é um conjunto de fatores que envolvem desde isolamento afetivo ou sexual devido à timidez e rancor contra as mulheres até a percepção comum de que o homem é alguém que necessita de sexo “por natureza”, organicamente. Ou seja, predomina a interpretação “essencialista”, fruto das representações sociais sobre a sexualidade feminina e masculina, utilizadas enquanto “estratégia de justificação” de homens. Estes, ao se colocarem como vítimas de sua natureza biológica, tornam sua prática aceitável e vista como intrínseca e universal (BOUAMAMA, 2007).

Grande parte das integrantes do movimento feminista vincula o sexo como raiz da opressão contra as mulheres e vê a prostituição como um caso extremo do exercício abusivo de poder, no qual a mulher é vítima de violência ao tornar-se objeto sexual, passiva e carente de poder – posição não compartilhada por algumas militantes de organizações de prostitutas, que veem a prostituição como símbolo da autonomia sexual feminina e ameaça potencial ao controle da sexualidade da mulher exercida pelos homens (RUBIN, 1984; FRIEDMAN, THORNE, 1984).

Por isso, enfocar as relações de prostituição pelo prisma da saúde ou apenas como uma situação de mercadológica, de oferta e procura de sexo, reduz a discussão quanto à sua origem e aos seus impactos sobre a saúde psicológica, bem como a sua renovação social entre as gerações, excluindo a discussão sobre a exploração de gênero implícita em sua ocorrência, além de priorizar uma ótica sanitária biomédica que não abrange a total complexidade que envolve a prática.

A naturalização das relações de prostituição deriva da cultura que reproduz e ensina a jovens e adolescentes, desde cedo, que a sexualidade masculina deve ser saciada pela mulher, que é seu objeto de uso. Conforme Pierre BOURDIEU (1998), esse imaginário, assim como os comportamentos e quereres sociais, não é construído individualmente, mas transmitido socialmente pelo *habitus* social que designa a forma como as pessoas foram educadas e, por isso, enxergam e se colocam diante de tal ou qual situação, assumindo posição nas relações sociais. Portanto, esse *habitus* também modelaria as situações de prostituição e os agentes nela envolvidos, logo, “prostituidores” e “prostituídos”.

Paralelamente ao discurso de naturalização da necessidade orgânica da prostituição, existe a interpretação desta prática enquanto fenômeno econômico e mercantil, caracterizando-a como “serviço sexual”. Assim, o indivíduo prostituído seria

visto como “trabalhador(a) do sexo” que disponibiliza essa prestação de serviços (no caso, sexo) para seus “clientes”, ou seja, os seus compradores. Vários autores criticam essa abordagem, indicando que tal análise desconstrói a sexualidade enquanto identidade e transforma a relação sexual contida na prostituição em apenas um produto (DE PAULA, 2000; CASTRO, 1993 apud CARVALHO, 2000).

Teorias mercantis sobre a prostituição, portanto, supõem uma relação de troca horizontal, tendendo a adotar um viés interpretativo liberal de igualdade e excluindo a análise da relação enquanto situação vertical de submissão e sujeição de um indivíduo pelo outro (FIGUEIREDO; PEIXOTO, 2010). Ao contrário disso, a situação de verticalidade presente na prostituição precisaria ser relevada e analisada, assim como sua dimensão afetiva e subjetiva, não considerada na empobrecida análise “coisificada” de troca físico/material.

No contexto da contemporaneidade, em que as formações e relações sociais vêm sendo determinadas por uma ética e lógica do consumo (BAUMAN, 2008) e uma cultura intensamente mercantilizada, há uma forte tendência, imposta e assumida, de transformação das pessoas em usuárias ou consumidoras. Desse modo, facilmente as relações de troca sexual passam a ser vistas e têm sua prática reforçada enquanto produto e serviço, situados nas áreas de diversificação do lazer e “recreação” das pessoas e não identificadas como relações nas quais o afeto e o compromisso podem estar presentes (BERNSTEIN, 2008).

Cotidianamente, as mensagens dos meios de comunicação de massa as atingem intensamente, reforçando que a sociedade adote modelos hegemônicos que interessam às vendas (TOSCANI, 2004), favorecendo uma cultura fortemente erotizadas, com muitos apelos para o usufruto de imagens sexualizadas e/ou que valorizam o desempenho sexual. Trata-se, pois, de uma cultura que torna os indivíduos, sobretudo os jovens, vulneráveis a um entendimento e a um exercício específico da sexualidade, no qual não há limites claros nem questionamentos que os levem a decidir e saber que tipos de trocas ou relações sociais envolvendo a sexualidade são eticamente desejáveis por eles e quais não são. Tal situação não poderia deixar de ter impactos na saúde pública, especialmente nas doenças sexualmente transmissíveis e em tempos de aids.

1.2 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DA PROSTITUIÇÃO

A prostituição é uma prática antiga na história da humanidade. Seu registro consta desde a Antiguidade, como, por exemplo, no final do Império Romano, quando os adeptos do cristianismo enfrentavam os romanos e a prostituição com conversão das mulheres em religiosas, fazendo-as abandonar a posição de cortesãs. Segundo Lujó BASSERMAN (1968), algumas prostitutas inclusive viraram santas católicas, como Maria do Egito.

Durante a Idade Média, período marcado pelo domínio da Igreja Católica na Europa Ocidental, foram criadas rígidas indicações de condutas para as mulheres, buscando garantir a manutenção das “virtudes femininas” valorizadas, como a virgindade, ao mesmo tempo em que havia liberdade para as práticas sexuais masculinas. Dessa forma, apesar da rigidez religiosa, a prostituição foi tolerada dentro de alguns parâmetros, como válvula de escape da libido masculina, de modo a evitar que casos de estupros se tornassem maiores do que já eram (BASSERMAN, 1968).

De acordo com esse autor, acreditava-se que essa “virtude” feminina fosse o elemento necessário para a realização de casamentos, já que as mulheres eram divididas entre “puras” e “públicas”, estas últimas desvalorizadas por serem disponíveis sexualmente. Como o período medieval incluiu vários momentos de pobreza, que levaram muitos camponeses a procurar as cidades e, para tentar sobreviver, a adotarem a prostituição, houve tentativas de acabar com esta prática. Segundo BASSERMANN (1968), em 1254, Luís IX editou um decreto expulsando as prostitutas das cidades e aldeias francesas, confiscando ainda seus bens. Em 1256, mostrando como era difícil eliminar a prática de prostituição urbana, o decreto foi alterado, determinando que as prostitutas deveriam viver longe das pessoas e locais honrados, confinando-as em locais específicos nas periferias das cidades (BASSERMANN, 1968).

Em outros momentos históricos, entre os séculos XIV e XV, a prática da prostituição foi institucionalizada (ROSSIAUD, 1991). Essa organização também foi motivada pela grande migração de mulheres de várias regiões da França para os centros urbanos, o que obrigou o poder público a manifestar-se a favor de financiar as chamadas casas de banho, ou bordéis, objetivando acomodar estas mulheres e tirar melhor proveito delas de um modo geral:

Mesmo fora dos grandes cinturões de pobreza, que multiplicavam por todos os caminhos o número de mulheres que se ofereciam, moças vagabundas iam, com ou sem os seus rufiões, de cidade em cidade, reforçando aqui e ali o pequeno grupo de mulheres “comuns a muitos” (ROSSIAUD, 1991, p. 20).

Assim, era frequente a prostituição em diversas cidades. A faixa etária das prostitutas variava muito, pois não apenas as jovens solteiras estavam na atividade, mas também as viúvas e mulheres de todas as idades: por volta dos 17 anos, elas já trabalhavam nas ruas, tornando-se depois dos 20 camareiras das casas de banho, vendendo-se nestes locais para os frequentadores. Em torno dos 28 anos, tornavam-se pensionistas dos bordéis; depois, perdida a beleza e o viço da juventude, algumas prostitutas se tornavam cafetinas em bordéis e, algumas poucas, se casavam, sendo que a maioria se retirava para conventos criados para acolher as pecadoras e arrependidas (ROSSIAUD, 1991).

Ao longo do tempo, algumas cidades em razão de já não aceitarem prostitutas andando entre as demais damas da sociedade, algumas cidades iniciaram processos de segregação, associando-as a leprosos e, inclusive, obrigando-as a usar símbolos de distinção para serem reconhecidas (ROSSIAUD, 1991). O Estado também passou a fazer parte da organização desse setor, o que, segundo esse autor, fez com a França medieval chegasse a ter quatro níveis de prostituição: as casas públicas (controladas pelo poder estatal), os banhos, os bordéis particulares e as meretrizes autônomas.

Com a vitória da igreja sobre os hereges e os que praticavam o concubinato, os teólogos compreenderam que era necessário haver uma prostituição ordenada, de maneira que a sociedade pudesse conviver de comum acordo com esta prática (ROSSIAUD, 1991). A igreja passou a tolerar as relações dos solteiros com as concubinas, acreditando que a união com elas era apenas um pecado venial e não um pecado mortal, aceitando assim que homens casados frequentassem os bordéis e tivessem relações com as concubinas de maneira a não impedir o seu casamento.

Historicamente, são definidas três posições nas políticas dirigidas à prostituição: o proibicionismo, o regulamentarismo e o abolicionismo (ROBERTS, 1998; PEREIRA, 1976). O proibicionismo postulava a criminalização da prostituição e teve grande vigência durante a Idade Média. O seu insucesso, de acordo com Nickie ROBERT (apud RIOS, 2000), deu origem a propostas de regulamentarismo e abolicionismo, embora existam, ainda hoje, países que adotem o proibicionismo como

política pública, entre os quais os Estados Unidos, onde há sanções legais e é vetada a comunicação com fins de prostituição, ou Alemanha, Áustria, Suíça, Equador, Uruguai e Chile, que proíbem a prática (BRASIL, 2002).

No regulamentarismo, a prostituição é legalizada e é realizada dentro de condições específicas determinadas pelo governo. Nesse tipo de sistema é comum a defesa da necessidade do controle sanitário, do registro obrigatório, com exames ginecológicos periódicos, e a contenção da prostituição em locais permitidos determinados.

Já o abolicionismo postula a extinção da prostituição. Esse sistema foi criado, no final do século XIX, por um grupo intitulado Federação pela Abolição da Regulamentação Governamental, que era composto por mulheres inglesas que protestavam contra o controle estatal e os maus-tratos às trabalhadoras do sexo (RIOS, 2000), tornando-se posteriormente um movimento. Esse grupo, que atualmente tem sede em Paris e se denomina Federação Abolicionista Internacional, propôs o Tratado Abolicionista Internacional, ratificado pelo Brasil em 1951 (SOUZA, 2007).

1.3 CONTEXTUALIZANDO A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

No Brasil, de acordo com o Código Penal (1940), a prostituição é definida como o comércio *habitual* de atividade sexual, e a sua prática não é considerada crime, conseqüentemente a pessoa prostituta não é criminosa. Porém, como o país é signatário da abordagem abolicionista da prostituição, o Código Penal aponta diversos delitos ligados à prostituição, em seus artigos 227 a 231, vedando a exploração sexual (rufianismo), a indução de alguém à prática (lenocínio), o tráfico sexual e a manutenção de casas de prostituição. A punição a esses crimes varia em decorrência do delito e da gravidade, porém, em média, propõe-se condenação de 1 até 10 anos de reclusão.

Como é comum a confusão da população sobre o que é ou não considerado delito no mercado do sexo, há dificuldade na obtenção de dados exatos sobre esses crimes. Na prática, existe uma cultura e um sistema de tolerância à prostituição, perpetuando a exploração de pessoas que a exercem e dificultando a luta por seus direitos, desconsiderando aspectos de cunhos social, econômico, ético e até político da questão.

A existência no Brasil de leis que geram entendimento ambíguo – por um lado, toleram o exercício da prostituição e, por outro, punem as pessoas que favorecem tal

atividade – leva as prostitutas a arcarem com sua vulnerabilidade autonomamente, o que, devido às discriminações e aos riscos inerentes à exposição no espaço público de forma isolada, as impelem a buscar espaços delimitados que podem ser frequentados por seu público e que violam a lei instituída, como ocorre nas casas de prostituição.

Politicamente, não raro, as prostitutas e seus clientes são excluídos de debates e decisões governamentais frente à prostituição, pois são percebidos como objetos-alvo em vez de serem vistos como sujeitos ativos (BRUSSA, 2002). No entanto, o movimento de prostitutas vem desconstruindo essa percepção social e, por meio da auto-organização e autorrepresentação, tem buscado reafirmar sua posição enquanto sujeito histórico.

A história brasileira da auto-organização das mulheres trabalhadoras do sexo recebeu reconhecimento público a partir de meados de 1980, frente à preparação do 1º Encontro Nacional de Prostitutas, realizado em 1987 no Rio de Janeiro. O evento contou com a participação de prostitutas de onze Estados, recebendo apoio de várias entidades e pessoas da sociedade civil, como artistas, jornalistas e advogados (BRASIL, 1996 b). O encontro resultou na formação da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, sediada na capital fluminense, associada a outros grupos regionais, que têm como objetivos realizar ações contra a violência e o desrespeito aos profissionais do sexo, implementar programas de saúde, reivindicar a reforma legal e lutar pela dignidade da prostituta, buscando resgatar sua autoestima e acabar com o preconceito e o estigma associados à pessoa que exerce o trabalho sexual.

Em 2013, com apoio do Departamento Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, foi realizado o VI Encontro de Prostitutas para Mobilização, com vistas à criação de redes estaduais de prostitutas das regiões Norte e Nordeste do país. A iniciativa busca o fortalecimento da Rede Brasileira de Prostitutas (SOUZA, 2013), embora regionalmente já existam articulações antigas, como a Associação das Prostitutas do Ceará (Aproce), inaugurada em 1990 (MOURA et al., 2010).

1.3.1 Perfil da Prostituição no Brasil

Em termos gerais, a maioria das pessoas que ingressam no mercado do sexo é formada por jovens entre 16 e 22 anos, com baixo grau de escolaridade, que enxergam na prostituição a oportunidade de fugir de problemas familiares e conseguir independência financeira. Muitos escolhem o trabalho sexual como uma carreira, um

caminho para a liberdade financeira e de domínio de suas vidas, um meio de fugir da tirania do regime doméstico (ROBERTS, 1998).

Segundo Adriana de Araújo PINHO (2012), cerca de 1% da população feminina brasileira entre 15 e 49 anos de idade (quase meio milhão de pessoas) está envolvida em atividades de sexo comercial ou transacional. De acordo com pesquisa realizada com 2.523 prostitutas, em dez cidades brasileiras (SZWARCWLAD, 2010), metade delas tem até 30 anos de idade, nunca esteve casada, não completou o ensino fundamental e exerce a profissão há menos de seis anos.

O principal local de prostituição é a rua, seguido de bares ou boates, onde metade as prostitutas cobravam, em 2010, cerca de 50,00 reais (aproximadamente 30 dólares, à época) ou menos por programa, faturando em média 15 programas por semana (SZWARCWLAD, 2010). Em torno de 20% dessas prostitutas não tinham realizado exame ginecológico nos três anos anteriores ao levantamento, metade, inclusive, referiu nunca ter ido a um ginecologista e aproximadamente 40% não buscaram um serviço de saúde quando tiveram problemas de saúde sexual (SZWARCWLAD, 2010).

Estudos etnográficos apontam que são várias as motivações e condições do trabalho sexual feminino, embora sejam consensuais quanto aos efeitos do estigma sobre as mulheres que se prostituem, evidenciando discursos estigmatizantes produzidos nas práticas morais, médicas e jurídicas que se concretizam em situações de violência e vulnerabilidade (SILVA; BLACHETTE, 2011).

Ainda que a Política Nacional de Atenção Integral de Saúde das Mulheres (BRASIL, 2004), sucessora do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM/1986), a partir de 2004, explicita o reconhecimento das distintas necessidades de saúde das mulheres, no âmbito público não foi pensada qualquer estratégia para ampliar o acesso das prostitutas aos serviços de saúde. Talvez isso transpareça o entendimento de que a política contemplou o esforço de ofertar atenção à saúde com qualidade para todas as mulheres, em qualquer fase da vida; contudo, essa ausência de ação dirigida às prostitutas desconsidera o princípio da equidade e vulnerabilidades e necessidades específicas da trabalhadora do sexo, sem o qual não se pode assegurar a universalidade do direito à saúde tal como definido na Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Para Wilza Vieira VILELLA e Simone MONTEIRO (2015), é possível supor que a invisibilidade das demandas específicas das mulheres prostitutas corresponda a

uma postura do Estado brasileiro de *laissez-faire* na abordagem do tema, de não criminalizar a prostituição e sim as atividades a ela associadas. Tal postura relega as mulheres que se prostituem a uma situação de extrema desproteção, uma vez que, segundo as autoras, as impedem de exigir condições higiênicas e seguras para o exercício de sua atuação. Ou seja, sob a aparência de que se respeita o direito da mulher se prostituir, de fato há uma desassistência às suas necessidades, dificultando o enfrentamento a situações de violência e de estigma das quais são alvo.

Com relação às vulnerabilidades específicas da área de saúde, não há apenas a questão de adesão ao uso de preservativo com clientes (BELLEI et al., 1996), mas outros aspectos da saúde sexual e reprodutiva e da saúde geral, como a falta de assistência ginecológica adequada (GRAVATO et al., 2000) e o uso de drogas, entre as quais o *crack* (SZWARCOWALD et al., 1998), que deveriam ser considerados diante das condições de precariedade de sua atuação, incluindo a facilitação do acesso aos serviços de saúde.

Embora a resposta brasileira ao HIV/aids tenha ampliado o acesso das prostitutas aos serviços de prevenção e cuidado, a prevalência da infecção neste grupo é ainda muito alta, aproximadamente dez vezes maior que entre as demais mulheres (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Por isso, a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) aponta que, apesar de as prostitutas estarem presentes nas políticas de aids desde seu início, o volume de ações dirigidas a elas tem sido reiteradamente menor, em comparação com as ações dirigidas a outros grupos populacionais sob maior risco de infecção (ABIA, 2013).

Nos últimos 30 anos, pós-epidemia de aids, o enfoque das políticas públicas, incluindo a situação de prostituição, tem sido o de intervenções sobre exposição às vulnerabilidades que se relacionam ao baixo cuidado, ao risco de violência, ao uso de drogas e a problemas de saúde, principalmente de sexual e reprodutiva. Não são verificadas nem discutidas as condições de vida, as causas e as consequências no âmbito da desestruturação psíquica, social ou da saúde de pessoas envolvidas na prostituição. Esse enfoque integral seria fundamental, visto que a 90% das infecções por aids entre as mulheres brasileiras se dão por relações heterossexuais (DATASUS, 2011), inclusive as profissionais do sexo, por seu comportamento de multiparceria e situação de exclusão social, configurando-se como o subgrupo mais vulnerável e mais infectado pelo HIV/aids (BASTOS, 2000).

Com relação à vulnerabilidade às DST, José Ricardo de C. M. AYRES (2003) considera relevante a análise da articulação de três componentes: o individual, o social e o programático. O *componente individual* refere-se ao grau e à qualidade da informação de que os indivíduos dispõem sobre o problema, assim como interesse e possibilidade de utilizar estas informações para a proteção. O *componente social* relaciona-se a aspectos que não dependem apenas dos indivíduos, mas também do acesso aos meios de comunicação, disponibilidade de recursos materiais e fatores políticos. O *componente programático*, por sua vez, está relacionado às ações de programas destinados à prevenção e ao cuidado relativo ao HIV/aids, podendo ser políticas regionais, locais e nacionais que devem ser disponibilizadas de modo efetivo e democrático. Esses componentes se interrelacionam nas vivências cotidianas das pessoas, não sendo possível estabelecer uma relação de causa e efeito (AYRES, 2003).

Em Santos, no litoral paulista, pesquisas apontaram que num universo de 1.047 profissionais do sexo pesquisadas e sorotestadas para HIV foi detectado 7% de casos de infecção, sendo que entre as que faziam uso de cocaína a prevalência foi entre 11,0% e 17% e nas que referiram o uso da droga injetável foi de 37% (GRAVATO, 2004). Assim, estaria justificado o trabalho incisivo de prevenção e de estímulo ao uso de preservativos nesse grupo, realizado em diversas iniciativas pelo Ministério da Saúde em campanhas educativas. Isso porque se observa que o uso de camisinha é adotado em metade das relações sexuais por esse público (BELLEI et al., 1996), atitude que não provoca praticamente nenhuma redução nos riscos de infecção por HIV/aids, ao contrário da prevenção de quase 100% dada por seu uso consistente e sistemático (LAGO, 1996). No entanto, cabe atuação também sobre outros fatores de saúde, como uso de álcool e drogas, e frente a tantas outras situações de cidadania e socioeconômicas que fragilizam a vida de prostitutas.

Marjolein GYSELS et al. (2000) apontam que essa vulnerabilidade geral das prostitutas ocorre predominantemente porque o grupo é homogêneo no que diz respeito ao seu *status* socioeconômico baixo, culminando num menor poder de negociação e autocuidado do que entre mulheres em geral.

Além disso, existe um aspecto circular na relação que reforça o *status* negativo das profissionais do sexo num trinômio estigma-prostituição-vulnerabilidade em saúde. Os estereótipos de gênero promovem uma dupla moral no que tange ao exercício da sexualidade: de um lado, determinam que mulheres que alugam seus corpos para homens podem exercer esta prática livremente, desde que formatada segundo um

privilégio masculino em relação ao sexo; de outro, porém, na medida em que assim se comportem, elas são desqualificadas e estigmatizadas, marcando seu lugar de inserção social desvantajosa (VILELLA; MONTEIRO, 2015). Prostitutas são vistas como intrinsecamente “más”, o que “justifica” seu menor acesso a direitos e recursos, aumentando a vulnerabilidade a vários agravos, especialmente os ligados à saúde sexual e mental (VILELLA; MONTEIRO, 2015). Assim, o estigma opera como mais um elemento na redução do acesso dessas mulheres aos recursos e serviços de saúde, resultando em violações de direitos e, conseqüentemente, aumento da sua vulnerabilidade ao adoecimento e à morte.

1.4 PROSTITUIÇÃO NÃO INTENCIONAL, NÃO EXPLÍCITA OU TRANSACIONAL

Além da prostituição propriamente dita, em que se explicita a prática da troca de sexo por dinheiro e o sujeito prostituído reconhece sua condição de “fornecedor de sexo” (HIRSHMAN; LARSON, 1998), existem situações de troca sexual por vantagens socioeconômicas que podem ser interpretadas como implícitas de prostituição, uma vez que esta prática visa: obtenção de outros bens materiais estruturais (comida, moradia etc.), bens materiais de acesso econômico (cursos, passaportes, vistos etc.) ou bens materiais de *status* ou de acesso social (aquisição de roupas, tipos de produtos ou inclusão em determinados círculos sociais ou lugares tidos como de *status*). Essa “prostituição não explícita” ou “não intencional”, na qual a pessoa que fornece sexo não se vê como prostituída, tem sido observada em diversas situações de encontros sociais entre turistas e populações locais (SANTOS, FIGUEIREDO, 2009; VASCONCELOS, 1991), mas também entre grupos jovens e populações pobres que recebem trabalhadores de outras regiões (STTRC, 2011).

De forma similar, Adriana de Araújo PINHO et al. (2011) chamam atenção para a modalidade de interação sexual que tem recebido cada vez mais destaque no contexto das pesquisas em ciências sociais e em epidemiologia sobre HIV/aids, o denominado “sexo transacional”. Difere da prostituição porque nele as mulheres e homens envolvidos nesse tipo de relacionamento são considerados “namoradas” ou “namorados”, que recebem oferta de presentes em troca ou em retribuição implícita ao sexo, transação, portanto, que não envolve necessariamente dinheiro, mas outra forma de pagamento acordado, sucedendo ou precedendo o relacionamento sexual (PINHO et

al., 2011). Assim, embora seja retratado como comportamento que compartilha algumas similaridades com o sexo comercial da prostituição, o “sexo transacional” se difere desta por ser uma prática comum também presente em relacionamentos normativos, em que o engajamento é motivado principalmente ou exclusivamente pela expectativa dos bens materiais ou financeiros.

A palavra **prostituição** sempre teve uma conotação negativa, e, quando envolve adolescentes e jovens, tal situação se agrava, já que a sociedade prefere ocultar o problema e opta por omitir-se ou negar sua existência. Frente à preocupação com a epidemia de HIV/aids, que atinge cada vez mais a população adolescente e jovem (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015), todos os tipos de parcerias sexuais se tornam relevantes, devendo ser consideradas e estudadas inclusive as de prostituição ou de “sexo transacional”, as chamadas não explícita ou não intencional.

Conforme o *Boletim Epidemiológico* (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015), a distribuição proporcional dos casos de aids do Brasil segundo região mostra uma concentração dos casos no Sudeste e Sul, correspondendo cada qual a 53,8% e 20,0% do total de casos identificados de 1980 até junho de 2015, enquanto as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte correspondem a 14,6%, 5,9% e 5,7% do total dos casos, respectivamente. Em 2014, o ranking das unidades da Federação com as maiores taxas de detecção de aids mostra que o Amazonas e o Rio Grande do Sul apresentam as maiores taxas, com valores de 39,2 e 38,3 casos para cada 100 mil habitantes, respectivamente. Além disso, observa-se que quatorze Estados apresentam taxa inferior à nacional, que é de 19,7, sendo o Acre o que apresenta menor taxa – 9,2 casos para cada 100 mil habitantes. Enquanto isso, entre as capitais, apenas Rio Branco apresenta valor inferior à taxa nacional – 15,7 casos para cada 100 mil habitantes.

Segundo o Ministério da Saúde (2015), a maior concentração dos casos de aids no Brasil está nos indivíduos com idades entre 25 e 39 anos, de ambos os sexos. Do total de casos registrados entre 1980 e junho de 2015, entre os homens essa faixa etária corresponde a 53,6% e entre as mulheres, 49,8%. Não se observa diferença na taxa de detecção entre os indivíduos com até 14 anos de idade segundo sexo, enquanto entre as demais faixas etárias a taxa entre os homens é superior à das mulheres, sendo até 2,5 vezes maior no último ano para a faixa etária de 20 a 24 anos.

Nos últimos dez anos, entre os homens observa-se um aumento da taxa de detecção principalmente entre aqueles de 15 a 19 anos, 20 a 24 anos e 60 anos ou mais. Destaca-se o aumento em jovens de 15 a 24 anos, sendo que de 2005 para 2014 a taxa

entre aqueles com 15 a 19 anos mais que triplicou (de 2,1 para 6,7 casos por 100 mil habitantes) e entre os de 20 a 24, quase dobrou (de 16,0 para 30,3 casos por 100 mil habitantes). Entre aqueles com 35 a 39 anos e 40 a 44 anos, observa-se uma tendência de queda, representando 10,2% e 24,3% de queda de 2005 para 2014, respectivamente. No decorrer dos últimos dez anos, observam-se nas demais faixas etárias uma estabilização nas taxas – exceto entre crianças com até nove anos (que também vem apresentando queda) –, sendo que em 2014 a maior taxa observada foi entre aqueles com 35 a 39 anos (57,8 casos para cada 100 mil habitantes).

A taxa geral de detecção dos últimos dez anos tem apresentado diferença entre os sexos e as faixas etárias. Observa-se uma tendência de aumento entre os homens nas faixas etárias de 15 a 19, 20 a 24 e 25 a 29. Na primeira faixa etária, a taxa mais que duplicou nesse período; na segunda passou a ser quase o dobro; e na terceira houve um aumento de 17,1%.

Em pesquisa realizada pelo Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde na cidade de São Paulo com estudantes de ensino médio de escolas públicas (FIGUEIREDO et al., 2008) verificou-se que a fidelidade ao uso de preservativo sexual não é total, revelando a grande vulnerabilidade do público adolescente e jovem em geral à exposição às DST/HIV/aids. Essa vulnerabilidade está associada a fatores como o início da vida sexual cada vez mais cedo e relações sexuais esporádicas.

Considerando a análise das vulnerabilidades que envolvem a exposição de adolescentes a problemas de saúde sexual e reprodutiva, se faz necessária uma pesquisa empírica que considere as representações sociais desse grupo, no que tange às relações que envolvam trocas sexuais, inclusive para conhecer e descrever o grau de percepção que eles têm sobre práticas sexuais transacionais, de prostituição não explícitas ou não intencionais. Isso é fundamental para embasar o desenvolvimento de intervenções para a promoção de cidadania, saúde e prevenção de doenças como as DST e aids de forma mais eficaz, atuando dialogicamente com os significados e contextos existentes na cultura jovem atual.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer e descrever a percepção de adolescentes e jovens universitários sobre a prostituição e troca de sexo por bens materiais e *status*.

2.1.1 Objetivos Específicos

- Verificar a percepção de adolescentes e jovens sobre a prostituição e trocas de sexo por bens materiais e *status* e as desigualdades intrínsecas aos envolvidos nesta prática.
- Conhecer e descrever estratégias apontadas por esse público para a resolução de situações de vulnerabilidade que levam à adesão a relações sexuais envolvendo troca de sexo por bens materiais e *status*.
- Analisar se adolescentes e jovens associam práticas de troca de sexo por bens materiais e *status* com a prostituição.

3 METODOLOGIA

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

3.1.1 Representação Social (RS)

Nos últimos anos, o conceito de representação social (RS) tem aparecido com grande frequência em trabalhos de diversas áreas, de forma multidisciplinar. A RS não pertence a uma área específica, sendo utilizada na sociologia, na antropologia, na psicologia social e na história das mentalidades.

Como vários outros conceitos que surgem e são modificados por teoria, o das representações sociais, embora oriundo da sociologia durkheimiana, ganhou mais destaque e profundidade nas teorias de psicologia social desenvolvidas por Serge MOSCOVICI e aprofundadas por Denise JODELET. Esses autores passaram a servir de referencial para a utilização desses conceitos por outros campos de conhecimento, como a saúde, a educação, a didática e os estudos socioambientais.

A definição mais utilizada é a de JODELET (2001, p. 21): “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

A autora ressalta que as RS devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que formam e afetam tais representações e a realidade material, social e ideal (das ideias) sobre a qual elas vão intervir (JODELET, 2001). Também sugere que para analisar o conjunto de componentes e relações contido nas representações sociais é preciso analisar três questões fundamentais: quais os atores que as emitem e de onde eles falam; qual o seu conteúdo e sobre qual objeto ou aspecto essa percepção está sendo elaborada; e como incide sobre seu comportamento ou socialmente. Esses tópicos são denominados por JODELET (2001) como: 1) as condições de produção e de circulação das representações sociais; 2) seus processos e estados; e 3) o seu estatuto epistemológico. Nessa perspectiva, a representação social “[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que

contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22).

Depois de estruturadas, as RS assumem independência com relação a seus formadores, criando uma realidade própria em que a maiorias das pessoas se reconhece e habita. Segundo MOSCOVICI (2003, p. 153), que também teoriza sobre o conceito, a

[...] sociedade possui sua própria estrutura, que não é definida em termos das características dos indivíduos ou apenas nas relações interindividuais, esta estrutura é determinada pelos processos de produção e de consumo, pelos rituais, símbolos, instituições, normas e valores.

No ato de representar, a RS não é um processo simples, pois, além da imagem, carrega sempre um sentido simbólico, com quatro características fundamentais, conforme JODELET (2001):

- é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito);
- tem com o objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações);
- é apresentada como uma forma de saber, de modelização do objeto diretamente legível em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais – ela é uma forma de conhecimento; e
- qualificar esse saber de prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos seus contextos e às suas condições de produção, e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro.

Nesse sentido, a teoria das representações sociais vai tratar da produção dos saberes sociais, centrando-se na análise da construção e transformação do conhecimento social. Saberes são entendidos aqui como todo aquele produzidos no cotidiano e que pertencem ao mundo social (JOVCHELOVITCH, 1998). Por isso, essa teoria trata de operacionalizar o pensamento social em sua dinâmica e sua diversidade, partindo do pressuposto de que existe uma forma de conhecer e de se comunicar guiada por objetivos diferentes e, portanto, móveis e transformáveis, podendo ou não tornar-se hegemônica por pouco ou muito tempo.

MOSCOVICI define duas dessas formas de conhecimento e interação com a realidade que compõem as RS, a “consensual e a “científica”. Desse modo, o universo consensual contemplaria:

Aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana. As Representações Sociais constroem-se mais frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques. As sociedades – são representadas por grupos de iguais, todos podem falar com a mesma competência. A Representação Social é o senso comum, acessível a todos” (ARRUDA, 2002, p.130).

Já a forma constituída pelo universo reificado (ou científico), acrescenta o autor:

Se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. A sociedade é de especialistas onde há divisão de áreas de competência. Aqui é a Ciência que retrata a realidade independente de nossa consciência; estilo e estrutura fria e abstrata (ARRUDA, 2002, p. 130).

Para compreender o fenômeno das representações sociais é importante entender que a finalidade pela qual as criamos visa tornar familiar algo não familiar, facilitando o pensamento e a dinâmica das relações, já que não há conflito, pois confirma as crenças e as interpretações adquiridas (MOSCOVICI, 2004). Um universo não familiar, ao contrário, compõe ideias ou as ações que perturbam e causam tensão, por isso a tensão entre o familiar e o não familiar é sempre estabelecida em nossos universos consensuais, em favor do primeiro. O autor postula que, quando assimilado, é o incomum, o não familiar, que modifica as crenças, num processo de reapresentação do novo. Nesse movimento são, portanto, identificados os processos de “ancoragem” e “objetivação” (OLIVEIRA; WERBA, 2003) para a confecção de uma representação social.

A “ancoragem” contempla a classificação de algo para torná-lo familiar, já que algo estranho é percebido como ameaçador. Assim, ao elevar o estranho à condição de familiar podemos imaginá-lo, num segundo processo de “objetivação” que nos permite reproduzi-lo idealmente e comunicá-lo para que outras pessoas o imaginem (MOSCOVICI, 2004). Desse modo, as representações são intrinsecamente o conjunto de explicações que se originam das comunicações interindividuais da vida cotidiana, enquanto um trabalho mental que os sujeitos realizam, um ato do pensamento.

Os trabalhos baseados na teoria das representações sociais buscam compreender os fenômenos sociais e a maneira como eles são captados, interpretados, visualizados e expressos pelos indivíduos ou grupos sociais. Nessa perspectiva, estudar as RS

possibilita alcançar a consciência, os pensamentos e as ideias, bem como compreender as motivações das atitudes (SILVA; SALES, 2000).

MOSCOVICI utiliza as representações sociais na psicologia social com o intuito de entender de que forma o conhecimento científico influencia a cultura e o pensamento do senso comum, procurando fazer uma análise da compreensão do indivíduo e não apenas de seu comportamento (DUVEEN, 2003).

3.1.2. Representação Social e o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

A teoria das representações sociais permitiu a investigação por meio de uma diversidade de métodos e técnicas de pesquisa. No Brasil, sua assimilação começou a surgir no final dos anos 1980, aparecendo em revistas especializadas e simpósios internacionais (REIS; BELLINI, 2011). Posteriormente a teoria ela foi incorporada por pesquisadores de diferentes campos de investigação nas universidades.

No final da década de 1990, foi desenvolvido o método do discurso do sujeito coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010). O DSC é uma forma de resgatar as representações sociais e aplicá-las em investigações empíricas que utilizam as opiniões ou expressões de discurso individuais, levantadas por meio de questões abertas, com vistas a compreender o modo de pensar de um grupo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010). O agrupamento de diversos discursos emitidos por distintos sujeitos faz emergir diferentes categorias de discurso do sujeito coletivo, formando conjuntos de indivíduos com opiniões de sentido semelhante.

Depois, constitui-se um depoimento síntese de cada DSC, utilizando categorias semânticas, redigindo um discurso na primeira pessoa do singular. Por esse procedimento demonstra-se como essa coletividade ou subgrupo pensa determinado assunto (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010). Esse discurso conterá expressões-chave e ideias centrais de indivíduos que representam em comum. As expressões-chave são aquelas construídas a partir de fragmentos das transcrições literais dos depoimentos, que são a essência do conteúdo discursivo na resposta de cada indivíduo. As ideias centrais são extraídas a partir das expressões-chave, que serão o ponto de partida para a formulação do discurso. Por isso, o DSC é um procedimento metodológico que permite análise qualitativa dos pesquisados, mas também quantitativa, revelando o campo social em que se situam e as diferenças e semelhanças de suas visões (sujeitos coletivos) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010).

O DSC é o estágio final, ou síntese que deriva das etapas de extração das ideias centrais e expressões-chaves, representando o conjunto nuclear dos discursos, que invariavelmente pode conter “âncoras”. Ou seja, a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ideologia ou crença que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para enquadrar uma situação específica (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

Esse método foi escolhido porque tem potencial de revelar as representações sociais compartilhadas pelos adolescentes e jovens sobre as situações de troca de sexo por bens materiais, *status* e/ou dinheiro, permitindo que sejam comparadas em sua diversidade e quantidade. Considera-se, assim, que a opinião de uma pessoa nunca é apenas sua, mas representa um conjunto de indivíduos de determinado grupo reproduzindo os valores de sua coletividade (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010).

3.2 LOCAL DA PESQUISA

O estudo foi realizado em Rio Branco, capital do Acre, na região Norte do país. O município está situado a 3.123 quilômetros de Brasília, capital federal, às margens do Rio Acre, na mesorregião do Vale do Acre – Regional Baixo Acre. Rio Branco está localizada a 9°58'29" sul e a 67°48'36" oeste, numa altitude de 153 metros acima do nível do mar, sendo cortada pelo rio, que divide a cidade em duas partes denominadas Primeiro e Segundo Distritos. Sua extensão territorial é de 9.222,58 km², sendo o quinto município do Estado em tamanho territorial.

Em 2015, a população de Rio Branco foi estimada de 370.550 habitantes (IBGE, 2010), situação que faz da capital acreana a sexta cidade mais populosa do Norte brasileiro. A população jovem, de 15 a 29 anos, correspondente a 106.632 pessoas. A densidade demográfica é 38,03 habitantes por km², sendo que, atualmente, 91.82% dos seus habitantes vivem na zona urbana e 8.18% na zona rural. Esse perfil demográfico revela uma forte tendência urbana do município, que, no entanto, a exemplo da maioria das cidades da Amazônia, estabelece estreita relação com o campo e a floresta.

Conformando uma tendência historicamente consolidada, a taxa de urbanização vem crescendo, como evidente inchamento da cidade. Os dados dos últimos censos no do Acre apontam uma modificação extremamente drástica no comportamento dos seus habitantes. No ano de 1970, a população urbana representava 42,37%, passando para 74,84% em 1980. Nos anos de 1990 a 2000, saltou para próximo de 90% e em 2010

atingiu o patamar de 91.83% (IBGE, 2010). Rio Branco, conforme ranking do IDH dos Municípios do Brasil 2010, figura na 1.107ª colocação, com índice de 0,727. O IDH 2010 do Acre é equacionado pelo IDH Renda (0,671), Saúde (0,777) e Educação (0,559). Já o IDH Rio Branco 2010 apresenta índice de Renda de 0,729, Saúde de 0,798 e Educação de 0,661.

Do ponto de vista geopolítico, a capital acreana tem destacada relevância na integração regional sul-americana, em virtude da posição estratégica em relação ao Peru, à Bolívia, às cidades amazônicas de Manaus, Porto Velho e ao oceano Pacífico. Situa-se no centro de uma macrorregião distante aproximadamente 1.000 quilômetros de Manaus, a nordeste; 420 de Iquitos, a noroeste; 500 de Lima, a oeste; 750 do Porto de Ilo, a sudoeste; 625 de La Paz; e 917 de Santa Cruz, a sudeste.

O município é um elo importante do eixo Brasil-Peru-Bolívia, proposto pela “Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana” (IIRSA), pois a consolidação da Rodovia Transoceânica, que integrará o Acre aos portos de Ilo e Matarani, permitirá fluxos comerciais, turísticos e culturais que impulsionarão a integração e o desenvolvimento da macrorregião de abrangência deste eixo, além de criar oportunidades de comércio com os países asiáticos na rota do Pacífico.

Culturalmente, o Acre se caracteriza por ter uma população indígena – cerca 15.921 índios. Devido à ocupação territorial do Estado ter sido feita por colonos nordestinos, sulistas e paulistas, a cultura regional e gastronômica sofreram forte influência destes grupos.

Quanto às características epidemiológicas de Rio Branco, as doenças transmissíveis, como a tuberculose e a hanseníase, e as sexualmente transmissíveis, como a HIV/aids, a sífilis congênita, a sífilis na gestação e as hepatites virais, ainda são importantes problemas de saúde pública, tendo impacto expressivo sobre a morbidade, em especial aquela provocada por doenças para as quais já se dispõe de mecanismos eficazes de prevenção, associando causas ambientais à sua ocorrência. Isso mostra a necessidade da adoção de estratégias integradas do setor saúde e da área social como um todo para a promoção de saúde no município.

Outras doenças e agravos relevantes na região são a dengue, a leishmaniose tegumentar americana (LTA), a malária, as meningites, a leptospirose, a raiva, a diarreia, a hipertensão arterial (HAS), a diabetes mellitus (DM), as infecções respiratórias agudas, a cárie dentária, a doença periodontal e o câncer bucal, além dos transtornos mentais. No período de 2008 a 2012, as cinco principais causas básicas de

óbitos na capital acreana foram as doenças do aparelho circulatório, as causas externas, as doenças do aparelho respiratório, endócrinas e metabólicas e as neoplasias (RIO BRANCO, 2013). A taxa de mortalidade infantil mantém tendência contínua de queda nos últimos doze anos, passando de 28 óbitos para cada mil bebês nascidos vivos em 2000 para 12,46 óbitos em 2012, uma redução de 55,5% (RIO BRANCO, 2013).

3.3 POPULAÇÃO-ALVO E AMOSTRA

A população do estudo abrangeu estudantes jovens, de ambos os sexos, de diferentes cursos do *campus* da União Educacional do Norte (Uninorte), faculdade privada localizada em Rio Branco. Como critérios para inclusão na amostra definiu-se: ser estudante de qualquer curso daquela universidade, estar na faixa etária dos 18 aos 25 anos e ter interesse voluntário em participar do estudo, por meio do consentimento individual, confirmado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), *on-line* (Anexo 1).

A amostra, portanto, foi de conveniência, intencional e não probabilística, somando 130 estudantes de cursos em diversas áreas (exatas, ciências da saúde e humanas) da Uninorte: 70 do sexo feminino e 60 do sexo masculino.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.4.1 Pré-Teste do Questionário

O questionário semiestruturado individual autopreenchível, elaborado para o estudo, foi publicado na internet com acesso público livre e gratuito, no endereço eletrônico: <http://qlqt.ipdsc.com.br/qlqt/detalhespesquisa.php?id=167>, divulgado por *e-mail* a coordenadores de curso, com o intuito de realização de pré-testes para a verificação da compreensão e linguagem das questões elaboradas, juntamente com a validação do TCLE. Após a pré-testagem, feita por 27 estudantes de outras universidades, entre os meses de novembro e dezembro de 2012, o questionário sofreu ajuste de estrutura e linguagem, sendo finalizado para a efetivação do estudo.

O questionário final foi organizado em dois blocos (Anexo 2):

- **BLOCO 1:** apresentação do TCLE, mediante o que o pesquisado só tinha acesso às demais questões se clicasse na opção “CONCORDO”. Em seguida foram apresentadas 9 questões, numeradas de 2 a 10 onde são levantados aspectos relacionados ao perfil socioeconômico do entrevistado (sexo, idade, escolaridade, escolaridade do chefe da família, religião, *campus* de estudo, curso, cidade de residência e renda familiar).
- **BLOCO 2:** contendo sete casos (histórias hipotéticas) que apresentam situações de vulnerabilidade socioeconômica, material e de gênero ligadas **à troca de sexo por bens materiais de status ou vantagens econômicas**, referindo-se cada uma a duas perguntas abertas aos seus personagens. No final do questionário era apresentada a questão conclusiva: *“Nós falamos de diversas situações da vida. Você acha que elas têm alguma coisa em comum ou não? Fale um pouco sobre isto”*.

CASO 1

Miguel, 16 anos, encontra seu amigo Alfredo, 17 anos. Alfredo convida Miguel para tomar cerveja no bar.

Alfredo fala: *“Sabe, ontem dei uma transada com uma mulher lá na casa da rua 13. Você conhece? Foi muito bom”*.

Miguel pergunta: *“... e como ela era?”*

Alfredo: *“... sabe que não me lembro bem, só lembro que era morena e meio baixinha. Bom, mas o que importa a cara dela, né?”*

Miguel responde: *“Bom, isso é verdade”*

Perguntas feitas para este caso:

1) O que você acha: importa a cara dela ou não importa? Por que importa ou por que não importa?

CASO 2

Renata tem 19 anos. É bonita, inteligente e frequenta uma universidade.

Renata encontra Suzana, sua amiga.

Suzana fala: *“Nossa, que bolsa bonita a sua!”*

Renata responde: *“Ah, foi um amigo que me deu”*.

Suzana: *“Amigo?”*

Renata explica: *“Bom, mais ou menos... Eu conheci um cara numa festa e ele perguntou se eu queria passar a noite com ele. E daí eu disse: ‘Eu estou precisando de uma bolsa nova, vale?’ Aí, quando a gente saiu, ele me deu este presente e daí acabei ganhando esta bolsa...”*

Suzana continua: *“Você vai continuar a ver o rapaz?”*

Renata: *“Ah, não... Foi só uma bolsa!”*

Perguntas feitas para este caso:

- 1) O que você acha do comportamento da Renata? Por quê?
- 2) O que você acha do comportamento do amigo que deu o presente? Por quê?

CASO 3

Maria das Dores tinha 18 anos e era muito vaidosa, mas pobre. Vivia numa cidade do interior sem muitos recursos e, por mais que se esforçasse, só conseguia empregos simples porque tinha pouco estudo.

Conheceu um homem de 48 anos, da capital, que, vendo a beleza do seu corpo, perguntou se queria morar com ele. Teria que cuidar da casa, dormir com ele, mas poderia trabalhar à tarde.

Maria pensou: *“Morando com ele faço minhas economias e consigo juntar algum dinheiro. Assim posso pagar um curso e, talvez, até uma faculdade”.*

Depois um tempo aceitou a oferta, arrumou suas coisas para ir.

Perguntas feitas para este caso:

- 1) O que você acha desse caso? Por quê? Qual a sua opinião sobre a decisão da Maria das Dores?
- 2) O que você acha do comportamento do homem que ela conheceu? Por quê?

CASO 4

Roberta era uma morena bonita que trabalhava de caixa num supermercado. Ela era uma funcionária dedicada.

Nelson era gerente do supermercado, um cara legal e até boa pinta.

Um dia, Nelson chegou para a Roberta e disse: *“Tem uma vaga no almoxarifado e acho que você se daria muito bem lá. Então, Roberta? A gente poderia sair uma noite dessas e aí eu posso falar com o chefe... e indicar você para a vaga. Que tal?”*

Roberta ficou em dúvida se saía ou não saía e foi pedir conselho para sua amiga Mary.

Mary disse: *“Roberta, deixe de besteira! A vida é assim mesmo e essa pode ser a tua chance... É só uma noite e o cara afinal é boa pinta, não é?”*

Perguntas feitas para este caso:

- 1) O que você achou do conselho da Mary? Você daria esse conselho ou não? Por quê?
- 2) O que você achou do comportamento do Nelson? Por quê?

CASO 5

Luciana adorava sair e se divertir com os amigos, mas neste dia estava com pouco dinheiro e foi até a entrada da balada. Tinha apenas o dinheiro para a entrada e estava em dúvida se ia ou não, pois só conseguia se divertir se usasse algo que a estimulasse a dançar: ou bebidas ou cocaína ou energéticos.

Gustavo era da sua rua e estava entrando no bar. Ele sempre tinha algum dinheiro a mais e trazia bebidas por dentro de sua roupa.

Gustavo fala: *“Vamos entrar, Luciana?”*

Luciana responde: *“Sei não, estou com pouco pique e dura para comprar algo”.*

Gustavo: *“Nem pense, gata! Você entra comigo, curte de tudo que eu tiver, em troca dorme lá em casa comigo. Tá a fim?”*

Luciana: *“Eu tava fissurada mesmo, então eu topo.”*

Perguntas feitas para este caso:

- 1) O que você acha do comportamento da Luciana? Por quê?
- 2) O que você acha do convite do Gustavo? Por quê?

CASO 6

Ana Luiza, jovem, bonita, desinibida, quer concluir seu curso de jornalismo em uma renomada universidade privada e não vê problemas em ter algumas transas que ajudem a complementar sua renda.

Maria Alice, sua amiga de infância, comenta: *“Ana, você é doida, fica saindo com uns caras que você nem sabe direito quem são”.*

Ana Luiza: *“Também não é para tanto. Só saio com cara boa pinta e abonado! É só até me formar. E, quando eu for uma jornalista conceituada, isso não vai fazer diferença na minha vida”.*

Maria Alice: *“Você pelo menos se protege? Já fez o teste da aids? Já pediu para os caras fazerem?”*

Ana Luiza: *“Vira esta boca para lá. Claro que não! Nem fala disso que pode atrair azar!”*

Perguntas feitas para este caso:

- 1) O que você acha da postura da Ana Luiza?
- 2) Se você fosse a Maria Alice, como continuaria essa conversa com a Ana Luiza?

CASO 7

Orlando, 26 anos, moreno, bonito, encontra Lúcia, 55 anos, empresária bem-sucedida e divorciada. Ela o convida para o jantar e depois dar uma esticada. Orlando diz que tudo bem, mas que está sem grana. Lúcia afirma que pode bancar tudo, mas gosta das coisas bem feitas...

No dia seguinte Orlando comenta o caso com um amigo, Carlos.

Carlos: *“A coroa era gostosa? Você topou?”*

Orlando: *“Claro que topei. Ela não era de todo mal e me levou a lugares superdescolados. Quando você acha que vou ter grana para ir em um lugar assim?”*

Carlos: *“E você usou preservativo?”*

Orlando: *“Imagine! Ela era toda cheirosa e bem arrumada, e acho que nem pode mais engravidar”.*

Perguntas feitas para este caso:

- 1) O que você acha da postura de Lúcia?
- 2) Comente a opinião do Orlando.

3.4.2 Coleta e Análise dos Dados

A coleta de dados foi precedida pela formalização de autorização junto a reitores, coordenadores de curso e professores da Uninorte para a aplicação da pesquisa, de forma que disponibilizassem suas aulas para divulgação – via *folders*, *banner* e

chamadas coletivas – e, posteriormente, liberação dos alunos(as) para encontros no laboratório de informática com acesso à internet, onde foi explicado e dado acesso à participação no estudo e preenchimento do questionário em dias pré-agendados, divulgados previamente.

A plataforma *on-line* utilizada para a coleta foi o programa QLQT online¹, software complementar criado e disponibilizado pelo Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo (IPDSC), sendo possível gerar formulários de pesquisa com questões abertas e fechadas. Essa plataforma permite a exportação dos resultados para o programa Qualiquantsoft utilizado para análise de dados pela metodologia do DSC.

A coleta de dados ocorreu entre agosto e dezembro de 2013. Após esse período a pesquisa foi encerrada e os questionários preenchidos foram exportados para uma planilha do Excel, para processamento através do programa Qualiquantsoft, desenvolvido para apoio à análise de discursos por meio da técnica do DSC. As etapas realizadas nesse software foram: o cadastramento dos dados de identificação dos participantes e suas respectivas respostas; a identificação de ideias centrais (IC) nos discursos (tipos de discursos e sentidos contidos nas repostas); e identificação de expressões-chave (ECH) – trechos ou segmentos que revelavam a essência do pensamento – de cada IC, revelando “como” o sujeito expressou sua ideia determinada.

O conjunto de todas as IC extraídas das respostas de todos os sujeitos para a mesma questão, e para cada questão da entrevista, foi analisado e dividido em grupos semanticamente homogêneos de percepções, compondo categorias analíticas utilizadas para classificação e quantificação de todas as respostas em DSC – categorias de discursos do sujeito coletivo.

No final, para cada categoria foi construído um discurso-síntese ou discurso do sujeito coletivo, utilizando-se das ECH, que foram revistos e tiveram sua escrita adaptada.

O conjunto dessas análises do DSC permitiu a visualização quantitativa e qualitativa e a discussão da percepção de jovens universitários sobre as diversas situações de vulnerabilidade que levam à adesão a relações de prostituição e troca de sexo por bens materiais e *status*, apresentadas no estudo.

¹ Disponível em: <<http://qlqt.ipdsc.com.br/>>.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A presente pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e contou com a apresentação de questionário *on-line*, mediante preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que assegurava a privacidade, a confidencialidade das informações, o anonimato e o direito de desistir da pesquisa, a qualquer momento, a todos os participantes, atendendo às normas e diretrizes da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996a). O questionário *on-line* só era aberto mediante o aceite dessas condições.

4 RESULTADOS

4.1 PERFIL DA AMOSTRA

Participaram do estudo 130 estudantes universitários do *campus* da Uninorte, em Rio Branco (Acre): 70 (53,8%) do sexo feminino e 60 (46,2%) do sexo masculino, na faixa etária entre 18 e 25 anos, de cursos em diversas áreas (exatas, ciências da saúde e humanas). É válido reconhecer a distribuição desses segundo área de estudo, escolaridade do chefe da família, renda familiar e religião.

Observa-se que houve uma participação maior dos alunos dos cursos da área de ciências da saúde, apesar da divulgação ter ocorrido em todos os cursos, nos três turnos de aula.

Figura 1. Distribuição da amostra segundo área de estudo, *campus* da Uninorte, Rio Branco (Acre), 2013.

Observou-se que a amostra está concentrada em pessoas de renda familiar na faixa entre um e três salários mínimos, com a escolaridade do chefe da família de maior representatividade no ensino fundamental e médio.

Figura 2. Distribuição da amostra segundo renda familiar (em salários mínimos – SM), Rio Branco (Acre), 2013.

Figura 3. Distribuição da amostra segundo grau de escolaridade do chefe da família, Rio Branco (Acre), 2013.

Figura 4. Distribuição da amostra segundo religião referida, Rio Branco (Acre), 2013.

Também nos chamou atenção a questão da religião referida pelos jovens: 74 (56,9%) são evangélicos e 28 (21,6%) católicos, ou seja, a maioria segue uma doutrina cristã.

4.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS COLETIVOS

Como descrito na metodologia, para análise do discurso do sujeito coletivo os dados foram coletados a partir de questões abertas colocadas pelos casos, ou seja, os participantes faziam a leitura das histórias e opinavam sobre diferentes aspectos preestabelecidas (ver abaixo), que apresentavam situações de vulnerabilidade socioeconômica, material e de gênero ligadas à prostituição.

Para melhor visualização e compreensão, abaixo são apresentados os resultados relativos a cada caso, explicitando as categorias encontradas nos discursos, representadas pelas ideias centrais (IC) presentes nos quadros. Estes são seguidos de gráficos que auxiliam na visualização das diferenças percentuais de cada categoria, expressando força/intensidade e amplitude de sua representação, seguidos dos DSC, grafados em *itálico*, constituindo a síntese da fala do grupo, referida anteriormente, com pensamento similar.

Vale ressaltar que vários entrevistados apresentaram mais de uma IC no discurso resposta a uma questão.

QUESTÕES E CASO 1

Miguel, 16 anos, encontra seu amigo Alfredo, 17 anos. Alfredo convida Miguel para tomar cerveja no bar.

Alfredo fala: *“Sabe, ontem dei uma transada com uma mulher lá na casa da rua 13. Você conhece? Foi muito bom!”*

Miguel pergunta: *“... e como ela era?”*

Alfredo responde: *“... sabe que não me lembro bem. Só lembro que era morena e meio baixinha. Bom, mas o que importa a cara dela, né?”*

Miguel responde: *“Bom, isso é verdade”.*

Com relação ao Caso 1, referente às opiniões dos jovens universitários quanto ao comportamento de pessoas que se envolvem em uma relação sexual sem conhecer previamente a(o) parceira(o), as respostas obtidas foram:

Quadro 1. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 1, Rio Branco (Acre), 2013.

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	(%)	FEM		MASC	
				N	%	N	%
CASO 1 - O que você acha: importa a cara dela ou não importa? - Por que importa ou por que não importa?	A - Importa a cara porque temos que saber com quem nos envolvemos.	42	32,31	19	45,2	23	54,8
	B - Não importa apenas a cara, mas a exposição à doença e gravidez.	28	21,54	17	60,7	11	39,3
	C - Para ele não importa a cara e sim a transa, o desejo sexual.	15	11,54	11	73,3	4	26,7
	D - Não importa somente a cara, mas o conjunto de fatores que descrevem a pessoa.	13	10,00	8	61,5	5	38,5
	E - Importa. Relação sexual é mais do que só sexo.	9	6,92	4	44,4	5	55,6
	F - Conduta indecente.	12	9,23	7	58,3	5	41,7
	G - Importa a cara e o resto; não pode ser feia.	8	6,15	2	25,0	6	75,0
	H - Sexo só depois do casamento.	1	0,77	1	100,0	-	-
	I - Sem resposta.	2	1,54	-	-	2	100,0

Figura 5. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 1, Rio Branco (Acre), 2013.

Observou-se que 49% dos entrevistados (incluindo os que responderam às categorias A, D e E) consideram importante conhecer a pessoa com quem se envolve, pois sexo não deve ser feito com desconhecido. Não importa somente a cara, mas o conjunto de fatores que descrevem a pessoa (o caráter, a personalidade), ressaltando que

as mulheres não são lixo para ser usadas e jogadas fora. Esses discursos contestam a “coisificação” da mulher, ou seja, ela não é para servir aos apetites sexuais masculinos. Outro fator observado é que 21,5% dos jovens citam que conhecer o parceiro é importante para prevenir riscos e exposição a doenças (DST) e gravidez.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A-CASO 1: Importa a cara porque temos que saber com quem nos envolvemos.

Importa a cara porque temos que saber com quem nos envolvemos; é importante, precisa conhecer o outro, conhecer mais sobre a moça, saber quem é a mulher. Não se deve transar com qualquer uma, sexo não deve ser feito com desconhecido, deve ter respeito com o outro, devemos escolher com quem nos relacionamos. Sexo é uma intimidade entre duas pessoas. No fundo, ele é um medíocre, um canalha, pois, além de prostituta, ela é uma pessoa, um ser humano. As mulheres não são lixos pra serem usadas e jogadas fora. Ela provavelmente estava fazendo sexo com sentimento, pois, na maioria das vezes, a mulher leva muito a sério o sexo.

DSC B-CASO 1: Não importa apenas a cara, mas a exposição à doença e gravidez.

Não importa apenas a cara, desde que use camisinha para prevenir riscos, a exposição à doença. Deveria conhecer a mulher para evitar, evitar doenças (DST) e gravidez, conhecer com quem se relaciona é bom para prevenção, para informar, no caso, se ele for contaminado por alguma doença. Neste caso ambos têm que fazer tratamento. Então, não importa a cara e sim a personalidade, como toda ela, para não correr o risco de pegar doenças, já que tem pessoas que têm DST e não falam.

DSC C-CASO 1: Para ele não importa a cara e sim a transa, o desejo sexual.

Não importa a cara e sim o sexo, foi só uma transa. Os jovens só querem curtir com muitas mulheres, não têm consciência dos atos que tomam, porque o que importa pra eles são quantas garotas transam e não quem são, a quantidade é mais importante que a qualidade. Ele estava mais interessado no sexo do que em ter uma relação afetiva com a “mulher”. Enfim, é um cafajeste, um moleque, um pegador, transa para satisfazer o seu desejo sexual.

DSC D-CASO 1: Não importa somente a cara, mas o conjunto de fatores que descrevem a pessoa.

Não importa somente a cara, mas o conjunto de fatores que descrevem a pessoa, o caráter, a personalidade. Não é só a beleza exterior; também os costumes, educação, instrução da outra pessoa. Ele é um gabola, sem caráter; não respeitou a menina.

DSC E-CASO 1: Importa. Relação sexual é mais do que só sexo.

Relação sexual é mais do que só sexo; tem que ter outras trocas, tem que ter sentimentos e não apenas satisfação sexual, porque sexo e amor têm que andar juntos. O sexo entre duas pessoas deve acontecer dentro de um relacionamento e não simplesmente por prazer, não pode ser feito, assim, com qualquer pessoa; tem que ser algo especial, é necessário certa intimidade, conhecimento, convívio entre o casal.

DSC F-CASO 1: Conduta indecente.

Ele teve uma postura indecente e sem caráter. Não devia falar de suas relações íntimas, tem que ser sensato e ter princípios morais. Ele foi egoísta, safado e mulherengo. Os jovens vendem seu corpo em troca de algo, não se dão valor, não têm respeito por si próprios e nem ao próximo. As pessoas têm que ser mais éticas em seus atos, ter mais escrúpulos. No fundo, ele é um menino imaturo, ele falou apenas para se vangloriar; um nojento, não tem nenhuma base familiar e nem está cercado de boas companhias.

DSC G -Caso 1: Importa a cara e o resto, não pode ser feia.

Importa a cara, porque se for feia eu não pegaria. Para o sexo o que importa é a beleza do corpo, a beleza da pessoa também conta. Não é só a parte física, mas o rosto influencia na simpatia com a pessoa. Sexo só para satisfazer, ela tem que ser no mínimo bonita. Comportamento normal dos adolescentes de hoje: quase sempre escolhemos as pessoas com quem vamos ter uma relação passageira pelas suas características fisiológicas.

DSC H-CASO 1: Sexo só depois do casamento.

Importa, porque o sexo não deve ser feito só por prazer. Sexo deve ser feito depois do casamento.

QUESTÕES E CASO 2

Renata tem 19 anos, é bonita, inteligente e frequenta uma universidade. Renata encontra Suzana, sua amiga.

Suzana fala: “Nossa, que bolsa bonita a sua!”

Renata responde: “Ah, foi um amigo que me deu”.

Suzana: “Amigo?”

Renata explica: “Bom, mais ou menos... Eu conheci um cara numa festa e ele perguntou se eu queria passar a noite com ele e daí eu disse: ‘Eu estou precisando de uma bolsa nova, vale?’ Aí, quando a gente saiu, ele me deu este presente e daí acabei ganhando esta bolsa...”

Suzana continua: “Você vai continuar a ver o rapaz?”

Renata: “Ah, não... Foi só uma bolsa!”

As opiniões sobre a troca sexual por bens materiais foram:

Quadro 2. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 2, Rio Branco (Acre), 2013.

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	(%)	FEM		MASC	
				N	%	N	%
CASO 2 - O que você acha do comportamento da Renata? Por quê? - O que você acha do comportamento do amigo que deu o presente? Por quê?	A - Comportamento dela foi errado, de prostituição, se vendeu por uma bolsa. Interesseira, não se valoriza, vulgar, sem caráter, não se dar ao respeito.	114	87,69	58	50,9	56	49,1
	B - Conduta errada dos dois; exposição a risco de doenças e gravidez.	8	6,15	7	87,5	1	12,5
	C - Acontece com meninas carentes.	2	1,54	-	-	2	100,0
	D - Comportamento impróprio, ela não é uma boa moça e ele é sem caráter.	3	2,31	2	66,7	1	33,3
	E - Comportamento dela normal.	1	0,77	-	-	1	100,0
	F - Os dois têm o mesmo preço, nada.	1	0,77	1	100,0	-	-
	G - Sem resposta.	1	0,77	1	100,0	-	-

Figura 6. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas das Questão-Caso 2, Rio Branco (Acre), 2013.

Do total de entrevistados, a maioria considera o comportamento de ambos errado e inadequado. No entanto, algumas falas consideram a menina como interesseira, quenga, promíscua etc., porque ela se vendeu por uma bolsa, enquanto a atitude do menino foi tida como normal, comum – foi só um presente.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A-CASO 2: Comportamento dela foi errado, de prostituição, se vendeu por uma bolsa. Interesseira, não se valoriza, vulgar, sem caráter, não se dar ao respeito...

Ela teve comportamento errado, inadequado, ainda mais por se tratar de uma universitária. Interesseira, não se valoriza, sem caráter, não se dar ao respeito, não tem amor próprio... medíocre, vulgar e indecente, uma quenga. É promíscua, se vendeu por uma bolsa, por uma coisa fútil, os bens materiais são mais que sua dignidade. Ela transou por algo em troca, agiu como prostituta, como uma profissional do sexo; é aproveitadora, se prostituir é crime. Sexo por interesse para ganhar algo material é comportamento de prostituição oculta. Ele agiu errado, com má intenção, se aproveitou dela; interesseiro, cretino, sem caráter, tem o “instinto caçador”. Queria apenas curtir, transar, foi mais uma noitada; pagou por algo, safadeza comprar as mulheres. É um retardado, compra tudo por sexo. Ele não sabe respeitar nem valorizar a mulher, não tem valores morais. Está estimulando a prostituição, porque aceitou a troca de um objeto por sexo e não tem respeito por ele mesmo, comprar sexo é incompetência de achar uma mulher que transe com ele por sentimentos. Ele tinha dificuldade para se relacionar com pessoas. Não teve culpa, garota bonita e dando mole não tinha como ter outra reação, não vejo nada de mais, comparo à lei da oferta e da procura. Para ele foi uma troca de favor, foi normal, comum, simplesmente deu um presente; os homens hoje transam com garotas e dão presentes. Foi uma vítima do sistema. Ele não tem nada a ver com isso, se ele não for casado... a vida é um jogo de interesse, a maioria das adolescentes fazem isso hoje. Enfim, ele tem o mesmo preço que ela, nada; tão feio por dentro quanto ela.

DSC B-CASO 2: Conduta errada dos dois; exposição a risco de doenças e gravidez.

Ela teve uma conduta errada, se expôs a riscos de contaminação por doenças ou gravidez indesejada. A saúde vale mais que uma bolsa. Ele se aproveitou, mas também entra na zona de risco porque poderia pegar doenças. Homem só quer saber de pegar e transar, por isso muitos estão contaminados com vírus da aids. Os dois foram negligentes, atitude de riscos à saúde e a se contaminarem com DST.

DSC C-CASO 2: Acontece com meninas carentes...

Um absurdo! Nas grandes cidades essa é a saída para a pobreza, acontece na realidade de meninas carentes, pra comprar o que necessitam têm essas práticas. Eles gostam de agradar as garotas, normal.

DSC D-CASO 2: Comportamento impróprio; ela não é uma boa moça e ele é sem caráter.

Ela teve um comportamento ridículo, impróprio e imprudente, não é uma boa moça. Ele poderia ter feito coisa pior com ela. Ele é sem caráter, deu o presente como forma de pagamento, foi uma troca de favor.

DSC E-CASO 2: Comportamento dela normal.

Comportamento normal nos dias atuais, quando recebem o não dos pais sujeitam-se a tais práticas. Ele foi interesseiro e aproveitador.

DSC F-CASO 2: Os dois têm o mesmo preço, nada.

Os dois têm o mesmo preço, nada. Ele estava apenas a usando.

QUESTÕES E CASO 3

Maria das Dores tinha 18 anos e era muito vaidosa, mas pobre. Vivia numa cidade do interior sem muitos recursos e, por mais que se esforçasse, só conseguia empregos simples, porque tinha pouco estudo.

Conheceu um homem de 48 anos da capital que, vendo a beleza do seu corpo, perguntou se queria morar com ele. Teria de cuidar da casa, dormir com ele, mas poderia trabalhar à tarde.

Maria pensou: *“Morando com ele, faço minhas economias e consigo juntar algum dinheiro. Assim posso pagar um curso e talvez até uma faculdade”.*

Depois um tempo aceitou a oferta, arrumou suas coisas para ir.

As percepções quanto à troca sexual entre uma jovem de 18 anos e um homem mais velho, por uma melhoria nas condições econômica, foram:

Quadro 3. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 3, Rio Branco (Acre), 2013.

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	(%)	FEM		MAS	
				N	%	N	%
CASO 3 - O que você acha desse caso? Por quê? Qual a sua opinião sobre a decisão da Maria das Dores? - O que você acha do comportamento do homem que ela conheceu? Por quê?	A - Ela foi oportunista, não se valorizou. Foi uma troca de interesse ou de favor.	42	32,31	24	57,1	18	42,9
	B - Ela agiu normal, pensou no futuro.	39	30,00	18	46,1	21	53,9
	C - Errada, deveria vencer pelo próprio esforço ou de outras maneiras.	20	15,38	13	65,0	7	35,0
	D - Errada, não devia vender o corpo, é prostituição.	9	6,92	5	55,6	4	44,4
	E - Garota pobre acha a liberdade num casamento.	6	4,62	2	33,3	4	66,7
	F - Atitude não correta para morar com outra pessoa	5	3,85	3	60,0	2	40,0
	G - Quase prostituição...	2	1,54	2	100,0	-	-
	H - Ele não tem apego pela família.	2	1,54	1	50,0	1	50,0
	I - Não é a idade que vai fazer a relação ser um fracasso.	1	0,77	-	-	1	100,0
	J - Falta de acompanhamento familiar.	1	0,77	-	-	1	100,0
	K - Pode ser um abuso sexual.	1	0,77	1	100,0	-	-
	L - Sem resposta.	2	1,54	1	50,0	1	50,0

Figura 7. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas Questão-Caso 3, Rio Branco (Acre), 2013.

As opiniões presentes nas categorias A, C, D e F indicam que 78,5% dos jovens não concordam com a atitude dos dois (Maria das Dores e o homem), pois ambos agiram por interesse: ele, para ter uma mulher que exercesse seu papel em casa e na sociedade, foi vaidoso, viu nela um objeto que poderia tomar para si e satisfazer o desejo de ter uma pessoa para servi-lo; ela, porque queria crescer financeiramente a qualquer custo, foi precipitada, morar com quem não conhecia não justifica usar uma pessoa pra suprir as necessidades, deveria arrumar um emprego, muito nova, poderia vencer na vida de outra forma. No entanto, 30% dos entrevistados acham que os dois agiram de modo normal: ela estava pensando no seu futuro profissional, em estudar, em ter uma vida melhor e viu uma oportunidade para crescer e mudar de vida, de conquistar seu objetivo; ele deu uma oportunidade para garantir o futuro dela, apesar de impor uma condição, só queria ajudá-la, teve um comportamento de gentileza, teve boas intenções, para ela não passar necessidades e subir na vida.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A-CASO 3: Ela foi oportunista, não se valorizou. Foi uma troca de interesse ou de favor.

Ela aproveitou a oportunidade, queria crescer financeiramente a qualquer custo, está trocando a dignidade pela faculdade; muitas não têm saída, não têm condições de buscar o melhor para si e tentam depender de outra pessoa para viver. Não deveria ter aceito, não conhecia o homem, foi irresponsável, começou errado. Sua necessidade, sonhos e objetivos

falaram mais alto do que a sua moral. Foi vaidosa, pensou no futuro e não nas consequências; podem surgir vários problemas (gravidez, doenças) e ela não entrar na faculdade. Ela visou à posição econômica; dinheiro não compra felicidade.

Ele é duvidoso porque não é qualquer um que faz uma proposta dessas sem segundas intenções, se aproveitou da situação. Ele não tem caráter, sem compromisso, desesperado, fez uma proposta indecente, ofereceu tudo o que tinha para ter uma empregada e “prostituta” para desfrutar; teve interesse somente pela beleza da moça, fez dela um objeto sexual, só queria sexo, roupa lavada e comida pronta. Comportamento errado, tem que sentir algo pela parceira. Atitude de todo homem quando vê uma mulher bonita e nova. Lamentável, ele é um velho idiota que usa de sua vida econômica pra buscar aquilo que dificilmente teria se fosse uma pessoa pobre; deveria procurar uma mulher de sua idade e do seu convívio social.

[Em] Ambos houve o interesse: dele, para ter uma mulher que exercesse seu papel em casa e na sociedade, queria uma companheira; e dela, por pensar em termos de futuro, viu nele uma melhoria de vida, talvez até se gostassem mais tarde. Foi uma troca de interesses sem vínculo sentimental. Ela foi interesseira, sem moral e imatura; sua vontade de progredir tapou os olhos para os perigos que podem correr, se arriscou e pode passar por situações bastante desagradáveis. Ele, um covarde, poderia propor emprego sem segundas intenções. Ele foi machista, esperto, tentando se dar bem. Comportamento inaceitável, essa proposta não deveria ser feita a mulher alguma, porque a mulher precisa ser amada e não ser uma moeda de troca.

DSC B-CASO 3: Ela agiu normal, pensou no futuro.

O interesse dela é bom, normal, pois estava pensando no seu futuro profissional, em estudar, em ter uma vida melhor. Uma mulher esforçada, tinha seus sonhos a realizar. Viu nessa ocasião uma oportunidade de crescer e mudar de vida, de conquistar seu objetivo; arriscou tudo que tinha para seguir um homem mais velho e que não conhecia. Uniu o útil ao agradável: haveria mudança em sua vida e um homem ao seu lado. É uma boa saída pra ela, já que não tem muitas escolhas; agiu por necessidade, a falta de oportunidade leva a isso, estava cansada de ficar na pobreza. Muitas pessoas ficam com outras por questões financeiras, método mais prático para ter alguma coisa. Ela não tinha opções para realizar seus sonhos, encontrou uma saída para realidade que vivia, a garota deve usar os meios necessários para conseguir o que deseja. Caso comum acontecer no interior: adolescentes que se iludem em troca de uma vida melhor.

Ele teve comportamento normal, pois ofereceu pra moça um lar, foi um meio de conquistar. Pra mim, se queria com boa intenção, concordo. Precisaria saber realmente qual a intenção dele. Deu a ela uma oportunidade para garantir o futuro, apesar de impor uma condição à mesma, só queria ajuda-la. Teve um comportamento de gentileza, teve boas intenções, dela não passar necessidades e subir na vida. Ele, solitário, precisava de uma pessoa para ser feliz ao seu lado, queria uma companheira e se apaixonou por ela, por ser nova e atraente, e ofereceu os seus recursos.

Ele se aproveitou da situação, da ingenuidade, da fragilidade e humildade dela, por ter melhor poder aquisitivo. Oportunista, uniu o útil ao agradável:

queria ela porque seria útil para ele; sem-vergonha, por ser mais velho não se dar ao respeito. Interesseiro, queria a mulher por causa da beleza, do corpo e não por amar; teve comportamento saliente, a trata como objeto. Foi errado conviver com uma pessoa estranha em casa; para morar com outra pessoa tem que amar.

DSC C-CASO 3: Errada, deveria vencer pelo próprio esforço ou de outras maneiras.

Ela foi errada, não deveria fazer isso, há outras formas de conseguir estabilidade; poderia conseguir um simples trabalho, economizar e vencer pelo próprio esforço. Poderia ter continuado na vida que tinha e não ter aceitado a oferta e não ter ido morar com ele; tinha que ter força de vontade pra conseguir o que queria, não é necessário optar por essa forma de sair do vermelho. Ridícula, não se deu valor, tem outras formas de conseguir uma faculdade, um curso. É uma coitada, não quer se esforçar pra subir na vida. Foi precipitada, morar com quem não conhecia, não justifica usar uma pessoa pra suprir as necessidades, deveria arrumar um emprego; muito nova, poderia vencer na vida sem aceitar isso. Ele não tem caráter, agiu errado, aproveitou-se da vulnerabilidade e das necessidades financeiras da moça, viu que ela era pobre e investiu; um oportunista, indecente e sem respeito, se sentiu atraído e queria apenas o corpo dela. Sem compromisso, agiu por interesse próprio, queria uma mulher para fazer serviços domésticos, satisfazer suas vontades, que matasse seu desejo e cuidasse de suas coisas. Enfim, comprou a moça em troca de moradia.

DSC D-CASO 3: Errada, não devia vender o corpo, é prostituição.

Não concordo, pois não é necessário vender seu corpo pra conseguir uma vida melhor; ela poderia até melhorar de vida, mas não ia ser feliz, a felicidade não pode ser vendida. É prostituição e errado, tem que ter caráter pra subir na vida. Ela não teve dignidade, é desonesto ganhar a vida servindo de prostituição. Ela entregou o corpo em troca de algo e que pode ter resultado indesejado. Ele é oportunista, se aproveitou da situação para ficar bancando o coroa com a mocinha. Vaidade dele, viu na mulher um objeto que poderia tomar para si e satisfazer o desejo de ter uma pessoa para servi-lo. Agiu por seus impulsos sexuais, mostrou interesse só no corpo dela. Ele não tem amor próprio, usa o poder (\$) para comprar a suposta felicidade, uma convivência. Ele poderia ter ajudado de outra forma.

DSC E- CASO 3: Garota pobre por falta de oportunidades indo pelo caminho mais fácil.

Acontece hoje em dia, pessoas pobres, por falta de oportunidades, indo pelo caminho mais fácil e sofrido, se envolvem com pessoas mais velhas por interesse financeiro, preferem se vender para buscar melhoria de vida ou acha a liberdade através de um casamento. Infelizmente, mulheres de poder aquisitivo muito baixo casam cedo. Comum acontecer, por falta de oportunidade de trabalho. Esse tipo de relacionamento nem sempre acaba bem, a mulher vai ficar submissa. Ele foi oportunista, queria usar da beleza e da bondade da moça que, por ser do interior e pobre, aproveitou de suas necessidades e fez uma proposta irrecusável, tratando-a como doméstica e

objeto sexual; é um doente, início da história de um estuprador ou talvez a intenção do homem não seja as piores, conheço casos que deram certo.

DSC F-CASO 3: Atitude não correta para morar com outra pessoa.

Atitude não correta, as pessoas devem conhecer umas às outras para depois morarem juntas e não devemos ficar com alguém por bens materiais, tem que ter amor; no caso, foi só interesse em se dar bem na vida; somente a convivência pode dizer se vai ser da maneira que ela quer. Ele se aproveitou da situação, foi esperto, mas está sendo tolo porque não sabe qual o caráter dela.

DSC G-CASO 3: Quase prostituição...

Ela não pensou em seus valores e virtudes; é imoral, quase uma prostituição. Ele queria ajudá-la, poderia só contratar como empregada e não dormir. Pode ter comprado ela, e pode ter se apaixonado.

DSC H-CASO 3: Ele não tem apego pela família.

Não garante futuro e nem boas condições, porque ele demonstra não ter apego pela família, pois a essa altura da vida ele já deveria estar estabilizado.

DSC I-CASO 3: Não é a idade que vai fazer a relação ser um fracasso.

Não é a idade que vai fazer a relação ser um fracasso. Na idade dele faria o mesmo.

DSC J-CASO 3: Falta de acompanhamento familiar.

Falta de conhecimento e de um acompanhamento familiar favorece a proposta oportunista. Ele foi um aproveitador.

DSC K- CASO 3: Pode ser um abuso sexual.

Acontece muito em nosso meio; pode ser um abuso sexual. Ele, aproveitador e de caráter duvidoso.

QUESTÕES E CASO 4

Roberta era uma morena bonita que trabalhava como caixa num supermercado. Ela era uma funcionária dedicada.

Nelson era gerente do supermercado, um cara legal e até boa pinta.

Um dia, Nelson chegou para a Roberta e disse: “*Tem uma vaga no almoxarifado e acho que você se daria muito bem lá. Então, Roberta? A gente poderia sair uma noite dessas e aí eu posso falar com o chefe... e indicar você para a vaga. Que tal?*”

Roberta ficou em dúvida se saía ou não saía e foi pedir conselho para sua amiga Mary.

Mary disse: “*Roberta, deixe de besteira! A vida é assim mesmo e essa pode ser a tua chance... É só uma noite e o cara, afinal, é boa pinta, não é?*”

As respostas quanto à troca sexual por ascensão profissional apresentaram as seguintes categorias:

Quadro 4. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 4, Rio Branco (Acre), 2013

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	%	FEM		MASC	
				N	%	N	%
CASO 4 - O que você achou do conselho da Mary? Você daria esse conselho ou não? Por quê? - O que você achou do comportamento do Nelson? Por quê?	A - Ela deveria se valorizar, se esforçar, se dar ao respeito... ele é um monstro aproveitador e sem ética profissional.	62	47,69	33	53,2	29	46,8
	B - Não daria esse conselho; promoção tem que ser por merecimento.	23	17,69	11	47,8	12	52,2
	C - Não daria, isso é prostituição, corpo não se vende...	21	16,15	14	66,7	7	33,3
	D - Não daria. A amiga deveria ser neutra, a escolha é dela...	10	7,69	4	40,0	6	60,0
	E - Sim, a gente procura melhoras, não custa nada sair.	7	5,38	3	42,8	4	57,2
	F - Ele agiu normal, deveria gostar dela e se acha bonito.	4	3,08	1	25,0	3	75,0
	G - Depende, ela poderia sair com ele e não acontecer nada.	1	0,77	1	100,0	-	-
	H - Não, temos que ficar com quem amamos.	1	0,77	1	100,0	-	-
	I - Sem resposta.	1	0,77	1	100,0	-	-

Nas categorias A, B e C (que representam 81% dos jovens) as opiniões são contrárias ao conselho que a amiga deu a Roberta, porque acham que a mulher tem de trabalhar dignamente e ser valorizada, tem de se dar ao respeito e subir na vida pelo próprio esforço e trabalho. Para esse grupo, há outros jeitos de ganhar a vida e ser bem-sucedida, não é certo sair com pessoas de cargos superiores para conseguir o que se quer. Promoção tem de ser por merecimento, as pessoas devem ganhar cargos ou vagas por competência, por seu próprio desempenho, pelo seu talento, sua capacidade e dedicação, de acordo com os seus próprios méritos e não por causa do corpo, por ser bonitas ou por uma transa. Quanto a ele: foi ridículo, indecente, safado, hipócrita e desonesto, pois não deveria subir de cargo uma pessoa por interesse; usou do poder, do cargo para conquistar a funcionária, para induzir e manipular a troca de favores; não foi profissional, aproveitou-se da ocasião, querendo “comprar” a mulher; só queria tirar vantagem; falta de respeito com a funcionária.

Figura 8. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 4, Rio Branco (Acre), 2013.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A-CASO 4: Ela deveria se valorizar, se esforçar, se dar ao respeito... ele é um monstro aproveitador e sem ética profissional.

A mulher tem que trabalhar dignamente e ser valorizada, tem que se dar ao respeito e subir na vida pelo próprio suor. O melhor tem que vir com esforço e trabalho. A moça ficou com ele por interesse; há outros jeitos de ganhar a vida e ser bem-sucedida. Não acho certo ficar com um cara apenas por um bom cargo, não devemos sair com cargos superiores para conseguir o que queremos, o nosso corpo não é objeto para ser vendido. Ela poderia ter chance sem precisar se vender pro gerente; diria pra ela não aceitar a proposta, temos que adquirir as coisas, sucesso e posições de acordo com nossos esforços e não pela beleza física ou indo pra cama com alguém. Horrível, onde fica a moral dela? A dedicação e a honestidade é o que nos faz crescer dignamente, tudo na vida deve ser conquistado, todos têm capacidade de arrumar emprego. O conselho só cooperou pra que ela não procurasse crescer na vida através dos estudos. Enfim, o mal que eu não quero pra mim não quero pra ninguém. Falaria pra ela continuar no que ela estava trabalhando. Se ela aceitar estará sendo antiética com si própria, pois essa não é uma atitude correta. Uma noite pode ser a dor de uma vida, porque quem vê cara não vê coração.

Ele teve um péssimo comportamento, poderia dar o cargo e ajudar sem interesse. É errado, ridículo, canalha, idiota, estúpido, medíocre e sem escrúpulos; quis comprar a moça, é a mesma coisa do teste do sofá. Se fosse boa pinta não venderia uma ajuda dessa, há outras formas de conquistar uma mulher. Ele induziu a amiga a fazer coisa errada, se aproveitou da situação, de sua influência, do seu poder na empresa e de sua

posição para seduzi-la. Usou a desculpa de um trabalho para sair com a pessoa que deseja, para abusar de uma pessoa carente, só queria tirar proveito da sua funcionária e agiu de má-fé para levá-la pra cama e satisfazer seus desejos sexuais. Teve atitude inaceitável, pois abusou do cargo para conseguir algo com a subordinada. Muito comum nos chefes; deveria ser processado, foi assédio moral e sexual; mandaria procurar as autoridades e relatar o abuso. Como gerente é imoral, não tem ética e nem caráter profissional; não deveria apresentar esse tipo de proposta, usando o poder em troca de sexo, não se pode fazer isso dentro de uma empresa. No fundo ele é ignorante, perverso, um monstro aproveitador e oportunista.

DSC B-CASO 4: Não daria esse conselho; promoção tem que ser por merecimento. Ele teve comportamento inadequado.

Não daria. Amigas de verdades não dão esses tipos de conselhos; promoção tem que ser por merecimento, as pessoas devem ganhar cargos ou vagas por competência, com seu próprio desempenho, pelo seu talento, capacidade e dedicação, com os seus próprios méritos, e não por causa do corpo, por serem bonitas ou por uma transa. Se ela fosse merecedora não precisaria sair com gerente, o seu chefe vai valorizá-la, terá capacidade para ganhar a promoção sozinha; se é capaz e faz um bom trabalho, as oportunidades vão surgir para ela. Ele foi ridículo, indecente, safado, hipócrita e desonesto, pois não deveria subir de cargo uma pessoa por interesse. Usou do poder, do cargo para conquistar a funcionária, para induzir e manipular a troca de favores. Não foi profissional, aproveitou-se da ocasião, querendo “comprar” a mulher. Só queria tirar vantagem, falta de respeito com a funcionária. Comportamento inadequado, ele deveria respeitar o ambiente de trabalho, se mostrou atraído pela moça e viu a oportunidade de se aproximar. Foi um aproveitador barato.

DSC C-CASO 4: Não daria, isso é prostituição, corpo não se vende...

Não daria esse conselho porque estaria incentivando a amiga a se prostituir. Uma forma muito baixa para se conquistar algo; ter relações sexuais com alguém em troca de um emprego melhor é uma forma de vender o corpo; ela não é um objeto à venda. Quem faz seu nome é você, não uma noite de sexo. Absurdo, nosso corpo não se vende, é uma forma de prostituição, ela deveria subir de cargo pelo seu esforço e dedicação. Para conquistar o que quer não é preciso se submeter a esse tipo de situação. Não concordo com esse tipo de comportamento onde as pessoas usam do seu próprio corpo para subir na vida. Os outros funcionários vão tratá-la como prostituta.

Ele teve um comportamento errado, usou de suas vantagens para sair com ela, se aproveitou do cargo, negociou a promoção de trabalho por sexo. É um mau caráter, é ruim, faltou com respeito, antiético, um abuso, merecia denunciar ao chefe, eu o denunciaria. Estava pensando só no sexo e não nas qualidades dela; é um canalha por fazer essa proposta, quis iludi-la, jogou a isca, pesca quem quer; inaceitável do meu ponto de vista. Ele é errado, um estúpido, sem caráter, um safado, egoísta, só pensou em si mesmo, queria se aproveitar da moça. Homens legais ajudam sem precisar fazer propostas indecentes.

DSC D-CASO 4: Não daria. A amiga deveria ser neutra, a escolha é dela...

Não daria. A amiga deveria ser neutra, a escolha é dela, a vida é dela, porque se conselho fosse bom ninguém dava, vendia. Diria pra ela fazer o que acha certo, isso vai da índole da pessoa. Não induziria a amiga a cometer um pecado; quero o melhor para os meus amigos. Daria o conselho para eles conversarem, primeiro.

Ele, como gerente, teria que dar o exemplo, e não dar essa proposta, ou seja, queria uma noite com ela em troca do cargo. Ele não foi profissional, poderia conseguir a oferta de emprego sem ter que sair com ela, foi covarde, canalha, cafajeste. Poderia ajudar sem abusar da posição, quis se aproveitar, foi esperto, queria enganá-la. Ou ele já podia estar interessado na garota e usou esse pretexto.

DSC E-CASO 4: Sim, a gente procura melhoras, não custa nada sair.

Sim, normal, a gente procura melhoras e não custa nada sair. Ela poderia se aproveitar dessa oportunidade pois era bonita; devemos aproveitar as chances que são pertinentes. Não acho nada errado, só tem emprego hoje “pexado” e ele estava oferecendo um cargo para um crescimento no trabalho. Cada um dá o que é seu, ele está buscando o melhor pra ele.

Ele induziu a garota a sair com ele, foi sem nenhum respeito à funcionaria, teve comportamento sem escrúpulo, foi errado, sem classe. É um aproveitador, queria comprar a mulher.

DSC F-CASO 4: Ele agiu normal, deveria gostar dela e se acha bonito. Ela foi errada.

Ele agiu normal, ninguém [vai] dar nada sem algo em troca; deveria gostar dela para oferecer esse cargo, teve atitude, se interessou por ela. Está se achando só porque é bonito. Ela foi errada, as oportunidades devem ser por seu esforço, não pela beleza física. É vergonhoso, porque ele não tinha boas intenções.

DSC G-CASO 4: Depende, ela poderia sair com ele e não acontecer nada.

Depende... ela poderia sair com o cara e não acontecer nada. Ele foi muito canalha, porque usou de má-fé para levar ela pra cama.

DSC H-CASO 4: Não, temos que ficar com quem amamos.

Não daria esse conselho; temos que ficar com quem amamos e não sair com um cara para obter sucesso. Ele estava querendo algo em troca.

QUESTÕES E CASO 5

Luciana adorava sair e se divertir com os amigos, mas nesse dia estava com pouco dinheiro e foi até a entrada da balada. Tinha apenas o dinheiro para a entrada e estava em dúvida se ia ou não, pois só conseguia se divertir se usasse algo que a estimulasse a dançar: ou bebidas ou cocaína ou energéticos.

Gustavo era da sua rua e estava entrando no bar. Ele sempre tinha algum dinheiro a mais e trazia bebidas por dentro de sua roupa.

Gustavo fala: “Vamos entrar, Luciana?”

Luciana responde: “Sei não, estou com pouco pique e dura para comprar algo”.

Gustavo: “Nem pense, gata! Você entra comigo, curte de tudo que eu tiver, em troca dorme lá em casa comigo. Tá a fim?”

Luciana: “Eu tava fissurada mesmo, então eu topo!”

As respostas quanto à troca sexual por uso de drogas apresentaram as seguintes categorias:

Quadro 5. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 5, Rio Branco (Acre), 2013.

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	(%)	FEM		MAS	
				N	%	N	%
CASO 5 - O que você acha do comportamento da Luciana? Por quê? - O que você acha do convite do Gustavo? Por quê?	A - Uma viciada em drogas topa tudo por prazer...	46	35,38	24	52,2	22	47,8
	B - Mulher tem que se valorizar... ela não tem caráter.	38	29,23	23	60,5	15	39,5
	C - Ela está se prostituindo, trocar o corpo por uma noite de curtição. É uma quenga, uma piriguete...	26	20,00	12	46,2	14	53,8
	D - Normal, da hora...	7	5,38	2	28,6	5	71,4
	E - Se não tem grana, fica em casa...	4	3,08	3	75,0	1	25,0
	F - Ela precisa de ajuda...	4	3,08	2	50,0	2	50,0
	G - Menina humilde sem recursos para se divertir...	2	1,54	1	50,0	1	50,0
	H - Cada um sabe o que quer...	1	0,77	-	-	1	100,0
	I - Sem resposta	2	1,54	1	50,0	1	50,0

Figura 9. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 5, Rio Branco (Acre), 2013.

As opiniões descritas nos discursos das categorias A, B e C, representando 84% dos entrevistados, não concordam com o comportamento dos jovens envolvidos no caso, pois estes acham que a menina é errada e não se dá valor por passar a noite com o colega, aceitar dormir com outra pessoa sem afetividade por necessidade do vício; é ilícito, tinha de ter outros meios para curtir, para se divertir, em vez de drogas. Quanto ao rapaz, os entrevistados acham que nenhum homem poderia tratar e usar uma mulher assim; foi antiético, para ele é só mais uma, estava a fim de sexo a qualquer preço. Não foi amigo; foi pretencioso, a tratou como uma qualquer; deveria ajudá-la e não a incentivar. Foi egoísta, errado e equivocado, não se deve sustentar o vício de ninguém. Enfim, a maioria concorda que os dois são dependentes químicos e que precisam de ajuda psicológica, médica e de Deus, pois não se deve vender o corpo por drogas.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A-CASO 5: Uma viciada em drogas topa tudo por prazer... Ele é um aproveitador...

Ela é sem moral, sem educação e sem caráter, uma viciada em drogas que não se controla, topa qualquer coisa pra saciar suas necessidades, faz tudo por uma bebida ou droga. Uma pessoa vazia, talvez uma frustrada; é dependente, precisa de drogas para seu bem-estar. Safada, ridícula, irresponsável, desvalorizada, estúpida, usa os vícios através do sexo, troca seu corpo, seu valor por coisas que não fazem bem à saúde, estava fissurada. Errada e não se dá valor, passar a noite com o colega, aceitar dormir com outra pessoa sem afetividade, por necessidade do vício; hoje as meninas topam tudo por prazer, por festas. É ilícito, tinha que ter outros meios para curtir, para se divertir em vez de drogas. Imatura, não pensou no que podia acontecer. Devia se cuidar e evitar, pois as drogas destroem a vida da pessoa. Teve um comportamento péssimo, pois se estava com problema não poderia se drogar para fugir, e sim resolver.

Ele é indecente, como a maioria dos homens. Aproveitou de uma pessoa fraca, quer ajudar, mas vai cobrar depois, foi esperto. Safado, sem caráter, ele a conhecia, podia pagar algo sem troca. Nenhum homem poderia tratar e usar uma mulher assim, foi antiético. Para ele é só mais uma, estava a fim de sexo a qualquer preço. Não foi amigo, foi pretencioso, a tratou como uma qualquer, deveria ajudá-la e não a incentivar. Foi egoísta, errado e equivocado, não se deve sustentar o vício de ninguém. Além de ser drogado, ainda destrói a vida da outra, isso leva para o mau caminho. Tinha que criar vergonha na cara. Foi oportunista, viu que poderia ter uma chance de ter uma mulher no fim da festa e dormir com ela; aí, tentou a velha frase “se colar, colou” e fez um convite mal-intencionado e manipulador. Sabe que ela topa tudo pela diversão e se aproveitou do vício da outra para ganhar a noite. Enfim, os dois foram irresponsáveis, possivelmente fizeram sexo sem se prevenir, sob efeito de drogas, podendo acontecer o indesejável.

DSC B-CASO 5: Mulher tem que se valorizar... ela não tem caráter.

Não concordo com o comportamento dela; é inadequado, imoral, mulher tem que se valorizar; ela não tem caráter, personalidade e nem se dar ao respeito. Não precisa se trocar por algo, tem que trabalhar, não sabe o que a espera, o convite dele pode custar caro. Foi irracional, interesseira, louca, doida, sem limites; topou sem pensar, aceitou por prazeres, não mediu a consequência no que tinha que dar em troca, deveria ter mais consciência dos seus atos. Agiu por impulso da carne, foi safada, nojenta e sem escrúpulos, usar e trocar o corpo por futilidades e para satisfazer sua vontade. Uma pessoa irresponsável, imatura, interesseira e sem princípios, topa tudo para se divertir, não é comportamento de uma mulher decente, coisa de vagabunda, atitude desnecessária entrar na balada e depois ir dormir com o amigo; não deveria ter aceitado e ter ido pra casa. Isto é inaceitável e incentiva as outras amigas. Ridícula, melhor ficar em casa do que pegar uma doença.

Ele é safado, oportunista, descabido, se aproveitou da situação e da fragilidade da moça, sabia que ela aceitaria qualquer proposta e saiu ganhando, foi esperto. Usou da covardia, foi mau caráter, indecente e errado; deve está sob efeito do álcool, pois teve comportamento de viciado. Agiu de fé, vai usufruir do corpo dela, é imoral. Muito inconveniente para um homem, é ridículo, trata a mulher como objeto. Hoje é normal, pois a maioria dos garotos fazem esses convites, ele queria curtir, se divertir e achou alguém a fim, para pegar mulher tem que dar algo em troca, fez o papel de homem, entende de pegação. Enfim, os dois foram sem conduta decente e aproveitaram-se a partir de um convite interesseiro.

- DSC C-CASO 5: Ela está se prostituindo, trocar o corpo por uma noite de curtição. É uma quenga, uma piriguete...

Não concordo. Está se prostituindo por dinheiro e drogas, vai trocar seu corpo por uma noite de festa, de curtição. Não é necessário usar o corpo em troca de favor. Uma piriguete, uma quenga, uma puta vendendo o corpo por bebida; se deu por tão pouco, trocou o sexo por drogas, pensa pouco nas consequências. Ela não é boa bisca, não tem caráter, é uma viciada, as drogas levam a pessoa a se prostituir. A conduta diz quem somos.

Ele se aproveitou dela, não presta, sem caráter, um cafajeste; tinha o objetivo de levar alguém pra casa no fim da festa, foi malicioso e fez um convite à toa e indecente; é comum acontecer isso nos clubes. Foi audacioso e ousado, usou o dinheiro por uma transa, a maioria dos homens só quer satisfazer seus desejos sexuais. Imoral, promoveu a prostituição. Ele é negligente, está se prejudicando, agiu errado, mais foi direto. Bom é se ela chegasse lá e não quisesse nada com ele. Enfim, os dois agiram errado.

DSC D – CASO 5: Normal, da hora...

Acho normal, da hora. Hoje as meninas dormem com os caras pra eles pagarem suas entradas e consumos em festas; muitas saem com homens confiando no dinheiro. Ela agiu errado, por impulso, foi interesseira, não pensou no depois, mas queria se divertir. Ele foi atrás de uma companhia para dormir, convidou e ela aceitou porque quis. Normal, fez certo, o

homem paga a conta. Mas também quis se aproveitar da situação, foi sem caráter e covarde.

DSC E – CASO 5: Se não tem grana, fica em casa...

Comportamento errado: se não tem grana, fica em casa e não se vende por uma noite de curtição. Ele foi interesseiro, como amigo não devia fazer propostas indecentes; se aproveitou da moça para transar, quem sabe queria abusar da garota. Enfim, fez o papel de homem, está na balada é pra pegar mesmo.

DSC F-CASO 5: Ela precisa de ajuda...

Ela é dependente química, precisa de ajuda psicológica, médica e de Deus. Não se deve vender o corpo por drogas. Ele está certo, a garota deu liberdade, não vale nada, mais foi um aproveitador, fez uma proposta indecente e também precisa de ajuda.

DSC G-CASO 5: Menina humilde sem recursos para se divertir...

Menina humilde sem recursos para se divertir. Agiu assim por não ter o que fazer naquela noite. É uma escolha errada. Normal homens pagar tudo para mulheres em troca de algo. Ele não quer fazer o bem pra ela.

DSC H-CASO 5: Cada um sabe o que quer...

Cada um sabe o que quer, mas eu não aceitaria. Ele é oportunista.

QUESTÕES E CASO 6

Ana Luiza, jovem, bonita, desinibida, quer concluir seu curso de jornalismo em uma renomada universidade privada, e não vê problemas em ter algumas transas que ajudam a complementar sua renda.

Maria Alice, sua amiga de infância, comenta com ela: “Ana, você é doida, fica saindo com uns caras que você nem sabe direito quem são”.

Ana Luiza: “Também não é para tanto. Só saio com cara boa pinta e abonado! É só até me formar e quando eu for uma jornalista conceituada, isto não vai fazer diferença na minha vida”.

Maria Alice: “Você pelo menos se protege? Já fez o teste da aids? Já pediu para os caras fazerem?”

Ana Luiza: “Vira esta boca para lá! Claro que não! Nem fala disto que pode atrair azar!”

As respostas apresentaram as seguintes categorias:

Quadro 6. Distribuição categorias apresentadas nas perguntas da Questão- caso 6, Rio Branco-Ac, 2013.

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	%	FEM		MASC	
				N	%	N	%
CASO 6 - O que você acha da postura da Ana Luiza? - Se você fosse a Maria Alice, como continuaria esta conversa com a Ana Luiza?	A - Ela não se preocupa com a própria saúde...	57	43,85	32	56,1	25	43,9
	B - Ela está se prostituindo e não se previne.	27	20,77	14	51,8	13	48,2
	C - Postura errada; há outros meios de ter uma renda.	20	15,38	12	60,0	8	40,0
	D - Não continuaria, o conselho foi dado...	9	6,92	5	55,5	4	44,5
	E - Postura incorreta, ela tem que pensar no futuro...	7	5,38	5	71,5	2	28,5
	F - Moça inteligente, queria completar a renda.	4	3,08	1	25,0	3	75,0
	G - Postura de inocência...	2	1,54	1	50,0	1	50,0
	H - Sem resposta	4	3,08	1	25,0	3	75,0

Observou-se em todas as respostas a preocupação com o cuidado da saúde, uma vez que os entrevistados acharam que a jovem foi negligente, imprudente e irresponsável por ter relações sexuais com vários parceiros e por não usar camisinha, correndo risco de contrair DST/aids e gravidez, postura que poderia destruir o seu sonho profissional.

Figura 10. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 6, Rio Branco (Acre), 2013.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A-CASO 6: Ela não se preocupa com a própria saúde...

Postura errada e perigosa, não se preocupa com a própria saúde. Desagradável, ignorante, tola e sem noção do perigo, ela deveria se cuidar pra não ter uma gravidez indesejada e nem uma doença. Negligente, imprudente e irresponsável por não usar camisinha; sem critério, não sabe o que os caras têm, saindo com quem não conhece. Inconsequente, é uma pessoa capaz de qualquer coisa quando quer chegar a um lugar; faz o impossível pra conseguir o que quer e não se preocupa com as consequências. Maluca, de que adianta se formar e contrair várias doenças? Doida, sem caráter, além de fazer coisas erradas não se protege, não tem amor à vida e ainda perderia a moral e o respeito.

Faria ela enxergar os riscos que ela corre, continuaria falando sobre o risco de pegar DST, pois tem vários parceiros; aconselharia a parar com isso, sair dessa vida, se formar de forma digna e correta, se prevenir, procurar um médico, fazer exames e dizer para os parceiros se cuidarem, pois o que fazemos hoje é consequência do amanhã; tinha que pensar no seu corpo, fazer o que está no alcance, um futuro de doenças no corpo, na mente e na alma por falta de um sentimento. Daria conselhos que não continuasse e mostraria como a vida dela seria ruim se pegasse uma doença. Diria que deveria se cuidar melhor, usar camisinhas masc. e fem. pra ficar bem protegida, porque estava em jogo a saúde dela. Sua vida e seus valores valem mais do que uma oportunidade dessas. Melhor atrair azar do que uma doença. Sua louca, você está suscetível às DST, a doenças emocionais e psicológicas que poderiam atrapalhar sua carreira! Mude de postura, se previna, use camisinha e você ganha mais vida e realiza seus sonhos. Eu a chamaria a sério; se isso não resolvesse, tentaria abrir os olhos dos parentes, dos pais. Enfim, quem avisa amigo é!

DSC B-CASO 6: Ela está se prostituindo e não se previne.

Indecente, está se prostituindo, trocando seu corpo por bens materiais. Não é certo se vender para concluir os estudos, sair com qualquer cara e não se prevenir é um risco para saúde. Não vai conquistar seu futuro com seus esforços e sim por sexo. Diria a ela para encontrar um homem para ajudá-la e ser feliz, porque prostituição não leva ninguém ao sucesso e até corre risco de uma DST. Ela “ganha prazer e dinheiro para fazer”. Postura que poderá destruir o seu sonho profissional. Enfim, vai dar o corpo por cargos melhores quando for jornalista. Sua puta!

Falaria que é uma mulher fácil, que não se respeita, que está fazendo errado e que deveria alcançar seu objetivo sem precisar de sexo. Diria para ela ter mais cuidado, pois as tuas transas sem camisinha é que trazem azar e as doenças sexualmente transmissíveis não escolhem ninguém. Tentaria pra ela sair dessa vida, dar novos caminhos, procurar uma maneira digna de viver e fazer os testes de HIV e outras DST; tentar bolsas de estudos ou um trabalho, se ela estudar consegue ser uma boa jornalista. Muitas pessoas encontram na prostituição o único meio de pagar a faculdade. Tentaria convencer Ana a mudar de vida e que tem outra forma mais digna

de ganhar dinheiro, que isso fica ridículo pra imagem dela, quando se formar vai ficar mal vista e não terá respeito e falaria mais sobre as DST. Se não me escutasse me afastaria dela.

DSC C-CASO 6: Postura errada, há outros meios de ter uma renda.

Postura errada, de pessoa alienada, sem juízo, sem valor moral, capaz de qualquer coisa que quer chegar a um lugar, até se arriscar a uma DST; estava levando a vida de maneira mais fácil. Irresponsável, as consequências desses atos poderiam acabar com sua vida. Mandava-a criar vergonha e a incentivaria a procurar outros meios de conseguir dinheiro; motivaria a se dedicar aos estudos, a buscar um emprego digno. Se trabalhar, consegue, não é necessário vender o corpo; pediria pra ela parar com isso, que ela é linda e deve se dar valor. Tenha fé, amiga. Enfim, diria que ela está num mau caminho e que um dia quebraria a cara com isso.

DSC D-CASO 6: Não continuaria, o conselho foi dado...

Não continuaria a conversa, me afastaria para não ser grosseira e não dava mais bola pra ela e seguia meu rumo; deixaria quebrar a cara, pois já tinha dado meu conselho. Cabe a pessoa decidir se vai seguir ou não. Ela teve uma postura de quem quer morrer doente ou ser uma jornalista mal falada, não seríamos amigas, não vou andar com pessoas que se deitam com qualquer um. Atitude feia, ficar com os outros por interesse e irresponsável, por não usar camisinha, não dá pra sair com qualquer pessoa sem saber quem é; sem se prevenir, pode pegar uma doença.

DSC E-CASO 6: Postura incorreta, ela tem que pensar no futuro...

Postura incorreta e feia. O que adianta ser jornalista conceituada se foi vulgar no passado? Ela é idiota, achar que isso não vai interferir na carreira. E se os caras forem falar dela por aí, para outros jornalistas? Falaria pra ela pensar no futuro: uma jornalista é conhecida e não vai pegar bem ela na TV e os comentários dos homens que, ao assistir o jornal, iriam falar “essa jornalista, já peguei”; “eu já comi aquela ali”. A pessoa é a imagem que quer vender, o passado vem à tona e pode a prejudicar profissionalmente; ela não vê o quanto pode ficar mal falada e comprometer sua carreira por transas comerciais. Sim, tentaria ajudá-la, daria conselhos pra ela sair dessa vida. Pediria pra ela ser mais prudente, pois não se proteger é suicida.

DSC F-CASO 6: Moça inteligente, queria completar a renda.

Moça muito inteligente, só quer uma ajuda para pagar a faculdade, queria completar a renda. Quanto a ela transar pra pagar os estudos, não a condeno. Ela teve uma atitude burra e impensada, transar sem camisinha. Mostraria qual pode ser o futuro se ela continuar a transar sem proteção.

DSC G-CASO 6: Postura de inocência...

Ela teve postura de inocência. Daria mais conselhos de que essa vida não é boa e procuraria outros meios de informá-la, pois está em um mundo medíocre.

QUESTÕES E CASO 7

Orlando, 26 anos, moreno, bonito, encontra Lúcia, 55 anos, empresaria bem-sucedida e divorciada. Ela o convida para o jantar e depois dar uma esticada. Orlando diz que tudo bem, mas que está sem grana. Lúcia afirma que pode bancar tudo, mas gosta das coisas bem feitas...

No dia seguinte Orlando comenta o caso com um amigo, Carlos.

Carlos: “A coroa era gostosa? Você topou?”

Orlando: “Claro que topei! Ela não era de todo mal e me levou a lugares superdescolados. Quando você acha que vou ter grana para ir em um lugar assim?”

Carlos: “E você usou preservativo?”

Orlando: “Imagine! Ela era toda cheirosa e bem arrumada, e acho que nem pode mais engravidar”.

As respostas apresentaram as seguintes categorias:

Quadro 7. Distribuição categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Caso 7, Rio Branco (Acre), 2013.

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	(%)	FEM		MASC	
				N	%	N	%
CASO 7 - O que você acha da postura de Lúcia? - Comente a opinião do Orlando.	A - Uma velha que se aproveitou de um rapaz novo...	40	30,77	23	57,5	17	42,5
	B - Ela queria apenas transar, se divertir, mas deveria ter usado preservativo...	35	26,92	20	57,1	15	42,9
	C - Os dois foram irresponsáveis, não usaram o preservativo.	30	23,08	13	43,3	17	56,7
	D - Ela pode pagar, tava apenas se divertindo...	10	7,69	5	50,0	5	50,0
	E - Deveria ter uma postura mais adequada para sua idade...	7	5,38	4	57,1	3	42,9
	F - Ela devia procurar um homem que a valorize.	4	3,08	3	75,0	1	25,0
	G - Sem resposta.	3	2,31	2	66,7	1	33,3
	H - Ela não pode bancar porque quem banca é o HOMEM.	1	0,77	-	-	1	100,0

As respostas foram unânimes em considerar os dois irresponsáveis, negligentes e inconsequentes. Ela, por ser experiente já era para ter aprendido, teve uma postura errada, descabida e impensada; sair com jovem não foi o problema, perigo foi transar sem proteção. Ele foi imaturo, ficar com uma pessoa por dinheiro, um bobão que topa tudo e se prostitui, gosta de curtir com coroa e só pensa no sexo e não nas consequências; quis aproveitar a oportunidade, mas não teve a postura correta, pois fez sexo e não se protegeu, não se preocupou com sua saúde.

Figura 11. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Caso 7, Rio Branco (Acre), 2013.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A- CASO 7: Uma velha que se aproveitou de um rapaz novo...

Velha louca, que se aproveitou do rapaz novo e bonito para transar e satisfazê-la; hoje acontece muito, por serem mulheres mal-amadas procuram nos mais jovens as fantasias que não podem mais ser realizadas com os homens mais velhos. Espertinha, utiliza da boa situação para atrair garotões com pouca renda; ela deveria ir atrás de alguém da idade dela. Mulher vulgar, safada, galinha e sem caráter porque usou sua vida financeira para o sexo, quis impor regras porque estava com dinheiro. Interesseira, carente e aproveitadora, comprou o moço para ter prazer, só queria se divertir e o fez de prostituto. Horrível, está incentivando a prostituição de homens. Errada, se envolver com garotos por sexo em troca de jantares, cinemas, etc.; homem tem que trabalhar e conseguir as coisas com seu próprio suor. Enfim, fazia tempo que não fazia e escolheu um novinho, se aproveitou da falta de experiência dele, o atraiu e ainda correu o risco de ficar doente.

Ele é muito ginasiano e imaturo, ficar com uma pessoa por dinheiro; é um bobão que topa tudo e se prostitui, gosta de curtir com coroa e só pensa no sexo e não nas consequências. Sem caráter, irresponsável e egoísta, visou apenas os seus bens e quis aproveitar a oportunidade, mas não teve a postura correta, pois saiu com ela, fez sexo e não se protegeu, não se preocupou com sua saúde. É abestado e burro: o fato de ser cheirosa, bonita, linda, bem arrumada e cheia da grana não faz dela imune a doenças, pois os relacionamentos sem camisinha trazem também as DST. Também está errado com a opinião, ela pode engravidar e ter uma gravidez de risco.

DSC B-CASO 7: Ela queria apenas transar, se divertir, mas deveria ter usado preservativo...

A postura de Lúcia foi ridícula, sem índole, deveria se dar ao respeito, queria apenas transar. Muito tola e doida por ficar com um desconhecido, sem problemas ficar com um cara mais jovem. Uma mulher infeliz, que busca seu bem-estar no sexo sem compromisso, deve saber dos riscos que corre, na altura da vida pegar uma doença. Coroa desesperada, carente pela idade e por estar divorciada, estava com vontade de fazer sexo, de curtir e aproveitar a vida, que já está no fim; procurava alguém que poderia sair lhe ofertando bancá-lo. Uma mulher madura a fim de se divertir, tem nada demais sair com um cara que ela se interessa, foi errada por transar sem camisinha; deveria ter se prevenido.

Ele aproveitou pra descolar uma grana extra, agiu por interesse e poderia ter tido consequências; dinheiro não é tudo, o mais importante é ser feliz; não deveria vender o corpo por coisas materiais, dinheiro ou festas; queria se dar bem na vida sem trabalhar. Um alienado que só queria luxar e esbanjar sem ter condições, além de achar que preservativo só previne uma gravidez, mesmo de idade ela poderia engravidar. É doido e imprudente por não se proteger; doença não escolhe quem se veste bem ou mal ou cheira bem ou não; as cheirosas também transmitem doenças. Ele foi muito criança e burro ao pensar que a parte exterior é única coisa segura em uma mulher, acha que as aparências dizem tudo. Para muitos, sexo é só diversão e prazer, mas tem que ser consciente.

DSC C-CASO 7: Os dois foram irresponsáveis, não usaram o preservativo.

Os dois foram irresponsáveis, negligentes e inconsequentes. Ela é louca, dar para o cara sem camisinha. Sei lá, eu também já fiz isso, com essa idade; por ser experiente já era pra ter aprendido. Gostaria só de uma noite sem pensar nos danos, postura errada, descabida e impensada; sair com jovem não vejo nada, perigo foi transar sem proteção. Com sua maturidade tinha que dar exemplos para os filhos. Ele é um rapaz novo, sem conhecimento da realidade, um moleque sem noção, com uma opinião errada, às vezes a pessoa vê uma mulher muito bonita por fora, mas nem sabe o que ela tem por dentro. O preservativo não é somente para evitar a gravidez, é também para prevenir e evitar as DST, quem vê cara não vê coração. Alguém que não pensa no amanhã, acho que ele quer ganhar o dele, as consequências vêm depois! Se aproveitou da mulher mais velha, pois ela banca tudo e só queria se divertir e conhecer novos lugares, mas pôs em risco sua saúde ao transar sem camisinha. Ele poderia lutar e vencer na vida de forma plena e digna, deveria estudar pra não usurpar pessoas. É novo e ainda tem que aprender muito na vida.

DSC D-CASO 7: Ela pode pagar, queria se divertir... Ele é um gigolô...

Aceitável e comum, ela pode pagar, tem dinheiro, só queria curtir e se divertir. Está certa, apenas foi atraída e lutou por ele, foi generosa e sedutora, normal para a situação, cada um tem suas escolhas. Ele é sem noção, um gigolô que saiu com a mulher só por interesse na grana, uma coroa cheia da nota é uma boa. Normal, porque se ele foi atraído não vejo problema eles se relacionarem, mas errou ao não usar preservativo, corre o

risco de uma gravidez indesejada e de adquirir doenças sexualmente transmissíveis, como a aids. Enfim, homem é tudo igual, deveria se cuidar e ter mais postura e não ficar comentando. Os homens falam demais.

DSC E-CASO 7: Deveria ter uma postura mais adequada para sua idade...

Errada, deveria ter postura mais adequada para sua idade. Uma velha safada, sem-vergonha e pervertida; deve pensar melhor nas suas ações, sendo uma senhora. Um jovem pobre, tarado e cheio de interesses. Ele queria sair, fez o que deveria, tá certo em ganhar dinheiro, mas estava se prostituindo. Foi babaca e irresponsável, não usou preservativo, ele não sabia se ela tinha algum tipo de doença, deveria ter se cuidado.

DSC F-CASO 7: Ela devia procurar um homem que a valorize.

Ela devia procurar um homem que a valorize e esteja do seu lado sem interesse; tinha que ter uma pessoa para namorar, mas que se previna. Ninguém sabe da vida sexual do outro. Está se enganando, procurando “felicidade” e prazer com alguém que só quer usurpar do seu dinheiro. Pra ele é apenas uma aventura, está com ela por dinheiro, sexo sem proteção e quer viver o momento.

DSC H-CASO 7: Ela não pode bancar porque quem banca é o HOMEM.

Ela não pode bancar porque quem banca é o HOMEM. Ele se preocupou com a gravidez e deixou de lado as DST.

RESPOSTAS À QUESTÃO FINAL

- Nós falamos de diversas situações da vida. Você acha que elas têm alguma coisa em comum ou não? Fale um pouco sobre isso.

As respostas apresentaram as seguintes categorias:

Quadro 8. Distribuição das categorias apresentadas nas perguntas da Questão-Pergunta Final, Rio Branco (Acre), 2013.

PERGUNTAS	CATEGORIAS	N	(%)	FEM		MASC	
				N	%	N	%
-Nós falamos de diversas situações da vida. -Você acha que elas têm alguma coisa em comum ou não? Fale um pouco sobre isso.	A - Sim, falam sobre prostituição, sexo por troca de algo, de bens materiais...	51	39,23	31	60,8	20	39,2
	B - Sim, são coisas do cotidiano, banalização do sexo e a falta de proteção nas relações sexuais.	51	39,23	23	45,1	28	54,9
	C - Sim, todos os casos errados, pessoas agindo por interesse...	17	13,08	12	70,6	5	29,4
	D - Comigo não...	3	2,31	1	33,3	2	66,7
	E - Sim, os pais e as autoridades devem estar atentos...	2	1,54	1	50,0	1	50,0
	F – Sim, relatam sobre a desvalorização da mulher	1	0,77	1	100,0	-	-
	G - Sem resposta.	5	3,85	-	-	5	100,0

Figura 12. Distribuição das categorias/representações de respostas às perguntas da Questão-Pergunta Final, Rio Branco (Acre), 2013.

Discursos referentes a cada categoria

DSC A-PF: Sim, falam sobre prostituição, sexo por troca de algo, de bens materiais...

Todos falam de ambição, de luxúria, de pessoas que se prostituem, não profissionalmente, mas de gente que faz sexo em troca de algo, alguns por dinheiro ou poder, outros por objetos. A falta de condições financeiras e a venda do corpo para obter renda é um assunto que vem crescendo de maneira assustadora. Acontece em qualquer cidade, meninas(os) de classe média para alta trocam o corpo por joias/bolsas, vantagens e não medem consequências. Todos apresentam pouca oportunidade na vida, vontade de crescer, de conquistar bens materiais e quando aparece uma “oportunidade” não pensam duas vezes. Tem muitas meninas que se vendem e muitos homens que adoram abusar e pagar mulheres, sem se preocupar com sentimentos. As pessoas estão mantendo relações sexuais umas com as outras como se fossem produtos. Os jovens têm deixado de lado seu valor moral, sua dignidade, seu caráter e transado com outras pessoas para ganhar presentes; se importam mais com coisas materiais do que com a personalidade e sua imagem. O sexo é praticado por interesse, por melhores condições de vida, realizar seus sonhos, para satisfazer suas necessidades e obter prazeres sexuais; saem sem conhecer a pessoa, colocando sua saúde em risco. A maioria quer saber de curtição (festa, bebidas) e aceitam qualquer coisa para conseguir isso. Enfim, hoje os jovens têm a prostituição como algo normal na vida. Muitos preferem se vender, se trocar do que se esforçar para conquistar seus objetivos. Tenho amigos que já passaram por situações parecidas ou que se utilizam de métodos parecidos: dar seu corpo em troca de algo. Só me deixa em dúvida o que é se prostituir e o que é tentar sair da miséria...

DSC B-PF: Sim, são coisas do cotidiano, banalização do sexo e a falta de proteção nas relações sexuais.

Sim, com certeza, as situações acima é o que mais vivenciamos. São coisas do cotidiano, por mais que seja imoral, acontece diariamente e chega a ser natural, não causa espanto; a banalização do sexo e a falta de proteção nas relações sexuais se tornaram coisas comuns. Todos os casos relatam como as pessoas lidam com o sexo no dia de hoje, como uma forma de se dar bem de alguma maneira, que não medem esforços para serem bem-sucedidos; o interesse de ambas as partes, hoje, é o que mais acontece. Hoje os jovens transam por qualquer coisa e não pensam nem em olhar no rosto; fazem sexo sem compromisso e sem responsabilidade, há uma troca de parceiros contínua. Infelizmente esse tipo de sexo está moderno e cada dia mais aceito dentro da sociedade. Os jovens só querem saber de curtir e não se preocupam com sua saúde: eles não gostam de transar com camisinha; a falta de orientação é o que caracteriza a imoralidade. É importante que sejam informados, prevenção nunca é demais. As pessoas têm que ser mais atentas às propostas que são feitas. Temos que ter cuidado em conhecer pessoas porque quem vê cara, não vê coração.

DSC C-PF: Sim, todos os casos errados, pessoas agindo por interesse...

Sim, são todos casos errados e sem lógica; pessoas de baixa renda querendo melhorar de vida e acabam indo para o lado errado, sem pensar nas consequências no futuro que a vida pode trazer, em vez de procurar ajuda ou um bom trabalho. Todos demonstram interesses pessoais individuais e visam somente o seu próprio prazer e que, por falta de oportunidades no mercado de trabalho ou até mesmo por questões financeiras, as pessoas de baixa renda procuram as que têm mais condições para realizar seus desejos. Fala sobre o abuso de poder, aproveitar do menos favorecido. Todos agiram sem princípios morais, desrespeito consigo mesmo. É a realidade, pessoas em busca de crescer por meios mais simples, no entanto, indevidos. Não pensam mais em construir uma família por amor, sim por interesse financeiro. Cada um tem seu modo de viver e agir diferente, uns no caminho certo, outros no errado.

DSC D-PF: Comigo não...

Comigo não... Costumo ser responsável, não saio com desconhecidos e me previno; não tenho vínculo com pessoas que praticam sexo em troca de presentes, favores ou dinheiro. Mas todos eles erram só pensando em prazer.

DSC E-PF: Sim, os pais e as autoridades devem estar atentos...

Sim, mostra o quanto é importante os pais e as autoridades estarem atentos pra proteger os adolescentes. E que as autoridades podem parar de roubar e fazer melhor uso dos nossos tributos. Assim ninguém precisará transar com um velho para ter uma vida melhor.

DSC F-PF: Sim, relatam sobre a desvalorização da mulher.

Todos relatam sobre a valorização da mulher que vem diminuindo a cada dia, principalmente por adolescentes que querem curtir a vida.

5 DISCUSSÃO

5.1 TROCA SEXUAL COMO ALGO ALÉM DO ASPECTO FÍSICO-SEXUAL

“Não importa somente a cara, mas o conjunto de fatores que descrevem a pessoa [...]”

A pesquisa aponta que apenas uma parte dos jovens universitários considera que o sexo seja intrinsecamente algo físico; a quase totalidade dos entrevistados atribui a ele uma importância específica e que envolve um conjunto: a identidade, o caráter, a personalidade, os costumes e a educação da pessoa, apresentando uma visão mais integralizante da prática sexual do que apenas a obtenção de prazer, como podemos observar nos discursos:

“Importa a cara porque temos que saber com quem nos envolvemos; é importante, precisa conhecer o outro, conhecer mais sobre a moça... não se deve transar com qualquer uma, sexo não deve ser feito com desconhecido, deve ter respeito com o outro, devemos escolher com quem nos relacionamos. Sexo é uma intimidade entre duas pessoas [...]” (DSC 1-A).

“Não importa somente a cara, mas o conjunto de fatores que descrevem a pessoa: o caráter, a personalidade. Não é só a beleza exterior; também os costumes, educação, instrução da outra pessoa [...]” (DSC 1-D).

Cabe ressaltar que dos jovens que compartilham essa opinião – categoria de DSC 1-A e DSC 1-D – 21,5% (28) são homens e 20,8% (27) mulheres, demonstrando discurso similar para ambos os sexos, embora 6,15% (8), principalmente homens, afirmem contrariamente que o que deve ser observado é a beleza da parceira sexual (Categoria DSC 1-G).

Esses achados divergem de algumas pesquisas e posicionamentos de movimentos sociais (principalmente o feminista) que afirmam que a sociedade valoriza o corpo da mulher apenas como mercadoria, como mero objeto ou coisa destinada a saciar os desejos sexuais masculinos (ANDRADE, 2012), opondo-se a essa opinião quase todas as mulheres entrevistadas, mas também alguns homens. A mulher transformada em objeto (“coisificada”) é colocada a serviço do masculino, opinião que

vem sendo transformada aos poucos pela conscientização das próprias mulheres, como demonstra o estudo.

O Coletivo de Mulheres da Federação Nacional de Estudantes de Direito (Fened), em sua cartilha feminista (2012, p. 3), vem alertando quanto à coisificação da mulher:

E como nós, mulheres, somos representadas? Enquanto meros objetos destinados a saciar os desejos sexuais masculinos, consumidoras de utensílios domésticos, ou como consumidoras de produtos que recorrem à padronização da beleza. Enquanto objeto sexual, basta verificar as recorrentes aparições de mulheres em publicidades para constatar este fato: propagandas de cerveja são um exemplo nítido da mercantilização do corpo feminino, da “coisificação” da mulher em objeto sexual (FENED, 2012, p. 3).

Estudos mais recentes, contudo, apontam que novas questões surgem nas pautas das jovens feministas, como a violência e o turismo sexuais, o acesso à saúde, a legalização do aborto, a desigualdade de renda, o acesso ao mercado de trabalho, a educação não sexista. Ou seja, a luta é pela autonomia das mulheres, em toda a sua diversidade (ZANETTI, 2009).

Observou-se também que alguns jovens consideram afetividade fundamental na prática sexual, afirmando que:

“[...] a relação sexual é mais do que sexo; tem que ter sentimentos e outras trocas e não apenas satisfação sexual, porque sexo e amor têm que andar juntos. Que o sexo entre duas pessoas deve acontecer dentro de um relacionamento e não simplesmente por prazer; é necessária certa intimidade, conhecimento, convívio entre o casal” (DSC 1-E).

Tais discursos levantam questões profundas sobre as sutis mudanças de mentalidade que possam estar começando a ocorrer na sociedade brasileira. Considerando o conceito de “amor líquido” postulado por Zygmunt BAUMAN (2004), pode-se questionar se os jovens de hoje estão iniciando um processo de resistência à “modernidade líquida”. Esse autor, ao analisar as relações humanas na contemporaneidade, chama atenção para a fragilidade das interações interpessoais e tenta mostrar as dificuldades de comunicação afetiva entre os indivíduos, inclusive na área sexual e amorosa. Considerando que o desejo de todos é se relacionar, BAUMAN (2004) aponta que, contraditoriamente, as pessoas não conseguem fazê-lo, seja por

medo ou por insegurança de se expor. Assim, as relações terminam tão rápido quanto começam, os relacionamentos são instáveis e os seus modelos tornam-se cada vez mais flexíveis e fluidos, o “amor líquido”, numa sociedade com estruturas e modelos pessoais e microssociais em constante transformação, “a modernidade líquida”.

Ao mesmo tempo, cada vez mais acostumados ao mundo virtual, que incentiva e facilita o hábito de “desconectar-se”, os jovens não conseguem manter um relacionamento de longo prazo (BAUMAN, 2004). Isso tira-lhes a experiência e a responsabilidade de relacionamentos sérios e duradouros, ao mesmo tempo em que faz com que cada vez mais as pessoas sejam tratadas como bens de consumo: descartáveis e passíveis de troca por “versões mais atualizadas”. Mas também trazem em seus discursos a preocupação com o resgate do romance na relação sexual, quando quase 7 % dos jovens afirmam: “[...] *sexo e amor têm que andar juntos*” (DSC 1-E).

Isso demonstra que o romantismo ainda é presente na vida dos jovens, embora autores como BAUMAN (2004) apontem que a palavra amor, banalizada, tem perdido o seu sentido original. No mundo ocidental, e contemporaneamente, as pessoas recorrem ao seu uso para definir vários tipos de experiências – no Brasil, por exemplo, muitas pessoas se referem a noites descompromissadas de sexo como “fazer amor”. Assim, relacionamentos sem responsabilidade de amor são designados pelo termo, que semanticamente carrega um sentido de ligação profunda. Segundo o dicionário *Aurélio*², a palavra amor é um substantivo masculino que significa afeto; sentimento afetivo em relação a alguém, paixão; sentimento apaixonado por outra pessoa. Nessa perspectiva, amor e sexo não precisam estar em polos opostos nem devem se excluir, pois o prazer carnal não pode indicar o empobrecimento sentimental e a companheira ou o companheiro não pode ser visto como objeto sexual.

Atualmente, o amor tem deixado de ser uma ação em favor da vida de alguém, ou de uma coletividade, para descrever, cada vez mais, um gosto pessoal, uma paixão qualquer do indivíduo, ou desejos interesseiros, tornando-se autocentrado e caracterizado pelo egocentrismo. O consumismo incita as pessoas a amarem cada vez mais coisas que denotem dinheiro e *status*, e aquilo que se pode comprar ou vender,

² DICIONARIOAURELIO.COM, s.v. , ”amor”, acessado em 25 de fev de 2016, disponível em:<<https://www.microsoft.com/pt-br/store/apps/dicionario-aurelio/9wzdncrdr710>>

sendo o próprio cuidado de si e do outro transformado em algo consumível, que deve ser feito, demonstrado e saciado com e no formato de produtos (MENEZES, 2012).

Na concepção de BAUMAN (2004), a banalização do amor se relaciona com a consagração da liberdade afetiva, na qual o que importa é colecionar conquistas, sendo cada parceiro afetivo um troféu. As pessoas são vistas como mercadorias afetivas de acordo com seus atributos, enquanto as relações são fragmentadas. Não há mais tempo nem interesse para promover a intimidade; a proximidade só existe enquanto o outro tiver algo a oferecer, ou até que apareça uma oferta mais gratificante.

Os universitários entrevistados neste estudo (num total de 51 = 39,23%, sendo 45% meninas e 55% meninos) observam que essas situações de coisificação do sexo, de torná-lo moeda de troca para obtenção de *status*, vantagens etc., como mercadoria, são corriqueiras. E apontam, conforme as respostas dadas, o que há em comum entre os casos apresentados na pesquisa:

“[...] são coisas do cotidiano; por mais que seja imoral, acontece diariamente e chega a ser natural. Não causa espanto, a banalização do sexo [...]” (DSC PF- B).

“[...] Todos os casos relatam como as pessoas lidam com o sexo, no dia de hoje, como uma forma de se dar bem de alguma maneira; que não medem esforços para serem bem-sucedidos. O interesse de ambas as partes, hoje, é o que mais acontece. Hoje os jovens transam por qualquer coisa e não pensam nem em olhar no rosto; fazem sexo sem compromisso e sem responsabilidade, há uma troca de parceiros contínuos. Infelizmente, esse tipo de sexo está moderno e cada dia mais aceito dentro da sociedade [...]” (DSC PF- B).

5.2 PREOCUPAÇÃO COM O CUIDADO DA SAÚDE

“Eles não se preocupam com a própria saúde [...]”

Quanto à preocupação com a saúde, observou-se que 21,54% (28) dos estudantes pesquisados apontam a importância do uso do preservativo como uma forma de proteção e prevenção tanto da gravidez indesejada como de doenças sexualmente transmissíveis e aids no sexo realizado com desconhecido (Caso 1), demonstrando que o

discurso preventivo em saúde sexual e reprodutiva tem atingido o público jovem, não sendo porém expresso pela maioria.

“[...] Não importa apenas a cara, desde que use camisinha para prevenir riscos, a exposição à doença. Deveria conhecer a mulher para evitar doenças (DST) e gravidez [...]” (DSC 1-B).

Como a maioria não referia a preocupação com DST, fica implícito considerar sua não importância na vida dos jovens, o que justifica o aumento de casos dessas doenças, inclusive a aids, entre este público. Assim, o exercício da sexualidade entre os jovens realizado de forma desprotegida vem produzindo efeitos em seus projetos de vida, acarretando problemas e resultando em gestações não planejadas, abortos, doenças sexualmente transmissíveis e infecção pelo HIV/aids, abandono escolar e delinquência, interferindo na saúde integral desse grupo populacional, entre outros problemas (SOARES et al., 2008).

Segundo a pesquisa de amostra nacional “Conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013), a maioria dos brasileiros (94%) tem conhecimento de que a camisinha é a melhor forma de prevenção às DST e à aids. Mesmo assim, 45% da população sexualmente ativa do país atestam não ter usado o preservativo nas relações sexuais casuais nos 12 meses anteriores à pesquisa. Esse levantamento também demonstra que os brasileiros têm tido um comportamento sexual mais liberal nos últimos anos: em 2008 apenas 9,3% dos 8 mil entrevistados tinham feito sexo casual com mais de cinco pessoas, enquanto em 2013 esse número subiu para 12,1%. Ao mesmo tempo, apenas 25,9% haviam relatado mais de 10 parceiros ao longo da vida em 2008, número que atingiu 43,9% cinco anos depois.

Com base nas notificações de HIV/aids, verifica-se um aumento progressivo de casos entre 15 a 24 anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015), indicando vulnerabilidade entre os adolescentes e jovens. Além do HIV/aids, o vírus HPV também vem se configurando como uma epidemia, estimando-se que entre 70% e 80% dos casos de câncer de colo do útero sejam causados pelos tipos virais 16 e 18. No Brasil, a prevalência desses dois tipos de HPV em mulheres com câncer de colo do útero é de 53,2% e 15,8%, respectivamente, de acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), em 2012; as estimativas foram de 17.540 casos novos de câncer de colo do útero no Brasil, com risco estimado variando de 17 a 21 casos a cada 100 mil mulheres (BRASIL, 2013c). Não à toa, o governo brasileiro adotou a vacinação preventiva dos

tipos de HPV mais cancerígenos e transmitidos sexualmente para as pré-adolescentes (BRASIL, 2013a).

Adotando o conceito de vulnerabilidade aplicado à saúde por José Ricardo C. M. AYRES et al. (2003), esse cenário demonstra que as exposições a agravos a que esses adolescentes e jovens estão sujeitos não resultam apenas de sua vontade e comportamentos, mas de um conjunto de aspectos sociais e programáticos que não tem facilitado a noção de risco individual, o acesso à informação e/ou insumos e a mudança de comportamento rumo à apropriação da prevenção e o uso de preservativo como estratégia cotidiana.

Por isso, é importante questionar: como realizar ações de prevenção que atinjam esse público efetivamente? Pode-se concluir que ações de prevenção às DST/aids e de promoção à saúde deveriam considerar relevantes os aspectos de desigualdades econômicas e sociais (como a sobrevivência, padrão de vida, tipo de moradia etc.), e suas inserções em contextos de marginalização e violência (causas externas de morbimortalidade, que vêm se apresentando como a primeira causa de morte entre essa população). Segundo dados do Sistema de Informação Sobre Mortalidade da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SIM/SVS/MS), no período entre 1980 e 2012, 62,9% das mortes dos jovens foram tributárias das causas externas, sendo os homicídios responsáveis por 28,8% (WAISELFISZ, 2014).

Também deve-se questionar o acesso à educação. Saber quais situações de estigma e discriminação que os jovens enfrentam e que dificultam ou impedem o exercício pleno da cidadania é fundamental para a visibilização e transformação desse cenário (SÃO PAULO, 2007). Além da garantia de acesso aos serviços de saúde, é importante conhecer como os serviços de saúde estão estruturados nas comunidades; analisar sua forma de acolhimento e sua articulação com outros equipamentos e outras instâncias é fundamental para a redução da vulnerabilidade, tal como recomendado pela própria Política Nacional de DST/Aids (BRASIL, 1999a).

A prática escolar também interfere no comportamento dos jovens. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1999b) aponte a abordagem da sexualidade e as portarias ministeriais a tenham implementado desde a década de 1990 (BRASIL, 1992), nem sempre verifica-se nas escolas a criação de espaços para discutir este tema e a prevenção das DST/aids, tampouco são feitos investimentos ou mudanças na formação continuada dos educadores para abordar e promover a discussão do sexo e da sexualidade e a percepção de risco que contribuam para a habilitação dos alunos para

práticas individuais e a entrada na vida sexual de forma segura. É fundamental reconhecer que a sexualidade ultrapassa a preocupação com doenças ou métodos contraceptivos, demandando espaços para que adolescentes e jovens possam falar sobre o assunto de maneira mais ampla. Só assim será possível o desenvolvimento da consciência e mudança de suas atitudes, com potencial para impactar a transmissão e infecção das DST/aids de forma positiva (ARAÚJO; CALAZANS, 2005).

Também deve-se considerar os aspectos cognitivos relacionados à vulnerabilidade individual, avaliando a capacidade do jovem de processar informações sobre o tema, visto que está em processo de aprendizagem e ainda precisa entender seus contextos e apreender o significado de risco e proteção (FIGUEIREDO; BASTOS; KALCKMANN, 2008).

Conforme Teo Weingrill ARAÚJO e Gabriela CALAZANS (2005), considerar as características pessoais dos adolescentes é fundamental para o seu processo de autonomia, habilitação e escolhas, já que essas características são construídas ao longo da história do indivíduo, de acordo com determinado contexto social, familiar e cultural, dando significado à sua forma de agir frente a situações diferenciadas, como é o caso de comportamentos que geram susceptibilidade à infecção pelo HIV/aids. A habilitação seria fundamental na medida em que as práticas sexuais que envolvem mais que uma pessoa exigem diversas formas de negociação entre os parceiros, como a frequência das relações sexuais, os tipos de prática (vaginal, oral, anal), as posições, ritmos e locais onde vão acontecer. Essas negociações envolvem a escolha e o uso de método contraceptivo e, também, o uso de preservativo como método preventivo para as DST/HIV/aids.

A Política Nacional de DST/Aids (BRASIL, 1999a) preconiza a utilização do preservativo masculino como o método mais eficiente de prevenção. Por isso, o Ministério da Saúde já realizou diversas iniciativas, como campanhas na mídia, nas escolas, nos serviços de saúde, junto às comunidades visando promover o seu uso, de forma a promover práticas de sexo seguro. Além dessa estratégia, o país endossa outras estratégias igualmente importantes de contenção da transmissão de HIV, como a testagem regular e periódica do vírus, o incentivo à adesão ao tratamento antirretroviral

gratuito, fornecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a redução de danos frente ao uso de drogas e a profilaxia pós-exposição (PEP).³

Essas estratégias, que têm surtido efeitos de contenção da epidemia no Brasil, constam também nos discursos dos jovens, que enfatizam a importância do diagnóstico e do tratamento precoces, do conhecimento do parceiro para informar caso o diagnóstico de HIV seja confirmado, propiciando o início imediato do tratamento, conforme se constatou esta pesquisa:

“[...] conhecer com quem se relaciona é bom para prevenção, para informar, no caso, se ele for contaminado por alguma doença; neste caso ambos têm que fazer tratamento. Então, não importa a cara e sim a personalidade, com toda ela para não correr o risco de pegar doenças, já que tem pessoas que têm DST e não falam” (DSC 1-B).

“[...] aconselharia a se prevenir, procurar um médico, fazer exames e dizer para os parceiros se cuidarem [...]” (DSC 6-A).

A orientação para realização de testagem de HIV/aids também é encontrada nos discursos sobre os casos em que há relação sexual sem uso de preservativo, principalmente para aquelas pessoas com muitos parceiros:

“[...] Faria ela enxergar os riscos que ela corre, continuaria falando sobre o risco de pegar DST, pois tem vários parceiros; aconselharia a parar com isso, sair dessa vida, se formar de forma digna e correta, se prevenir, procurar um médico, fazer exames [...]” (DSC 6-A).

Apontam ainda a assimilação da adoção da dupla proteção, conforme preconizado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2009), inclusive com adoção do preservativo feminino:

“[...] Diria que deveria se cuidar melhor, usar camisinhas masculina e feminina pra ficar bem protegida, porque estava em jogo a saúde dela. Sua vida e seus valores valem mais do que uma oportunidade dessas [...]” (DSC 6-A).

³ Cartilha *Prevenção combinada: barreiras ao HIV*, editada em 2011, numa parceria do Ministério da Saúde e do GIV – Grupo de Incentivo à Vida. Em 2015, foi republicada trazendo para o leitor informações atualizadas sobre os novos métodos de prevenção e suas possibilidades de uso.

Os jovens também expressaram conhecimento quanto à necessidade de mudança de hábitos, adesão ao tratamento e uso de medicação após uma possível infecção, bem como atenção aos impactos psicológicos e à saúde mental das pessoas:

“[...] o que fazemos hoje é consequência do amanhã. Tinha que pensar no seu corpo, fazer o que está no alcance; um futuro de doenças no corpo, na mente e na alma por falta de um sentimento [...]” (DSC 6-A).

“Melhor atrair azar do que uma doença. Sua louca, você está suscetível às DST, a doenças emocionais e psicológicas que poderiam atrapalhar sua carreira! Mude de postura, se previna, use camisinha e você ganha mais vida e realiza seus sonhos” (DSC 6-A).

“[...] Não é certo se vender para concluir os estudos, sair com qualquer cara e não se prevenir. É um risco para a saúde [...]” (DSC 6-B).

“[...] Diria para ela ter mais cuidado, pois as tuas transas sem camisinha é que trazem azar e as doenças sexualmente transmissíveis não escolhem ninguém. Tentaria pra ela sair dessa vida, dar novos caminhos, procurar uma maneira digna de viver e fazer os testes de HIV e outras DST [...]” (DSC 6-B).

“[...] Uma mulher madura a fim de se divertir; tem nada demais sair com um cara que ela se interessa. Foi errada por transar sem camisinha, deveria ter se prevenido [...]” (DSC 7-B).

“[...] Um alienado que só queria luxar e esbanjar sem ter condições, além de achar que preservativo só previne uma gravidez. Mesmo de idade ela poderia engravidar [...]” (DSC 7-B).

“[...] É doido e imprudente por não se proteger. Doença não escolhe quem se veste bem ou mal ou cheira bem ou não – as cheirosas também transmitem doenças. Ele foi muito criança e burro ao pensar que a parte exterior é única coisa segura em uma mulher, acha que as aparências dizem tudo (...) Todos os casos relatam a banalização do sexo e a falta de proteção nas relações sexuais se tornaram coisas comuns [...]” (DSC PF-B).

“[...] Hoje os jovens transam por qualquer coisa e não pensam nem em olhar no rosto; fazem sexo sem compromisso e sem responsabilidade, há uma troca de parceiros contínua. Infelizmente esse tipo de sexo está moderno e cada dia mais aceito dentro da sociedade [...]” (DSC PF-B).

“[...] Os jovens só querem saber de curtir e não se preocupam com sua saúde; eles não gostam de transar com camisinha. A falta de orientação é o

que caracteriza a imoralidade; é importante que sejam informados, prevenção nunca é demais. As pessoas têm que ser mais atentas às propostas que são feitas, temos que ter cuidado em conhecer pessoas porque quem vê cara, não vê coração [...]” (DSC PF-B).

Esses discursos são importantes porque transmitem o grau de consciência dos jovens e, possivelmente, suas atitudes para evitar danos de uma possível infecção pelo HIV, constituindo-se importantes componentes de redução da vulnerabilidade individual (AYRES et al., 2003).

Quanto à percepção do universo das drogas (abordado no Caso 5), observa-se que 35,4% (46) dos universitários possuem uma percepção do uso dessas substâncias como algo condenável e associado à imoralidade, bem como têm visão negativa da troca de sexo por interesse:

“Ela é sem moral, sem educação e sem caráter; uma viciada em drogas que não se controla, topa qualquer coisa pra saciar suas necessidades, faz tudo por uma bebida ou droga. Uma pessoa vazia, talvez uma frustrada, é dependente, precisa de drogas para seu bem-estar. Safada, ridícula, irresponsável, desvalorizada, estúpida, usa os vícios através do sexo, troca seu corpo, seu valor por coisas que não fazem bem à saúde; estava fissurada. Errada e não se dá valor, passar a noite com o colega; aceitar dormir com outra pessoa sem afetividade por necessidade do vício, hoje as meninas topam tudo por prazer, por festas. É ilícito, tinha que ter outros meios para curtir, para se divertir em vez de drogas. Imatura, não pensou no que podia acontecer. Devia se cuidar e evitar, pois as drogas destroem a vida da pessoa. Teve um comportamento péssimo, pois, se estava com problema, não poderia se drogar para fugir e sim resolver” (DSC 5-A).

“Ele é indecente. Como a maioria dos homens, aproveitou de uma pessoa fraca, quer ajudar, mas vai cobrar depois, foi esperto... Não foi amigo, foi pretencioso, a tratou como uma qualquer, deveria ajudá-la e não a incentivar. Foi egoísta, errado e equivocado, não se deve sustentar o vício de ninguém. Além de ser drogado, ainda destrói a vida da outra, isso leva para o mau caminho, tinha que criar vergonha na cara. Foi oportunista, viu que poderia ter uma chance de ter uma mulher no fim da festa e dormir com ela, aí tentou a velha frase ‘se colar, colou’ e fez um convite mal intencionado e manipulador; sabe que ela topa tudo pela diversão e se aproveitou do vício da outra para ganhar a noite [...]” (DSC 5-A).

“[...] Enfim, os dois foram irresponsáveis, possivelmente fizeram sexo sem se prevenir, sob efeito de drogas, podendo acontecer o indesejável [...]” (DSC 5-A).

O uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente na sociedade e os prejuízos associados a elas são bastante conhecidos. A literatura aponta a utilização de

drogas lícitas e ilícitas como um dos importantes fatores de susceptibilidade ao HIV. Em estudo recente do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (SENAD, 2010), identificou-se que o consumo de drogas se inicia na adolescência, na faixa etária de 12 a 14 anos, com maior prevalência do gênero masculino para o consumo de drogas ilegais. O álcool (39,6%) e o tabaco (10,2%) são as drogas de maior consumo entre a população adolescente, seguidas por outras substâncias ilícitas, com destaque para a maconha (3,8%). Também Rafael Augusto Borges PAVANI et al. (2007) apontam a maconha como a droga ilícita mais experimentada e utilizada pelos jovens, em todas as classes sociais.

Em se tratando da população adolescente e jovem, entre os prejuízos relacionados ao consumo de drogas, ainda que em uso experimental e recreativo, estão os danos para o desenvolvimento cognitivo, fisiológico e psicológico, atraso no desenvolvimento e comprometimento do rendimento escolar, principalmente quando o início do consumo é precoce (JINEZ et al., 2009). O uso de drogas influencia ainda na aquisição de capacidades de autocontrole e autoestima, além de tornar o indivíduo mais susceptível às influências de seus pares para se envolver em comportamentos de risco (JINEZ et al., 2009).

Estudos apontam que uso álcool e drogas é feito por jovens com os objetivos de relaxar, de ser divertir, de quebrar a timidez, de se expressar melhor, como meio de “fuga da realidade”, expondo-se a riscos diversos, em especial em relações sexuais casuais, muitas vezes desprotegidas (AMARAL, SALDANHA, 2006; SANTOS, PAIVA, 2007; CAMPO-ARIAS, CEBALLO, HERAZO, 2010). Isso evidencia a associação entre o padrão de comportamento de risco para a saúde sexual e reprodutiva e o uso de drogas lícitas e ilícitas por adolescentes, jovens e a população geral.

A Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira – PCAP, de 2008 (BRASIL, 2011), expôs a importância de se correlacionarem as variáveis uso de álcool e o comportamento sexual para aferir os riscos em relação a doenças de transmissão sexual, especialmente a aids (CARDOSO et al., 2008), confirmando a apresentação do caso e a opinião dos jovens pesquisados. Em geral, o álcool exerce um efeito modulador das práticas sexuais, com inegável prejuízo à adoção de comportamentos seguros para uma expressiva fração da população sexualmente ativa (BASTOS et al., 2008). Segundo a pesquisa, esse uso pelos jovens tem destaque em espaços sociais dos grandes centros urbanos, com maior tendência ao consumo de drogas recreacionais sintéticas, destacadamente as anfetaminas e o ecstasy.

Dessa forma, conforme Geisiane CUSTÓDIO et al. (2009), fatores de consumo de álcool e drogas associados a outros comportamentos juvenis de variabilidade de parceiros e o uso descontínuo ou ausente de preservativos têm sido apontados como fatores que contribuem para os altos índices de gravidez não planejada e inoportuna, além da infecção pelo HIV entre adolescentes e jovens. Também é nesse grupo que o pensamento formal (abstrato), o sentimento de onipotência, o desejo de desafiar a regra social, assim como o confronto ao poder e à autoridade dos pais, faz com que muitos se exponham a riscos, sem prever as consequências, apesar das informações sobre DST/HIV e outras doenças, sem comportamentos de autoproteção (TAQUETE; VILHENA; PAULA, 2004). Nesse sentido, é fundamental discutir e incluir a abordagem do uso de álcool e drogas nos debates sobre sexualidade, debatendo, além das questões de licitude, seus efeitos comportamentais e cotidianos na vida desses adolescentes (FIGUEIREDO; FEFFERMANN, 2006).

Ainda, há nos serviços de saúde muitas dúvidas sobre os aspectos legais na atenção a adolescentes no que diz respeito à sua autonomia e ao fato de serem “menores de idade” (FIGUEIREDO, 2015). Essas dúvidas influenciam a postura dos profissionais de saúde que questionam se devem atender esses jovens sozinhos ou se precisam estar sempre acompanhados de adultos ou responsáveis, se devem garantir o sigilo das informações que prestam frente a seus pais etc. Diante de tantas dúvidas, fica difícil ao serviço de saúde conseguir cumprir a responsabilidade das ações de prevenção às DST/aids voltadas para essa faixa etária. Uma das razões observadas para tal dificuldade é a preparação dos profissionais em acolher esse grupo. Geralmente, no lugar do respeito às diferenças e à autonomia dos adolescentes e jovens, o que se observa é uma relação de poder entre os profissionais e o cliente baseada em valores morais e crenças pessoais.

5.3 MORALIDADE, FORMAÇÃO RELIGIOSA E GÊNERO

5.3.1. Moralismo e Religiosidade

*“[...] sexo não deve ser feito só por prazer. Sexo deve ser feito depois do casamento
[...]”*

Atualmente, muitas discussões no tocante à religião e à sexualidade têm despertado reflexões sobre as mudanças e permanências das distintas tradições religiosas no campo das moralidades, das relações entre os gêneros, das hierarquias sexuais e da atuação dos movimentos religiosos. Essas mudanças são fruto de questões contemporâneas que trazem para o debate temas como a autonomia feminina no uso dos corpos e da própria sexualidade, a prostituição, a gravidez na adolescência, a presença de DST, incluindo o HIV/aids, dentre outros. Tais discussões são fundamentais, uma vez que estudos apontam que a compreensão das normatividades que orientam as éticas sexuais no mundo contemporâneo passa pelas suas possíveis conexões com a religião.

Segundo Maria de Fátima ARAÚJO (2002), o amor e o casamento, tal como os conhecemos hoje, surgiu com a ordem burguesa, mas só ganhou feição efetiva a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante na relação matrimonial. O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento anteriormente, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, assim como a sexualidade não tinha no matrimônio seu lugar de prazer, dado que ele restringia sua função visando apenas a reprodução.

Da Antiguidade à Idade Média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos, de modo que este evento não consagrava um relacionamento amoroso, mas sim um contrato entre famílias, visando geralmente a manutenção do *status* e poderio socioeconômicos (ARAÚJO, 2002). Até o século V, portanto, a religião não tinha presença efetiva e constante na união dos casais e a celebração das núpcias não tinha interferência do clero. Era um ato privado, ocorrido entre os nobres, tendo como função assegurar a transmissão da herança, de títulos e a formação de alianças políticas. Nesse contexto a escolha dos noivos e a paixão não pesavam nessas decisões (ARAÚJO, 2002).

A decadência do Império Romano e a expansão do cristianismo, a partir do século V, abriram caminho para que, aos poucos, a Igreja Católica passasse a estender seu poderio sobre a sociedade, inclusive sobre o casamento. Resgatando tradições e ideais do ascetismo, pregavam a renúncia aos prazeres como entrada para o reino do céu, propagando assim a exigência da virgindade, da castidade e da continência sexual (VAINFAS, 1986 apud ARAÚJO, 2002), instituindo o matrimônio como o único espaço legítimo para uso da sexualidade, com o objetivo exclusivo da procriação, procurando evitar os comportamentos sexualmente libertinos. Para tanto, a igreja confirmou a orientação da epístola de Paulo (ARAÚJO, 2002): que cada homem tenha

uma mulher, e cada mulher, um homem. Melhor seria que ficassem castos, mas se não podem se conter, casem-se. É melhor casar do que arder.

No século XII, a doutrina católica iniciou a sacralização do casamento, instituindo-o normativamente como matrimônio monogâmico e indissolúvel no século XIII. A partir daí o uso dos prazeres sexuais foi todo dirigido para o fim considerado “natural”: a procriação. Segundo Jean Louis FLANDRIN (1987, apud ARAÚJO, 2002), essa regência da vida sexual, tanto dos casados como dos solteiros, pela moral cristã na Idade Média foi o que instituiu a proibição de qualquer forma de atividade sexual com fim diverso ao de procriação, assim como do uso de métodos contraceptivos.

O fim do período medieval, a urbanização das cidades e a instituição de uma cultura burguesa determinaram a queda do poder da Igreja Católica, gerando outros discursos e hábitos sociais. O casamento deixou de ter como fonte motivadora a manutenção da linhagem, e os casais passaram a ter novamente um objetivo econômico: estabilizando a comunidade em torno do trabalho e preservando as propriedades (ARAÚJO, 2002, p.). No final do século XIX os hábitos citadinos fizeram surgir o discurso do amor romântico, fruto de paixões e que deveria guiar a escolha do matrimônio e, portanto, dos parceiros sexuais (ARIÉS, 1981).

A Igreja Católica manteve seu discurso “procriativo” até os anos 1960, quando introduziu as concepções de amor e paixão, definindo-os como sentimentos aceitáveis entre o casal, abarcando o casamento motivado por amor (GONÇALVES, 2012).

Atualmente, embora com menor força, os católicos e outras doutrinas cristãs com discursos similares ainda mantêm forte influência sobre o imaginário das pessoas, embora no Brasil, com relação ao casamento tenha havido rejeições a dogmas de monogamia com a aprovação das leis de desquite e divórcio (MARTINS, 2015), bem como das mudanças comportamentais fruto da liberação sexual e vindas com os movimentos de contracultura (RIBAS, 2011).

Ao descrever como jovens e autoridades religiosas compreendem a sexualidade, Cristiane Gonçalves da SILVA (2008) relata que o tema foi reconhecido como foco de interesse e reflexão em todas as comunidades religiosas estudadas, que concebem o sexo com significado sagrado, como dádiva de Deus ou presente dos Orixás. Há, assim, presença de uma ordem moral e de padrões de conduta considerados ideais e cada denominação religiosa desenvolve modos específicos de orientar comportamentos e de disciplinar seu rebanho. Os jovens dos diferentes templos identificam o espaço religioso como importante para a identidade e o pertencimento e descreveram seu processo de

reconhecimento e escolha das autoridades clérigas (pastores, reverendos, diaconisas etc.) nos padres, nas lideranças leigas ou nas divindades espirituais (caboclos, pretos-velhos etc.), nos Orixás, na Bíblia. Em todas as matrizes, entretanto, nem sempre se sentiam confortáveis para falar com as autoridades sobre suas dúvidas e experiências sexuais e compartilham a moral socializada pela família na comunidade religiosa.

Tal como descreveu SILVA (2008), a pesquisa com universitários indica que existe um grupo de jovens que crê que a própria autonomia deve resultar do acesso à informação. Portanto, não há idade certa para iniciar a vida sexual, e sim condições ideais para que isso aconteça:

“[...] Não daria esse conselho. Temos que ficar com quem amamos e não sair com um cara para obter sucesso. Ele estava querendo algo em troca [...]” (DSC 4 –H).

“Devia se cuidar e evitar, pois as drogas destroem a vida da pessoa. Teve um comportamento péssimo, pois se estava com problema não poderia se drogar para fugir e sim resolver [...]” (DSC 5-A).

“[...] Costumo ser responsável, não saio com desconhecidos e me previno; não tenho vínculo com pessoas que praticam sexo em troca de presentes, favores ou dinheiro. Mas todos eles erram só pensando em prazer [...]” (DSC-PF-D).

Assim como nas respostas dos universitários, SILVA (2008) aponta que jovens evangélicos pentecostais consideraram a tentação ao sexo uma ameaça de “queda”. Ou seja, antecipar o sexo antes do casamento seria ceder a tentações, situação mais comum entre os jovens homens:

“[...] sexo não deve ser feito só por prazer. Sexo deve ser feito depois do casamento [...]” (DSC 1-H).

“[...] Relação sexual é mais do que só sexo; tem que ter outras trocas, tem que ter sentimentos e não apenas satisfação sexual, porque sexo e amor têm que andar juntos. O sexo entre duas pessoas deve acontecer dentro de um relacionamento e não simplesmente por prazer. Não pode ser feito, assim, com qualquer pessoa; tem que ser algo especial, é necessário certa intimidade, conhecimento, convívio entre o casal” (DSC 1-E).

Ou seja, o discurso dos jovens evidencia a opinião sobre o comportamento sexual influenciado pelas crenças e pelos valores morais comuns ditados pelo

cristianismo, demonstrando que a religião ainda tem importância significativa sobre a sexualidade humana, ora impondo regras rígidas, ora orientando os indivíduos neste aspecto da vida. Da mesma forma, pesquisa nacional sobre sexualidade demonstra que o sentido da iniciação sexual e o crescimento do uso do preservativo na primeira relação sexual também vêm sendo influenciados pela religiosidade e apresentam diferentes índices, conforme as religiões adotadas (PAIVA et al., 2008). Embora a promoção do preservativo e a educação sexual nas escolas sejam apoiadas por mais de 90% das pessoas, independentemente de sua religião, poucas iniciativas dos programas de DST/aids conseguiram abordar sistematicamente os jovens religiosos em diálogo com suas crenças e nos seus próprios termos, garantindo o seu direito à prevenção, como o acesso ao preservativo e à informação sobre de que forma utilizá-lo.

Por isso, é importante considerar que as discussões sobre religiosidade e prevenção precisam ser feitas com os adolescentes e jovens, quebrando tabus e conscientizando-os sobre aspectos da sexualidade.

5.3.2. Moralidade e gênero

“Ela teve um comportamento ridículo, impróprio e imprudente, não é uma boa moça...”

Gênero, segundo Joan Wallach SCOTT (1996), conceitua a construção social do papel de homem e de mulher a partir das diferenças sexuais, majoritariamente marcado por relações sociais desiguais de poder entre ambos. Tais papéis variam conforme a sociedade e o tempo, e começam a ser constituídos até mesmo antes da infância, frente às expectativas que pais e mães e as próprias sociedades têm dos novos indivíduos que nascerão. A partir da identificação do sexo – hoje passível de ser feita antes do nascimento, por meio ultrassom – há uma designação do espaço social que os bebês ocuparão se forem meninos ou meninas. Este será representado pelo imaginário, pelas roupas e pelos objetos adquiridos; palavras, conselhos e forma de educação; e as respectivas modelações para cada um dos sexos. Por isso, o gênero é categoria construída para diferenciar essa atribuição social de valores e papéis do sexo puramente

biológico, procurando dar visibilidade a tal construção e demonstrar que ela não é algo natural, mas sim um constructo social e que, portanto, pode ser criticada, alterada e refeita sempre que houver interesse da sociedade.

No Ocidente, esses papéis de gênero são predefinidos por diferentes processos, entre eles o de educação e socialização. As meninas, por exemplo, são ensinadas a ser passivas, sensíveis, frágeis, dependentes; todos os brinquedos e jogos infantis reforçam o seu papel de mãe, dona de casa e, conseqüentemente, responsável por todas as tarefas relacionadas ao cuidado com os filhos e com o lar. Ou seja, as meninas brincam de boneca, de casinha, de fazer comida, de limpar a casa, tudo dentro do espaço privado. Já os meninos são incentivados a praticar atividades que envolvam agilidade e uso da força, com brincadeiras em que há muita movimentação, disputa, liderança e ocupação do espaço público, a rua. Eles jogam bola, brincam de carrinho, de guerra etc. Assim, desde pequenos os meninos se dão conta de que pertencem ao grupo que detém poder (CABRAL; DIAZ, 1998).

Além de definir a formatação dos indivíduos, o conceito de gênero integra os aspectos relacionais que essas formações culturais propiciam, evidenciando sua dinâmica e jogos de poder, inclusive de inserção e participação social, como, por exemplo, o acesso à educação, ao mercado de trabalho, à renda e muitos outros fatores que extrapolam a diferença biológica. Essa compreensão possibilita identificar os valores atribuídos pelo grupo social a homens e mulheres, bem como as regras de comportamento decorrentes desses valores e a dinâmica de intersecção de suas vivências tanto no espaço privado como no público, macro ou microsocial, de suas comunidades, em seus contextos culturais, econômicos, políticos, religiosos etc.

Pesquisas relacionadas às questões de gênero demonstram que na maioria das sociedades, inclusive na brasileira, há susceptibilidade da mulher frente à dominação do homem, portanto o masculino é valorizado em detrimento do feminino, em qualquer situação. Ao homem são atribuídas qualidades como razão, regulação, liberdade do exercício sexual, etc.; à mulher, passividade, conformismo, dificuldade de negociação no uso do preservativo, situações que geram violências e susceptibilidades etc. (TAQUETTE, 2004).

Cabe lembrar que a abordagem das questões de gênero não exclui que sejam enfocadas de forma relacional e transversal outras importantes variáveis que definem as relações sociais, como as de classe social, etnia/raça, diferença de geração, cultura e escolaridade, entre outras. Dessa forma, essas variáveis se potencializam e permitem

melhor compreensão da distribuição de papéis e análise do poder entre os indivíduos, homens e mulheres, foco importante para a abordagem do exercício da sexualidade, incluindo adolescentes e adultos jovens (CAMARGO; FERRARI, 2009).

Examinando as percepções dos jovens pesquisados, constata-se que, no geral, as respostas das meninas e dos meninos foram semelhantes sobre as situações de troca sexual. Nesse sentido, verifica-se que as expectativas sobre os comportamentos considerados comuns, certos ou ideais para os personagens narrados são similares, mantendo o padrão de valores segregantes entre os gêneros, bem as relações de poder, já que são as personagens femininas que ofertam o sexo as que são sempre criticadas:

*“[...] **Ela** teve comportamento errado, inadequado, ainda mais por se tratar de uma universitária. Interesseira, não se valoriza, sem caráter, não se dá respeito, não tem amor próprio (...) medíocre, vulgar e indecente, uma quenga, é promíscua, se vendeu por uma bolsa, por uma coisa fútil. Os bens materiais são mais que sua dignidade [...]” (DSC 2-A).*

*“[...] **Ele** não teve culpa, garota bonita e dando mole, não tinha como ter outra reação; não vejo nada de mais, comparo à lei da oferta e da procura. Para ele, foi uma troca de favor, foi normal, comum, simplesmente deu um presente; os homens hoje transam com garotas e dão presentes, foi uma vítima do sistema. Ele não tem nada a ver com isso, se ele não for casado (...) a vida é um jogo de interesse, a maioria das adolescentes fazem isso hoje [...]” (DSC 2-A).*

*“[...] **Ela** teve um comportamento ridículo, impróprio e imprudente, não é uma boa moça; ele poderia ter feito coisa pior com ela [...]” (DSC 2-D).*

*“[...] **Ele** deu o presente como forma de pagamento, foi uma troca de favor [...]” (DSC 2-D).*

Observa-se nos discursos que, quando se apresenta uma menina envolvida numa relação sexual com o objetivo de obter um bem material, este comportamento é considerado sempre negativo: errado, impróprio, ridículo, sem caráter, não se dá ao respeito, não valoriza a si mesma, é medíocre, vulgar, uma mulher promíscua, quenga ou prostituta. Já os homens envolvidos na situação de compra de sexo são poupados de juízos de valor pela maioria dos entrevistados, para os quais eles tiveram: uma atitude normal, comum, uma troca de favor, de “presentear” a mulher, ou até naturalização do descontrole por cederem a tentações: “garota bonita dando mole...”; “...é a lei da oferta e da procura...”; “ele não teve culpa, ela é que deu mole e se ofertou”.

Essas diferenças na análise dos papéis masculino e feminino na prática sexual corroboram a moral sexual que diferencia a expectativa de comportamento sexual de homens e mulheres e permite aos primeiros apresentar condutas não aceitas adotadas por elas. Assim, apesar de todas as mudanças e da libertação de costumes ocorridas no bojo da revolução sexual contemporânea e do feminismo (GIDDENS, 1993), ainda hoje há essa exigência diferenciada segundo gênero, no que diz respeito à sexualidade.

Para os homens são permitidos alguns costumes e ideias morais de promiscuidade sexual, enquanto a sociedade castiga sem misericórdia qualquer atitude da mulher que a distancie do “estrito pudor” preestabelecido. Segundo Bila SORJ (2003, p. 144):

A justiça de gênero, segundo as feministas, envolveria uma luta contra os valores sexistas e androcêntricos disseminados nas dinâmicas das instituições sociais, na esfera privada e nas relações intersubjetivas. Recortando a sociedade em suas diferentes esferas de sociabilidade, o sexismo, machismo ou androgenismo, como se queira chamar, é um padrão cultural que associa ao masculino um valor superior e desvaloriza tudo aquilo que é ligado ao feminino, em particular às mulheres. Esse valor cultural não seria superado com a mera justiça distributiva. A violência doméstica, o assédio sexual, a baixa participação das mulheres na esfera político-institucional etc. não são apenas consequências das desigualdades econômicas. Pelo contrário, mereceriam um reconhecimento específico, como expressões da dominação de gênero, e conseqüentemente teriam de ser tratados de maneira diferenciada.

Alguns discursos confirmam essa visão:

“Mulher tem que se valorizar...ela não tem caráter [...]”

“Não concordo com o comportamento dela, é inadequado, imoral; mulher tem que se valorizar, ela não tem caráter, personalidade e nem se dá respeito. Não precisa se trocar por algo, tem que trabalhar, não sabe o que a espera, o convite dele pode custar caro [...]” (DSC 5-B).

“Foi irracional, interesseira, louca, doida, sem limites; topou sem pensar, aceitou por prazeres, não mediu a consequência no que tinha que dar em troca, deveria ter mais consciência dos seus atos [...]” (DSC 5-B).

“Agiu por impulso da carne, foi safada,nojenta e sem escrúpulos, usar e trocar o corpo por futilidades e para satisfazer sua vontade [...]” (DSC 5-B).

“[...] Uma pessoa irresponsável, imatura, interesseira e sem princípios; topa tudo para se divertir, não é comportamento de uma mulher decente, coisa de vagabunda; atitude desnecessária entrar na balada e depois ir dormir com o amigo; não deveria ter aceitado e ter ido pra casa, isto é

inaceitável e incentiva as outras amigas. Ridícula, melhor ficar em casa do que pegar uma doença [...]” (DSC 5-B).

“[...] Ela teve um comportamento ridículo, impróprio e imprudente; não é uma boa moça [...]” (DSC 2-D).

“[...] Uma piriguete, uma quenga, uma puta; vendendo o corpo por bebida, se deu por tão pouco, trocou o sexo por drogas, pensa pouco nas consequências. Ela não é boa bisca, não tem caráter, é uma viciada, as drogas levam a pessoa a se prostituir. A conduta diz quem somos [...]” (DSC 5-C).

“Ele agiu normal... é um pegador [...]”

“[...] Os jovens só querem curtir com muitas mulheres, não têm consciência dos atos que tomam, porque o que importa pra eles são quantas garotas transam e não quem são, a quantidade é mais importante que a qualidade [...]” (DSC 1-C).

“[...] Hoje é normal, pois a maioria dos garotos faz esses convites; ele queria curtir, se divertir e achou alguém a fim; para pegar mulher tem que dar algo em troca, fez o papel de homem, entende de pegação [...]” (DSC 5-B).

“Ele fez o papel de homem, está na balada é pra pegar mesmo [...]” (DSC 5-E).

“[...] Ele está certo, a garota deu liberdade [...]” (DSC 5-F)

“Normal homens pagar tudo para mulheres em troca de algo [...]” (DSC 5-G).

Com esses discursos podemos observar que as mulheres estão submetidas a uma moral sexual que se apresenta de várias maneiras. As meninas são observadas quanto à roupa que vestem, como se comunicam, a forma de andar, o número de amigos homens, as suas companhias. Seus corpos devem seguir os padrões femininos de beleza e expressão, entre outros requisitos. Cada ato reflete em sua reputação sexual. Portanto, vincular o comportamento social das jovens à sua expressão sexual é uma forma de controlá-las, dividindo-as entre boas ou ruins “para casar”. Por isso, para não acabar solteira e rotulada como “puta”, “quenga”, a mulher tem de se submeter a uma forma injusta de relações sociais, que não é aplicável aos homens.

Dessa forma, no que diz respeito à sexualidade, observa-se que a ação humana feminina é rigidamente regulada por motivos e normas impostas pela cultura e suas instituições sociais ou mesmo legais, havendo uma dominação da mulher através do controle informal. Onipresente e anônimo, esse domínio tem fortes estruturas que são legitimadas pelas pessoas, o que contribui para a continuidade da sua lógica na medida em que elas participam e reforçam o controle informal, seja julgando, seja aconselhando, seja informando ou repassando seus valores através da educação. Nessa lógica, os sistemas de poder esculpem princípios morais e a permanência do *status quo* dominante (ANDRADE, 2012): o

controle dos homens sobre as mulheres, dos maridos frente a suas esposas, dos irmãos sobre suas irmãs etc. tira delas o poder de determinar o que são e o que querem ser, mantendo um círculo no qual a dominação é o último resultado e também a motivação inicial (GUIMARÃES, 2008).

Contudo, apesar dessa posição majoritária, é possível observar mudanças de opiniões. Nesta pesquisa, tanto entre meninas quanto entre meninos identificamos discursos críticos à dominação masculina. Por exemplo, apontando que o papel do homem nas relações de troca sexual se configura como exploração de um “prostituidor” aproveitador, principalmente quando ele é mais velho do que a mulher. Igualmente, quando é a mulher a ocupar o papel dominador na troca sexual, os entrevistados também a avaliam como “prostituidora”. Em ambos os casos, o homem e a mulher são julgados pela maior experiência de vida, poder econômico, mais *status* social ou no trabalho. Nesse sentido, podemos indiretamente afirmar que esses jovens situam as circunstâncias de troca sexual como uma “exploração social”:

“[...] Ele agiu errado, com má intenção, se aproveitou dela; interesseiro, cretino, sem caráter, tem o “instinto caçador”, queria apenas curtir, transar, foi mais uma noitada, pagou por algo; safadeza comprar as mulheres, é um retardado, compra tudo por sexo. Ele não sabe respeitar nem valorizar a mulher, não tem valores morais. Está estimulando a prostituição, porque aceitou a troca de um objeto por sexo e não tem respeito por ele mesmo [...]” (DSC 2-A).

“[...] Ele não tem caráter, sem compromisso, desesperado, fez uma proposta indecente, ofereceu tudo o que tinha para ter uma empregada e ‘prostituta’ para desfrutar; teve interesse somente pela beleza da moça, fez dela um objeto sexual, só queria sexo, roupa lavada e comida pronta [...]” (DSC 3-A).

“[...] Comportamento errado, tem que sentir algo pela parceira; atitude de todo homem quando vê uma mulher bonita e nova. Lamentável, ele é um velho idiota que usa de sua vida econômica pra buscar aquilo que dificilmente teria se fosse uma pessoa pobre; deveria procurar uma mulher de sua idade e do seu convívio social [...]” (DSC 3-A).

“[...] Ele se aproveitou da situação, da ingenuidade, da fragilidade e da humildade dela, por ter melhor poder aquisitivo. Oportunista, uniu o útil ao agradável: queria ela porque seria útil para ele, sem-vergonha, por ser mais velho não se dá respeito [...]” (DSC 3-B).

“[...] Como gerente é imoral, não tem ética e nem caráter profissional; não deveria apresentar esse tipo de proposta, usando o poder em troca de sexo; não se pode fazer isso dentro de uma empresa [...]” (DSC 4-A).

“[...] Espertinha, utiliza da boa situação para atrair garotões com pouca renda; ela deveria ir atrás de alguém da idade dela. Mulher vulgar, safada, galinha e sem caráter, porque usou sua vida financeira para o sexo, quis impor regras porque estava com dinheiro. Interesseira, carente e aproveitadora, comprou o moço para ter prazer, só queria se divertir e o fez de prostituto. Horrível, está incentivando a prostituição de homens [...]” (DSC 7-A).

O pesquisador Richard POULIN (2013) destaca que:

Na Suécia, desde a adoção, em 1999, de uma lei que penaliza os prostituidores, diminuiu o número de mulheres prostituídas, e o recrutamento e o afluxo de pessoas do exterior quase pararam e o número de prostituidores recuou, passando de 12,5% para 8,5%. Os homens jovens não são mais recrutados como prostituidores. Na Suécia, a prostituição é compreendida como uma forma de violência masculina praticada contra as mulheres e as crianças, e por isso as pessoas prostituídas têm acesso a todos os serviços disponíveis às mulheres vítimas de violência. Uma lei que penaliza os prostituidores tem certamente um valor pedagógico: o crime é comprar ou alugar o sexo das pessoas, e não o fato de uma pessoa ser prostituída. Travar um combate pela abolição do sistema prostitucional e de tudo aquilo que dele resulta, é trabalhar para pôr fim à submissão de um sexo pelo outro e à mercantilização sexual sob todas as suas formas.

Interessante também ressaltar que alguns jovens identificam nos casos apresentados situações de assédio sexual e moral, denunciando-as como consequência dessa “superioridade masculina” típica de sociedades desigualmente divididas entre os gêneros:

*“[...] só queria tirar proveito da sua funcionária e agiu de má-fé para levá-la pra cama e satisfazer seus desejos sexuais; teve atitude inaceitável, pois abusou do cargo para conseguir algo com a subordinada. Muito comum dos chefes, deveria ser processado, **foi assédio moral e sexual**, mandaria procurar as autoridades e relatar o abuso [...]” (DSC 4-A).*

“[...] se aproveitou do cargo, negociou a promoção de trabalho por sexo; é um mau caráter, é ruim, faltou com respeito, antiético, um abuso; merecia denunciar ao chefe, eu o denunciaria [...]” (DSC4-C).

“[...] Acontece muito em nosso meio, pode ser um abuso sexual. Ele aproveitador e de caráter duvidoso [...]” (DSC 3-K).

“[...] É errado, ridículo, canalha, idiota, estúpido, medíocre e sem escrúpulos; quis comprar a moça, é a mesma coisa do teste do sofá [...]” (DSC 4-A).

Nesse aspecto, é importante retomar a definição de assédio sexual dada pelo Código Penal, e suas emendas de atualização até 2001, através da Lei 10.224 (BRASIL, 2001): “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. (AC) Pena – detenção, de 1 (um) a 2 (dois)”.

Esse crime foi incluído na legislação brasileira após a reivindicação de movimentos feministas e de mulheres, bem como da denúncia pública e midiática de vários casos de assédio em situação hierárquica de inferioridade social, constados desde que as mulheres ingressaram no mercado de trabalho, evidenciando vários aspectos dessa discriminação por gênero (MAGGIO, 2015). Além de receber salários menores que os homens quando realizam o mesmo trabalho, elas têm menores oportunidades de emprego, são as primeiras a entrar nas listas de demissão, no caso de cortes de vagas, e são as maiores vítimas de assédio sexual, embora também haja casos em que são as assediadoras.

Cabe lembrar que o assédio sexual só se configura quando há uso do poder de coerção como forma de obter favores sexuais. Quando a troca é consentida, não se configura como tal; simplesmente o/a empregado/a aderiu à proposta e cedeu ao sexo, numa relação bilateral de interesses recíprocos.

Segundo Amauri Mascaro NASCIMENTO (2005, p. 136-139), o assédio sexual pode ocorrer em quatro situações:

- a) do empregador contra o subordinado, que é o mais grave, porque envolve uma relação de poder, como a de emprego, na qual aquele se situa na posição dominante e este na de dominado;
- b) a do preposto do empregador sobre o empregado, podendo configurar a dispensa indireta por justa causa do empregador por ato lesivo à honra e boa fama do empregado, além de reparações civis, as mesmas previstas para o dano moral;
- c) do empregado contra colega, o que mostra que o assédio sexual não tem como única situação uma relação de poder, podendo sujeitá-lo à punição disciplinar ou dispensa por justa causa de incontinência de conduta, ou clientes, o que põe em discussão o problema da responsabilidade civil da pessoa jurídica pelos atos praticados por seus

prepostos, prevista no Código Civil, aspecto que exige da empresa cuidados especiais, medidas preventivas e rigor na seleção e fiscalização dos empregados para não ser acusada por atos dos mesmos;

d) embora mais difícil, a de empregado sobre superiora hierárquica, punível também como justa causa e as mesmas reparações civis.

O assédio sexual é algo muito difícil de ser identificado, porque os abusadores aproveitam-se do seu *status* de comando, alegando que apenas fizeram um elogio, tentando assim descaracterizar o assédio sexual. Desse modo, para comprovar o evento a vítima teria de apresentar uma testemunha ou prova. Esse processo que frequentemente desacredita/deslegitima a denúncia da mulher é reforçado, ainda, pelo inconsciente coletivo, que tende a culpabilizá-la pelo assédio, quando ele ocorre no espaço público. Lugar que ela não está autorizada a ocupar, já que “[...] lugar de mulher é dentro de casa” (CAMPOS, 2003, p.167).

A luta pela igualdade de gênero ainda é desafiadora na maior parte do mundo (MUNDIGO, 1995). Atualmente, ainda estão em fase de compreensão suas ocorrências sociais, já que se perpetuam diferenças no campo das relações intrafamiliares, no transcorrer das gerações, na transmissão de normas sexuais, nas posições de poder e na tipificação do comportamento dos gêneros.

Quanto à saúde sexual, estudos têm comprovado a maior vulnerabilidade das mulheres devido à sua posição de inferioridade nas relações de gênero, inclusive frente à exposição a infecções de DST e HIV e à negociação do uso do preservativo. Relata-se que elas têm dificuldades para exercitar livremente sua sexualidade, sendo colocadas numa posição de desinformação, inexperiência sexual, silêncio e ocultamento de discussões de riscos e vulnerabilidades, além de serem mais passíveis a agressões físicas e sexuais (TAQUETE; VILHENA; PAULA, 2004). Nessa perspectiva, podemos afirmar que a questão de gênero é ainda mais prejudicial à mulher devido às tradicionais divisões de poder nas relações afetivo-sexuais, inviabilizando o diálogo sobre sexualidade entre os parceiros.

Enquanto os meninos são estimulados a iniciar a vida sexual precocemente para provar sua virilidade e masculinidade, as meninas ainda são educadas para atrasar ao máximo o início da atividade sexual, tornando-se necessário abordar as questões relacionadas ao gênero em estudos que tratam da sexualidade (GUBERT; MADUREIRA, 2008).

O tema depende do desenvolvimento de políticas públicas de saúde e ações intersetoriais que entendam a transcendência e a magnitude dessa questão. Logo, é necessário que as atividades educativas em saúde contribuam para a superação de preconceitos e desigualdades através da implementação de ideias e valores que não reforcem a concepção de um mundo masculino superior ao feminino, mas que estabeleçam condições de igualdade para ambos os sexos. Para tanto, os profissionais de saúde precisam incorporar o debate das questões de gênero, promovendo atividades educativas com os adolescentes e jovens que abordem, por exemplo, a sexualidade, a homossexualidade e o sexismo preconceituoso.

Nas relações de prostituição, a mulher, como participante mais frágil, é abordada por muitos homens que exercem sua sexualidade à custa da exploração e dominação de mulheres, meninas e meninos, fundamentando-se em premissas patriarcais de que o impulso sexual masculino é incontrolável e requer desafogo. Essa mesma cultura patriarcal, que considera a mulher inferior ao homem e, portanto, o autoriza a saciar sua vontade, a dispor do corpo feminino, a responsabiliza por ter se prostituído.

Essa desigualdade de abordagem e inversão de responsabilidades na prática das relações de prostituição, assim como nas de troca de sexo em geral, reforçam a perpetuação das relações de prostituição. Importante observar que a sociedade não apenas faz vistas grossas a essas práticas, como frequentemente participa das relações de prostituição. Dito de outro modo, os formuladores das ineficientes legislações que a abordam e os executores das políticas públicas dirigidas a essa população são os mesmos que participam e consomem prostituição ou realizam troca sexual.

Esses setores organizadores da sociedade creem nas premissas construídas culturalmente que dessexualizaram a mulher (CECCARELLI, 2008), afastando-a da possibilidade do livre arbítrio e desejo sexual. A mulher sexualmente livre é considerada promíscua e passível de atender esses desejos “natos” masculinos porque não seria uma mulher padrão, uma mulher de verdade, uma “mulher de bem”. Ao contrário, a “mulher de bem” se mantém restritiva quanto ao sexo, não se entrega a mais de um homem, tampouco busca prazeres carnavais e jamais trocaria qualquer coisa por sexo nem deixaria que alguém a utilizasse para saciar seus desejos sexuais.

Espaços públicos de relações sociais, os locais de prostituição ou de troca sexual não oferecem limites para os homens, configurando-se como “seu espaço”, ao mesmo tempo em que são tidos como indevidos, estranhos e não adequados às mulheres, que têm como lócus a casa, o lar. Nessa perspectiva, os dois espaços são

inconciliáveis: quem frequenta um, não pode ter domínio e desenvoltura no outro. Desse modo, a mulher ainda não é vista como um ser social de plena cidadania no espaço social público, nem o homem é tido como cidadão pleno quando ocupa o privado.

Assim como prostitutas enfrentam a violência por serem inferiores nos espaços público, as mulheres que realizam troca sexual também são violadas em sua imagem, moralidade e integridade, ficando sujeitas inclusive a violências físicas e sexuais. Dado que a mulher é vista como um ser inferior, mesmo em seu espaço doméstico de domínio (o lar) sofre violência conjugal, estupro e outras tantas formas de dominação masculina. Nesse sentido, tanto a prostituição quanto a troca de sexo por bens materiais ou *status* pelos homens para utilizar o corpo de mulheres constituem-se como mais uma manifestação da cultura sexista que os privilegia, colocando a sexualidade feminina ainda sob gerência da masculina.

A sociedade que cria fiscalizações, sanções e punições às atividades de prostituição em nome da moralidade e vê a troca sexual como maléfica e criticável somente quando praticada pelas mulheres é a mesma que cria subterfúgios para manter essas relações de prostituição, como o sexo transacional, o sexo não intencional ativos e disponíveis (CECCARELLI, 2008). Em outras palavras, nas relações de troca sexual, quaisquer que sejam, tanto a mulher como o homem têm suas práticas sociais e sexuais dotadas de regras, que foram estabelecidas na dinâmica das relações sociais de gênero. Nelas, ambos buscam desempenhar papéis predefinidos e não estão de todo livres para escolhas. Portanto, não se deve olhar a mulher como sujeito vitimizado das relações de troca sexual, mas denunciar as desigualdades dessas relações, que são construídas por todos e todas, inclusive por aquelas pessoas que as negam ou as utilizam.

A sociedade precisa possibilitar a cada indivíduo as condições necessárias para que possa livremente escolher o que deseja ou não fazer de sua vida, em ambos os espaços (público e privado). Portanto, a mulher – enquanto sujeito social – tem direito à autonomia do seu corpo: ela pode usá-lo como melhor achar a partir de suas escolhas, o que significa, inclusive, fazer parte do comércio sexual, da prostituição ou a qualquer tipo de trocas sexuais.

5.4 TROCA SEXUAL: PROSTITUIÇÃO OU “QUASE PROSTITUIÇÃO”? CERTO OU ERRADO?

5.4.1 Percepção da Troca Sexual Como Prostituição ou “Quase Prostituição”

“Ela transou por algo em troca, agiu como prostituta [...]”

“Ela não pensou em seus valores e virtudes; é imoral, quase uma prostituição [...]”

Na opinião dos jovens universitários que participaram da pesquisa, no que tange à troca de sexo por bens materiais e *status* (sexo por estrutura material, sexo por recompensa financeira ou por *status* material de qualquer ordem, ou sexo por produtos que possam se transformar em recompensas financeiras, como a realização de cursos, ascensão profissional etc.), observa-se que a maioria relaciona o comportamento feminino adotado com prostituição. Tal opinião não aparece apenas como uma descrição da situação, mas de forma crítica acusatória, condenando o comportamento da mulher:

“[...] Ela transou por algo em troca, agiu como prostituta, como uma profissional do sexo. É aproveitadora, se prostituir é crime. Sexo por interesse para ganhar algo material é comportamento de prostituição oculta (...) Ele está estimulando a prostituição, porque aceitou a troca de um objeto por sexo e não tem respeito por ele mesmo; comprar sexo é incompetência de achar uma mulher que transe com ele por sentimentos [...]” (DSC 2-A).

“[...] Não concordo, pois não é necessário vender seu corpo pra conseguir uma vida melhor; ela poderia até melhorar de vida, mas não ia ser feliz, a felicidade não pode ser vendida. É prostituição e errado, tem que ter caráter pra subir na vida. Ela não teve dignidade, é desonesto ganhar a vida servindo de prostituição. Ela entregou o corpo em troca de algo e que pode ter resultado indesejado [...]” (DSC 3- D).

*“Ela não pensou em seus valores e virtudes; é imoral, **quase uma prostituição**. Ele queria ajudá-la, poderia só contratar como empregada e não dormir. Pode ter comprado ela, e pode ter se apaixonado” (DSC 3-G).*

“[...] Não daria esse conselho por que estaria incentivando a amiga a se prostituir, uma forma muito baixa para se conquistar algo. Ter relações sexuais com alguém em troca de um emprego melhor é uma forma de vender o corpo; ela não é um objeto à venda, quem faz seu nome é você,

não uma noite de sexo. Absurdo, nosso corpo não se vende! É uma forma de prostituição; ela deveria subir de cargo pelo seu esforço e dedicação [...]” (DSC 4-C).

“[...] Ela está se prostituindo por dinheiro e drogas; vai trocar seu corpo por uma noite de festa, de curtição. Não é necessário usar o corpo em troca de favores. Uma piriguete, uma quenga, uma puta vendendo o corpo por bebida; se deu por tão pouco, trocou o sexo por drogas, pensa pouco nas consequências. Ela não é boa bisca, não tem caráter, é uma viciada; as drogas levam a pessoa a se prostituir. A conduta diz quem somos (...) Ele se aproveitou dela, não presta, sem caráter, um cafajeste; tinha o objetivo de levar alguém pra casa no fim da festa, foi malicioso e fez um convite à toa e indecente, é comum acontecer isso nos clubes. Foi audacioso e ousado, usou o dinheiro por uma transa, a maioria dos homens só quer satisfazer seus desejos sexuais. Imoral, promoveu a prostituição [...]” (DSC 5-C).

“[...] Indecente, está se prostituindo, trocando seu corpo por bens materiais. Não é certo. Se vender para concluir os estudos, sair com qualquer cara e não se prevenir é um risco para saúde. Não vai conquistar seu futuro com seus esforços e sim por sexo. Diria a ela para encontrar um homem para ajudá-la e ser feliz, porque prostituição não leva ninguém ao sucesso e até corre risco de uma DST. Ela ganha prazer e dinheiro para fazer. Postura que poderá destruir o seu sonho profissional. Enfim, vai dar o corpo por cargos melhores quando for jornalista. Sua puta!” (DSC 6-B).

“[...] Velha interesseira, carente e aproveitadora, comprou o moço para ter prazer, só queria se divertir e o fez de prostituto (...) Ele é muito ginasião e imaturo, ficar com uma pessoa por dinheiro; é um bobão que topa tudo e se prostitui, gosta de curtir com coroa e só pensa no sexo e não nas consequências [...]” (DSC 7-A).

“[...] Ela não deveria vender o corpo por coisas materiais, dinheiro ou festas; queria se dar bem na vida sem trabalhar. Um alienado que só queria luxar e esbanjar sem ter condições [...]” (DSC 7-B).

“[...] Ela queria sair, fez o que deveria, tá certo em ganhar dinheiro, mas estava se prostituindo [...]” (DSC 7-E).

Isso demonstra que jovens de ambos os sexos não naturalizam, mesmo na sociedade atual, a possibilidade de troca de sexo por coisas valorizadas pelo consumismo e que essa postura costuma ser veementemente condenada, principalmente pelas mulheres. Já alguns homens entrevistados tendem, eventualmente, a compreender que em situações de necessidade esse tipo de comportamento, mesmo considerado

similar à prostituição, é “aceitável”, principalmente devido às más condições de vida e à possibilidade de melhorá-las.

“[...] O interesse dela é bom, normal, pois estava pensando no seu futuro profissional, em estudar, em ter uma vida melhor; uma mulher esforçada, tinha seus sonhos a realizar. Viu nessa ocasião uma oportunidade de crescer e mudar de vida, de conquistar seu objetivo, arriscou tudo que tinha para seguir um homem mais velho e que não conhecia; uniu o útil ao agradável: haveria mudança em sua vida e um homem ao seu lado [...]” (DSC 3-B).

Assim, quando os casos de troca sexual apresentados no estudo foram motivados por fatores socioeconômicos (falta de emprego, baixa escolaridade, falta de um lugar para morar, migração para os grandes centros urbanos; jovens do interior passando a viver na cidade etc.) os universitários se mostraram mais compreensivos com a situação e chegaram a concordar com ela:

“[...] nas grandes cidades essa é a saída para a pobreza; acontece na realidade de meninas carentes: pra comprar o que necessitam têm essas práticas. Eles gostam de agradar as garotas, normal [...]” (DSC 2-A).

“Acontece, hoje em dia, pessoas pobres, por falta de oportunidades, indo pelo caminho mais fácil; se envolvem com pessoas mais velhas por interesse financeiro, preferem se vender para buscar melhoria de vida ou acham a liberdade através de um casamento. Infelizmente mulheres de poder aquisitivo muito baixo casam cedo. Comum acontecer, por falta de oportunidade de trabalho [...]” (DSC 3 – E).

“[...] É uma boa saída pra ela, já que não tem muitas escolhas; agiu por necessidade, a falta de oportunidade leva a isso, estava cansada de ficar na pobreza. Muitas pessoas ficam com outras por questões financeiras, método mais prático para ter alguma coisa. Ela não tinha opções para realizar seus sonhos, encontrou uma saída para realidade que vivia; a garota deve usar os meios necessários para conseguir o que deseja. Caso comum acontecer no interior, adolescentes que se iludem em troca de uma vida melhor [...]” (DSC 3 – B).

“Menina humilde, sem recursos para se divertir. Agiu assim por não ter o que fazer naquela noite. É uma escolha errada. Normal homens pagarem tudo para mulheres em troca de algo; ele não quer fazer o bem pra ela [...]” (DSC 5-G).

Ou seja, situações de troca sexual ou prostituição parecem ser toleradas, havendo menos estigmatização da mulher quando estão envolvidos fatores como famílias mal estruturadas, miséria extrema, falta de acesso à educação e até o uso de drogas ou ainda consumismo exagerado, quando envolve menores de posição social inferior, vistos como vítimas do sistema macro-político-econômico capitalista vigente. Os próprios jovens reconhecem que o estímulo ao consumo vigente produz o desejo de produtos “da moda” entre os indivíduos que seriam vítimas desse modelo.

Lembrando Domila do Prado PAZZINI (2011), não à toa, os motivos alegados para o ingresso na prostituição são, além da questão do sustento, a busca pela independência social e dos cônjuges (ou ex-cônjuges), dos pais, o que lhes garante maior autonomia para tomar suas decisões.

A carência econômica justificando a sujeição a tal atividade é uma das representações sociais mais recorrentes da prostituição: “A conformação da atividade do sexo comercial na lógica meramente econômica sustenta, assim, uma possível tolerância social já que retira do sujeito a ‘culpa’ por sua permanência neste negócio. O que se tem, afinal, é o produto da exclusão social”. (BRASIL, 2002, p.14). Nesse sentido, é possível dizer da prostituição que “[...] o que a aproxima do conceito de profissão é a sua qualificação como meio de sobrevivência de pessoas, em especial, mulheres, supostamente despossuídas de condições de inserção no mercado de trabalho” (BRASIL, 2002, p. 13).

Ao mesmo tempo, embora seja possível identificar a culpabilização do comportamento feminino identificado como postura de prostituição, nessas situações de troca sexual alguns entrevistados apontam crítica ao comportamento masculino descrito nos casos, condenando tal postura como amoral, inaceitável e oportunista na medida em que um homem incentiva ou se aproveita da vulnerabilidade de uma mulher para obter sexo.

“[...] Ele não tem caráter, sem compromisso, desesperado; fez uma proposta indecente, ofereceu tudo o que tinha para ter uma empregada e ‘prostituta’, para desfrutar; teve interesse somente pela beleza da moça, fez dela um objeto sexual, só queria sexo, roupa lavada e comida pronta. Comportamento errado, tem que sentir algo pela parceira; atitude de todo homem quando vê uma mulher bonita e nova. Lamentável, ele é um velho idiota que usa de sua vida econômica pra buscar aquilo que dificilmente teria se fosse uma pessoa pobre; deveria procurar uma mulher de sua idade e do seu convívio social” (DSC 3-A).

Isso indica que, embora não denominadas nem identificadas como as de um prostituidor, para os entrevistados a postura e a posição masculinas são de “prostituído” (FIGUEIREDO; PEIXOTO, 2010), sendo fortemente condenadas pelo grupo que expressa tal posição. Na opinião desses jovens, homens desse tipo são corresponsáveis pelas situações de prostituição, quase prostituição ou sexo transacional, tal como definido por Adriana de Araújo PINHO (2002).

Não à toa, em alguns países já existem leis que não se preocupam em punir alguém que se vende ou realiza trocas por sexo, como o Brasil, mas sim os estabelecimentos que induzem/facilitam comportamentos de prostituição. Outros, como Islândia, Finlândia e Noruega (CHIAPAS, 2013), além disso, também condenam e punem homens que venham a ser prostituidores ou compradores do corpo sexual feminino – posição importante de ser aqui relevada porque, ao invés de adotar a legalização e a institucionalização da prostituição feminina, como a Holanda e Alemanha (CHIAPAS, 2013), esses países criminalizam aquelas pessoas que querem consumi-la, considerando que devem ser corresponsabilizados pela situação de prostituição. As nações que penalizam o homem que tenta comprar/obter o sexo enquanto prostituição definem tal crime como similar ao de tráfico de pessoas, compreendendo que cabe à cultura masculina e seus comportamentos não fortalecer o uso sexual de mulheres e outras minorias sociais, como gays e transexuais (CHIAPAS, 2013).

Jovens que tendem a normalizar os relacionamentos sexuais por troca, citados nos casos da pesquisa, são minoria, mas refletem novas formas de sociabilidade quanto à prática sexual, entendendo-a como serviço passível de obtenção de vantagens, no qual a troca de diferentes interesses (sexo por algo) é vista como natural.

“[...] Comportamento normal nos dias atuais [...]” (DSC 2-E).

“ [Em] Ambos houve o interesse; dele por ter uma mulher que exercesse seu papel em casa e na sociedade, queria uma companheira; e dela por pensar em termos de futuro, viu nele uma melhoria de vida. Talvez até se gostassem mais tarde. Foi uma troca de interesses sem vínculo sentimental” (DSC 3-A).

“[...] Sim, normal. A gente procura melhoras e não custa nada sair; ela poderia se aproveitar dessa oportunidade, pois era bonita; devemos aproveitar as chances que são pertinentes. Não acho nada errado, só tem emprego hoje “pexado” e ele estava oferecendo um cargo para um

crescimento no trabalho. Cada um dá o que é seu, ele está buscando o melhor pra ele [...]” (DSC 4-E).

“[...] Ele agiu normal. Ninguém dá nada sem algo em troca; deveria gostar dela para oferecer esse cargo, teve atitude, se interessou por ela [...]” (DSC 4-F).

“[...] Acho normal, da hora! Hoje as meninas dormem com os caras pra eles pagarem suas entradas e consumos em festas; muitas saem com homens confiando no dinheiro (...) Ele foi atrás de uma companhia para dormir, convidou e ela aceitou porque quis. Normal, fez certo, o homem paga a conta [...]” (DSC 5 – D).

“[...] Moça muito inteligente, só quer uma ajuda para pagar a faculdade, queria completar a renda. Quanto a ela transar pra pagar os estudos, não a condeno [...]” (DSC 6-F).

“[...] Aceitável e comum, ela pode pagar, tem dinheiro, só queria curtir e se divertir. Está certa, apenas foi atraída e lutou por ele; foi generosa e sedutora, normal para a situação, cada um tem suas escolhas (...) Normal porque, se ele foi atraído, não vejo problema eles se relacionarem, mas errou ao não usar preservativo [...]” (DSC 7-D).

“[...] Sim, com certeza, as situações acima é o que mais vivenciamos; são coisas do cotidiano, por mais que seja imoral, acontece diariamente e chega a ser natural, não causa espanto, a banalização do sexo e a falta de proteção nas relações sexuais se tornaram coisas [...]” (DSC PF-B).

Essa postura de relacionar trocas sexuais a algo comum pode, inclusive, aparecer no discurso masculino de aquisição do sexo como de “boa intenção”, portanto, benéfica, demonstrando que há jovens que, além de naturalizar esse interesse dos homens, podem até considerá-los benevolentes ao fazê-lo.

“Ele teve comportamento normal, pois ofereceu pra moça um lar, foi um meio de conquistar. Pra mim, se queria com boa intenção, concordo. Precisaria saber realmente qual a intenção dele. Deu a ela uma oportunidade para garantir o futuro. Apesar de impor uma condição à mesma, só queria ajudá-la. Teve um comportamento de gentileza, teve boas intenções, dela não passar necessidades e subir na vida. Ele, solitário, precisava de uma pessoa para ser feliz ao seu lado, queria uma companheira e se apaixonou por ela, por ser nova e atraente e ofereceu os seus recursos” (DSC 3-B).

Cabe ressaltar que essa tolerância à troca, vista como algo natural e justo, obviamente considera outros tipos de exposição a riscos ou vulnerabilidade, como, por exemplo, às DST/HIV/aids, que podem aparecer independente da concordância ou não de opinião sobre a aceitação da prática sexual por troca:

“[...] Ela teve uma atitude burra e impensada: transar sem camisinha mostraria qual pode ser o futuro se ela continuar a transar sem proteção [...]” (DSC 6-F).

Com relação àqueles jovens que não reconhecem como prostituição os comportamentos de troca sexual citados nos casos (DSC das categorias C, D, E e F, representando 17,7% dos entrevistados), é possível considerar que eles podem não estar fazendo tal associação devido ao preconceito e à discriminação que circundam as prostitutas e a prostituição, atividade que não tem valorização social e é motivo de sofrimento e de humilhação para aqueles que a praticam. Isso ocorre em um processo de identificação com o discurso dominante, que associa prostituição à delinquência e, portanto, não passível de ser empregada na análise dos casos citados, que efetivamente são comuns em nossa sociedade. Podemos citar como exemplo os seguintes DSC:

“[...] Fala sobre o abuso de poder, aproveitar do menos favorecido. Todos agiram sem princípios morais, desrespeito consigo mesmo. É a realidade: pessoas em busca de crescer por meios mais simples, no entanto, indevidos, não pensam mais em construir uma família por amor, sim por interesse financeiro. Cada um tem seu modo de viver e agir diferente; uns no caminho certo, outros no errado [...]” (PF-C).

“Todos relatam sobre a valorização da mulher, que vem diminuindo a cada dia, principalmente por adolescentes que querem curtir a vida” (PF-F).

Enfim, a maioria dos jovens identifica nessas relações sexuais casos de prostituição, consideração que pode ser resumida e ilustrada no discurso:

“Todos falam de ambição, de luxúria, de pessoas que se prostituem, não profissionalmente, mas de gente que faz sexo em troca de algo – alguns por dinheiro ou poder, outros por objetos. A falta de condições financeiras e a venda do corpo para obter renda é um assunto que vem crescendo de maneira assustadora. Acontece em qualquer cidade, meninas(os) de classe média para alta trocam o corpo por joias/bolsas, vantagens e não medem consequências. Todos apresentam pouca oportunidade na vida, vontade de crescer, de conquistar bens materiais e, quando aparece uma

“oportunidade”, não pensam duas vezes. Tem muitas meninas que se vendem e muitos homens que adoram abusar e pagar mulheres, sem se preocupar com sentimentos. As pessoas estão mantendo relações sexuais umas com as outras como se fossem produtos. Os jovens têm deixado de lado seu valor moral, sua dignidade, seu caráter e transado com outras pessoas para ganhar presentes; se importam mais com coisas materiais do que com a personalidade e sua imagem. O sexo é praticado por interesse, por melhores condições de vida, realizar seus sonhos; para satisfazerem suas necessidades e obter prazeres sexuais, saem sem conhecer a pessoa, colocando sua saúde em risco. A maioria quer saber de curtição (festa, bebidas) e aceita qualquer coisa para conseguir isso. Enfim, hoje os jovens têm a prostituição como algo normal na vida. Muitos preferem se vender, se trocar, do que se esforçar para conquistar seus objetivos. Tenho amigos que já passaram por situações parecidas ou que se utilizam de métodos parecidos: dar seu corpo em troca de algo. Só me deixa em dúvida o que é se prostituir e o que é tentar sair da miséria [...]” (DSC PF-A).

Isso confirma as observações de Adriana PISCITELLI (2010), segundo as quais essa modalidade de troca remete às noções de “sexo transacional”, descritas anteriormente, e são demarcadas por diferenciações sociais de classe, idade, cor, como é o caso do “velho que ajuda”. Este, por sua vez, alude ao termo “sexo intergeracional”, ou seja, o envolvimento afetivo-sexual de uma mulher mais jovem com um homem mais velho, com importante assimetria etária e melhor condição socioeconômica, em busca de ajuda material e/ou financeira para ela e sua família. Ainda, aponta que, diferentemente da prostituição ou dos programas, a ajuda por “sexo transacional” não é estigmatizada e não é restrita ao acesso ao sexo, mas a “retribuição” da mulher se estende para a realização de serviços domésticos, outros cuidados com os parceiros, quando estão doentes, oferta de companhia e envolta em diferentes “estilos de afeto” (PISCITELLI, 2010).

5.5 PERCEPÇÃO DA RESPONSABILIDADE FAMILIAR OU SOCIAL, OU DE “AUTORIDADES” PELA SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE À SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO

“Os pais e as autoridades devem estar atentos...”

Os jovens, em seus discursos, atribuem um papel importante à família e ao Estado (“autoridades”) no que diz respeito ao desenvolvimento de ações preventivas as situações de prostituição:

“Comportamento normal nos dias atuais; quando recebem o não dos pais sujeitam-se a tais práticas [...]” (DSC 2-E).

“Falta de conhecimento e de um acompanhamento familiar favorece a proposta oportunista. Ele foi um aproveitador” (DSC 3-J).

“[...] Sim, mostra o quanto é importante os pais e as autoridades estar atentos pra proteger os adolescentes. E que as autoridades podem parar de roubar e fazer melhor uso dos nossos tributos, assim ninguém precisará transar com um velho para ter uma vida melhor [...]” (DSC PF-E).

São várias as situações que podem estar relacionadas com o comportamento de vulnerabilidade e suscetibilidade dos adolescentes e jovens na troca de sexo por dinheiro, *status* ou bens materiais: o despreparo para lidar com a sexualidade; a onipotência e o sentimento de invulnerabilidade; barreiras, preconceitos e rotulações quanto ao exercício livre da sexualidade; dificuldade de tomar decisão e se impor frente a pressões, baixa autoestima; indefinição de identidade; conflito entre razão e sentimento; necessidade de afirmação grupal; percepção temporal imediata, levando à dificuldade de administrar esperas e desejos (BENTO et al., 2005); além de histórico de violência física ou sexual (FIGUEIREDO; PEIXOTO, 2010). Nesse universo conturbado, torna-se necessário que adolescentes e adultos jovens desenvolvam conhecimentos e habilidades que os auxiliem na adoção de comportamentos (BENTO et al., 2005). Por isso, a família, a escola e a área da saúde são as instituições fundamentais para o desenvolvimento das ações educativas e preventivas que facilitem a construção dessas habilidades, reduzindo vulnerabilidades e ajudando o adolescente e os jovens no enfrentamento das situações de risco, muitas das quais por ele mesmo geradas.

A família é o espaço indispensável para garantir a sobrevivência, a proteção integral de seus membros, independente da dinâmica ou da forma como ela está estruturada, já que propicia o desenvolvimento e a sustentação da afetividade e a educação de seus membros, transmitindo valores éticos e humanitários necessários para se viver em sociedade (ALMEIDA; CENTA, 2009). Segundo Dorothy Law NOLTE e Rachel HARRIS (2005), os pais frequentemente desconhecem como agir diante das demonstrações da sexualidade de seus filhos, uma vez que na sociedade ocidental o sexo é tabu e crianças e adolescentes, vistos como assexuados (CARVALHO et al., 2012). Neste sentido, NOLTE e HARRIS (2005) apontam que, por estar presa a estereótipos, a família tem dificuldade de entender as diferenças de ideias, o que pode

gerar conflitos e tensão familiar durante o crescimento dos filhos, inclusive quanto à manifestação de sua sexualidade e comportamento. Por isso, Ana Carla Campos Hidalgo de ALMEIDA e Maria de Lourdes CENTA (2009) concluem que é fundamental que toda família discuta aspectos como educação sexual o mais precocemente possível, cultivando assim hábitos saudáveis entre crianças e adolescentes, esclarecendo dúvidas e a conscientização acerca de questões pertinentes à sua própria saúde e sexualidade.

A educação sexual, historicamente, sempre foi prerrogativa dos pais e da família. Porém, na prática ela é virtualmente inexistente, já que na maioria das vezes, por falta de conhecimento ou dificuldade dos pais em lidar com assuntos referentes à sexualidade dos filhos, não é abordada diretamente, remetendo à mensagem de um tema inadequado ou proibido para crianças e adolescentes.

Quando a criança sai da família e faz colegas, na grande maioria das escolas as informações são fornecidas em aulas de ciências ou biologia, priorizando aspectos fisiológicos e anatômicos organicistas, sem espaço para a discussão sobre sexualidade ou para o diálogo franco e aberto sobre as ansiedades, preocupações e vivências sexuais de meninos e meninas (COUTINHO; BARROS, 2001).

Regina FIGUEIREDO (1998) sugere que seria importante que o ambiente escolar assumisse, juntamente com a família, a responsabilidade de formar e informar adolescentes e jovens para consolidar uma visão positiva de sua própria sexualidade e para a tomada de decisões maduras e responsáveis frente aos problemas da sociedade contemporânea. Isso porque vários problemas relativos à sexualidade se tornam questões de saúde pública e sociais, como as gestações não planejadas e a aids. Adolescentes e jovens, quando questionados quanto ao local mais adequado para a discussão sobre sexualidade, frequentemente indicam a escola como espaço ideal para esse tipo de troca de experiências. Entretanto, ainda são poucas as instituições escolares que têm efetivamente condições de explicar as peculiaridades do comportamento sexual humano no que diz respeito à moral e aos caracteres vigentes (BUENO, 2006).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), a orientação sexual deve ser realizada de forma sistemática pela escola, e suas metas não abarcam somente a aquisição de conhecimentos e habilidades básicas das funções reprodutivas, mas, fundamentalmente, a preparação da pessoa para a vida, o desenvolvimento de sua personalidade e maturidade psicoemocional, tornando-a responsável, capaz de tomar decisões, se autorregular e autogerir sua educação. A

discussão sobre a postura adotada pelo educador frente às manifestações da sexualidade dos alunos deve fazer parte do cotidiano escolar, cabendo à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o educando a encontrar um ponto de autorreferência, por meio da reflexão e crítica da realidade (BRASIL, 1997). O Ministério da Educação, assim, aponta que a sexualidade deve ser considerada como algo que faz parte da vida e da saúde de todas as pessoas e se expressa desde o nascimento até a morte, relacionada ao direito ao prazer e ao exercício do autocuidado e autorresponsabilidade; além disso, engloba as relações entre homens e mulheres, o respeito a si mesmo e ao outro e diferentes crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática. Fornecer educação sexual no espaço escolar, portanto, contribui para a superação de tabus e preconceitos que ainda existem no contexto sociocultural brasileiro e que, de alguma forma, dificultam o exercício da cidadania e vulnerabilizam crianças, adolescentes e adultos.

Conforme a experiência da organização não governamental ECOS (2001), que desenvolveu diversos projetos de implementação de educação sexual em escolas públicas e privadas, a educação sexual no ambiente escolar contribui para o conhecimento e a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos; e estes dizem respeito às informações e aos recursos necessários à possibilidade de se tomar decisões sobre fertilidade, saúde reprodutiva e criação dos filhos. Tal exercício depende da vigência de políticas públicas que atendam a esses direitos. Para a ECOS (2001), experiências têm apontado a necessidade de que essas questões sejam trabalhadas de forma contínua, sistemática, abrangente e integrada, e não como áreas ou disciplinas específicas, pois a educação sexual é um processo de intervenção, realizado com o envolvimento de toda a comunidade escolar, assegurando aos alunos espaços necessários para receber informações de forma clara e precisa que conduzam à reflexão de valores, criatividade e autonomia.

Sexualidade, enquanto algo constituinte do ser humano, se apresenta intrinsecamente relacionada ao âmbito privado, mas é também resultado da cultura e das relações sociais estabelecidas por homens e mulheres no decorrer de suas vidas. Por isso tem se erigido como tema privilegiado a ser abordado com adolescentes e jovens pelos profissionais de saúde e educadores que atuam junto a esse público (CARVALHO et al., 2005). O alto nível de desinformação quanto à sexualidade observado no país pode ser o reflexo da ausência dessa educação, de alguma repressão e da dificuldade de abordagem desses temas na família, como também a falta de programas educativos

institucionalizados nas escolas e serviços de saúde, uma vez que pesquisas apontam que a maioria dos jovens necessita de informação na área da sexualidade (BRENNEEISEN; SERAPIÃO, 2007).

Para a Camila Macedo GUASTAFERRO (2014, p. 1), é fundamental um trabalho pedagógico, sobretudo nas escolas, que lide com a sexualidade como direito, motivando a autonomia dos indivíduos nesse processo: “Quando você incorpora autonomia sobre o seu corpo, o prazer, de se ver como sujeito que merece prazer, você passa a lidar com a sexualidade a partir das suas decisões, o que é fundamental”.

Abordar a sexualidade com adolescentes permite que venha à tona uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa da vida. Por isso, é justamente nesse período que a educação sexual deve ser praticada, não de maneira superficial e duvidosa, mas de forma harmônica e saudável (BRUZAMARELLO, 2010). Ao educar sexualmente, conforme a autora, se oferece condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. Deve ser preocupação dos pais e educadores que os adolescentes tenham uma educação sexual sadia, pautado em valores e hábitos condizentes com a valorização da vida e com os direitos humanos (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013)

A decisão de oferecer programas formais de orientação sexual nas escolas e no currículo de forma transversal é uma questão política, e é importante preparar os professores para lidar com esta tarefa. Não fazê-lo significa perpetuar a transmissão de conhecimentos e atitudes, muitas vezes, preconceituosos e sem base científica, conduzindo a prejuízos consideráveis na formação dos educandos (LEÔNCIO, 2013).

Na saúde é importante o desenvolvimento de ações promotoras e preventivas que orientem os jovens sobre sua própria sexualidade, inserida na sua realidade e de forma aberta, pois eles não têm experiência de vida e, muitas vezes, desejam aventura e ignoram vulnerabilidades, como a possibilidade de gravidez ou de se contaminação por alguma DST, acreditando erroneamente que o ato sexual com pessoas conhecidas os isentam desses riscos. Por isso, Eveline Pinheiro BESERRA et al. (2006) apontam que é importante que o adolescente direcione a sua sexualidade de modo racional, possível de ser questionada, a fim de ter menos riscos à sua saúde. O profissional de saúde que assiste aos adolescentes e jovens deveria estimular a discussão dos aspectos da sexualidade de forma clara e objetiva, a partir dos seus conhecimentos e

aconselhamentos, ouvindo o que pensam e suas dúvidas, mesmo que refiram que não tenham iniciado sua vida sexual.

Em seu estudo, Jacira Nunes CARVALHO (2010) destaca a importância do papel dos profissionais de saúde que, além do aprimoramento técnico-científico, também deveriam ter atitude humana e sensibilidade ao trabalhar com adolescentes e jovens, pois as ações direcionadas a eles necessitam de estratégias eficazes e eficientes, levando em consideração a suscetibilidade e a vulnerabilidade a que estão submetidos. Dessa forma, para garantir a efetividade das intervenções, as ações devem sempre estar pautadas no método participativo, como forma de encontrar subsídios para análise, compreensão e interpretação de achados que permitam o diagnóstico das necessidades e do perfil desse grupo. Não só os profissionais deveriam, assim, estar preparados; também é necessária uma estrutura compatível com o desenvolvimento de ações coletivas e individualizadas, proporcionando aos jovens e adolescentes, quando preciso, a privacidade para o diálogo com o profissional. É importante ainda que os pais, em alguns momentos, sejam convidados a participar das atividades promovidas junto aos profissionais de saúde e educação, para que se sintam igualmente preparados para orientar os seus filhos (CARVALHO, 2010). Sabe-se que pais inseguros e despreparados para trabalhar algumas questões, como sexualidade, gravidez e outras, transferem esta incumbência para a escola e os profissionais de saúde (CARVALHO, 2010). Nesse sentido, é importante o desenvolvimento de instrumentos metodológicos que habilitem educadores de educação em saúde, sejam professores ou profissionais de saúde ou outros atores sociais que desejem fazer ações educativas com adolescentes e jovens, facilitando a discussão da sexualidade.

Essas discussões poderiam integrar o tema das relações de prostituição, desnaturalizando sua ocorrência, denunciando a exploração social e de gênero nela implícitas, apontando o uso do sexo da sexualidade como mercadoria e buscando evitar a reprodução dessas relações desiguais e de subalternidade entre esses indivíduos em formação. Tal abordagem não deveria ter qualquer tipo de enfoque moral de culpabilização da prostituição ou de seus praticantes ou da prática sexual explícita que origina, mas promover a discussão ética sobre a importância do sexo voluntário, que atenda a integralidade humana e seus anseios e alimente a afetividade e o bom convívio social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese buscou conhecer e descrever a percepção de adolescentes e jovens universitários acerca da prostituição e troca de sexo por bens materiais e *status*, ou seja, práticas sexuais transacionais, de prostituição não explícitas ou não intencionais. Observou-se que os jovens (meninos e meninas) compartilham a ideia de que o sexo é algo além do aspecto físico, apresentando uma visão mais integralizante da prática sexual do que apenas a obtenção de prazer. Apesar disso, alguns meninos ainda associam a mulher a objeto de prazer, que pode ficar à mercê dos desejos sexuais masculinos.

No que diz respeito à preocupação com a saúde, os universitários apontam para a importância do uso do preservativo como uma forma de proteção e prevenção tanto da gravidez indesejada como de doenças sexualmente transmissíveis e aids. Outras estratégias também são citadas por eles: (1) a importância do diagnóstico e do tratamento precoces de HIV, do conhecimento do parceiro para informar casos de sorologia positiva, de forma a propiciar o início imediato do tratamento; (2) a testagem de HIV/aids nos casos em que há relação sexual sem uso de preservativo; (3) a assimilação da adoção da dupla proteção; (4) a necessidade de mudança de hábitos, adesão ao tratamento e uso de medicação após uma possível infecção; e (5) os possíveis impactos psicológicos e à saúde mental provocados pela infecção por HIV. Tudo isso demonstra que o discurso preventivo em saúde sexual e reprodutiva tem atingido o público jovem, não sendo porém expresso pela maioria.

Ainda, os discursos dos jovens evidenciaram opiniões sobre o comportamento sexual influenciado pelas crenças e pelos valores morais comuns aos ditados pelo cristianismo, demonstrando que a religião ainda tem importância significativa na sexualidade humana, ora impondo regras rígidas, ora orientando os indivíduos neste aspecto da vida.

Constatou-se que os pesquisados associam mulheres envolvidas em trocas sexuais a comportamentos negativos, denunciando uma moral sexista que adota divisão rígida tradicional nos papéis de gênero femininos e masculinos. Já os homens em situação de compra de sexo são poupados pela maioria dos entrevistados de juízo de valor. Contudo, apesar dessa posição majoritária, foi possível observar discursos críticos à dominação masculina, tanto entre meninas quanto entre meninos, que identificam e

denunciam nos casos apresentados na pesquisa situações de assédio sexual e moral, demonstrando oposição ao exercício da “superioridade do homem”.

A pesquisa demonstrou, também, que a maioria dos jovens de ambos os sexos não naturaliza, mesmo na sociedade consumista atual, a possibilidade de troca de sexo por bens materiais, *status* ou vantagens econômicas, sendo esta postura comumente condenada com veemência e associada à prostituição, principalmente pelas mulheres. Por outro lado, alguns homens entrevistados tendem, eventualmente, a compreender que em situações de necessidade de sobrevivência, subsistência ou econômicas tais comportamentos são aceitáveis. Nesses casos há menor estigmatização, principalmente se associados a comportamentos temporários com objetivo de mudança de vida, por pessoas com famílias mal estruturadas, vivendo em miséria extrema, menor posição social, falta de acesso à educação e, eventualmente, também frente à dependência de drogas ou ao consumismo exagerado. Nessas situações, os indivíduos são vistos como vítimas do sistema macro-político-econômico capitalista vigente.

Os jovens atribuem um papel importante à família e ao Estado (“autoridades”) no que diz respeito ao desenvolvimento de ações preventivas às situações de prostituição. Demonstram que esperam que a família e o Estado minimizem realidades que tornam os jovens vulneráveis. Podemos acrescentar também o papel da escola e da área da saúde, enquanto instituições fundamentais para o desenvolvimento de iniciativas educativas e preventivas que facilitem aos adolescentes e jovens o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades para mudanças comportamentais que reduzam as vulnerabilidades e os ajudem no enfrentamento das situações de risco, inclusive em relação à prostituição.

Os resultados do presente estudo apontam a necessidade de imediato incremento de programas de educação em saúde voltados para o desenvolvimento de habilidades que permitam ao jovem lidar com sua sexualidade e exercer seus direitos com cidadania.

REFERÊNCIAS

ABIA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS. **Cartilha prevenção combinada: barreiras ao HIV**. Rio de Janeiro: Abia, 2014.

_____. **Análise do contexto da prostituição em relação a direitos humanos, trabalho, cultura e saúde no Brasil**: levantamento nacional e contexto internacional. Rio de Janeiro: ABIA, 2013.

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 71-76, jan./fev. 2009.

AMARAL, A. C. G.; SALDANHA, A. A. W. A vulnerabilidade à aids associada ao uso de álcool por adolescentes. In: CONGRESSO VIRTUAL DE HIV/AIDS, 7., 2006, Portugal. **Anais**. Santarém, Portugal: Normagraf, 2006. v. 1. p. 53-60. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/congressoprev2006/Html/resumo582.html>. Acesso em: 23 de março de 2015.

ANDRADE, V. R. P. de. **Pelas mãos da criminologia**: o controle penal para além da (des)ilusão. Rio de Janeiro: ICC; Revan, 2012 (Coleção Pensamento Criminológico 19).

ANJOS, R. H. D. et al. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 829-837, Ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n4/07.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de D. Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 273.

AYRES, J. R. **O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser**: a vulnerabilidade como eixo de avaliação de ações preventivas do abuso de drogas, DST e aids entre crianças e adolescentes. São Paulo: FDE, 1996. (Série Ideias, n. 29, p. 15-23). Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_29_p015-024_c.pdf>. Acesso em: 13 maio 2013.

_____. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D. (Org.). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões e tendência. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 117-138.

ARAUJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2016.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Caderno de Pesquisa**, [S.l.], n. 117, p. 127-149, 2002.

ASINELLI-LUZ, A.; FERNANDES JUNIOR, N. Gênero, adolescências e prevenção ao HIV/aids. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 81-97, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2016.

BASSERMANN, L. **História da prostituição**: uma interpretação cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BASTOS, S.; VIEIRA, V.; CAETANO, C. BR-116, o caminho da prevenção: intervenção social para a prevenção de DST e aids entre jovens que se prostituem em rodovias. **BIS – Boletim do Instituto de Saúde, São Paulo**, n. 40, dez. 2006.

BASTOS, F. I. et al. Comportamento sexual e percepções sobre HIV/Aids no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, Supl. 1, p. 1-2, 2008.

_____. **Taxas de infecção de HIV e sífilis e inventário de conhecimento, atitudes e práticas de risco relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis entre usuários de drogas em 10 municípios brasileiros**: relatório técnico. Brasília: Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, 2009.

_____. **A feminização da epidemia de AIDS no Brasil**: determinantes estruturais e alternativas de enfrentamento. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2000 (Coleção Abia Saúde Sexual e Reprodutiva, n. 3).

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENTO, I.C.B.; CARRARA, G.L.R.; PANTALEÃO, S.A. Orientação sexual para adolescentes: sexo e sexualidade o que são e quais suas consequências na adolescência. **Revista Fabibe OnLine**, Bebedouro (SP), v. 2, n. 2, mai. 2006.

BERNSTEIN, E. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, 2008.

BERTONI, N. et al. Knowledge of AIDS and HIV transmission among drug users in Rio de Janeiro, Brazil. **Harm Reduction Journal**, [S.l.], v. 8, n. 5, 2011.

BESERRA, E.P.; ARAÚJO, M.F.M.; BARROSO, M.G.T. Promoção da saúde em doenças transmissíveis – uma investigação entre adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 402-407, out./dez. 2006.

BOUAMAMA, S. **Les clients de la prostitution, l'enquête. Prostitution et Mondialisation**. Villemomble: Ed Epigraph 93, 2007.

BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. **O poder simbólico**. Lisboa: Divisão Editorial, 1989.

BRASIL. Decreto Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Rio de Janeiro: Gabinete da Presidência da República, 1940.

_____. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990; retificado em 27 set. 1990.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 28/02/2016.

_____. Ministério da Educação. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial n. 796, de 29 de maio de 1992. Veda práticas discriminatórias, no âmbito da educação a pessoas portadoras de HIV. **Diário Oficial da União**, Brasília, 03 jun. 1992. Disponível em: <<http://www.mprs.mp.br/infancia/legislacao/id2096.htm?impressao=1>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

_____. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996a. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

_____. Ministério da Saúde. **Manual do multiplicador** – Profissional do sexo. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1996b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Política Nacional de DST/Aids: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 1999a.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1999b.

_____. Ministério da Saúde. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da aids**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002. (Séries Manuais, n. 47.)

_____. Ministério da Saúde. **Avaliação da efetividade das ações de prevenção dirigidas às profissionais do sexo, em três regiões brasileiras**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003 (Série Estudos Pesquisas e Avaliação, n. 7).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 52p.

_____. Ministério da Saúde. **Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 64 anos, 2008**. Brasília: Ministério da Saúde; 2011.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Portaria n. 54, De 18 de novembro de 2013. Torna pública a decisão incorporar a vacina quadrivalente contra HPV na prevenção do câncer de colo do útero no Sistema Único de Saúde - SUS. **Diário Oficial da União**, 19 nov. 2013a. Seção 1, p. 39

_____. Ministério da Justiça. **Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil**. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2013b.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. **Vacina contra HPV na prevenção de câncer de colo do útero**. Relatório de Recomendação da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS – CONITEC – 82. Brasília: Ministério da Saúde, 2013c.

BRENNEISEN, I.; SERAPIÃO, C. J. Percepção e grau de informação sobre a saúde sexual, entre estudantes, do ensino fundamental e médio: estudo de caso. **Revista: O mundo da saúde**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 448-453, jul./set. 2007.

BRUSSA, L. Trabajadores sexuales inmigrantes en Europa: prevención de ITS/VIH, salud y derechos. **Research for sex work**, [S.l.], n. 5, jun. 2002.

BRUZAMARELLO, B. **Educação sexual de adolescentes nas escolas: um olhar sobre o cenário brasileiro**. 2010. 38p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BUENO, G.M. **Variáveis de risco para a gravidez na adolescência**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em:

<<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=245>>.

Acesso em: 12 fev. 2016.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE. FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona, 1998. p. 142-150.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946, 2009.

CAMPOS, C. H. **Teoria crítica feminista e crítica à(s) criminologia(s)**: estudo para uma perspectiva feminista em criminologia no Brasil. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2013. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4940/1/453439.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

CASTRO, V. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CARVALHO, J. N. **Autonomia do cuidado vivenciada por adolescentes para um viver saudável: o olhar da enfermagem**. 2010. 228f. Tese (Doutorado em) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CARVALHO, S. B. **As virtudes do pecado**: narrativas de mulheres a “fazer vida” no centro da cidade. 2000. 74 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2000.

_____. et. al. Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2012.

CARDOSO, L. R. D.; MALBERGIER, A.; FIGUEIREDO, T. F. B. O consumo de álcool como fator de risco para a transmissão das DSTs/HIV/Aids. **Revista de Psiquiatria Clínica**, [S.l.], v. 35, Supl. 1, p. 70-75, 2008.

CHIAPAS, M. As leis sobre prostituição em diversos países europeus. **GGN – Jornal de todos os Brasis**, São Paulo, 9 dez. 2013. Disponível em: <<http://jornalgggn.com.br/noticia/as-leis-sobre-prostituicao-em-diversos-paises-europeus>>. Acesso em: 25 fev 2016.

COUTINHO, M. F. G.; BARROS, R. R. **Adolescência**: uma abordagem prática. São Paulo: Atheneu. 2001; 201-250.

COSTA, M. C. O et al. HIV/aids e sífilis em gestantes adolescentes e adultos jovens: fatores de exposição e risco dos atendimentos de um programa em DST/HIV/aids na rede pública de saúde/SUS, Bahia, Brasil. **Revista Baiana de Saúde Pública**, [S.l.], v. 35, Supl. 1, p. 179-185, 2011.

CUSTÓDIO, G. et al. Comportamento sexual e de risco para DST e gravidez na adolescência. **DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, [S.l.], v. 21, n. 02, 2009.

Departamento de Informática do SUS. **Datasus** [Internet]. 2014 [citado 2014 fev 2]. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br/>.

DE PAULA MEDEIROS, R. **Fantasías y realidad en prostitución**: SIDA, prácticas sexuales y uso de preservativos. Barcelona: Ed. Virus, 2000.

DUARTE, L. F. D. A guisa de introdução: o que perguntamos à família e à religião? In: _____ et al. (Org.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. p. 7-13.

DUVEEN, G. Introdução: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de P. A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 7-28.

ECOS - COMUNICAÇÃO EM SEXUALIDADE. **Sexo sem vergonha** - uma metodologia de trabalho com educação sexual. São Paulo: ECOS, 2001.

FALEIROS, E. T. S. A exploração sexual comercial de crianças e adolescentes no mercado do sexo. In. LIBÓRIO, R. M. C.; SÔUSA, S. M. G. **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil**: reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FIGUEIREDO, R. et al. Comportamento sexual, uso de preservativos e contracepção de emergência por adolescentes do município de São Paulo - estudo com estudantes de escolas públicas de ensino médio. São Paulo: Instituto de Saúde, 2008. 38p.

_____.; PEIXOTO, M. Profissionais do sexo e vulnerabilidade. **BIS, Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, v. 12, n. 2, ago. 2010. Disponível em: <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-18122010000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2016.

_____. **Ações de prevenção em DST/aids em saúde e educação**. São Paulo: Nepaids/USP, 1998.

_____. **Opiniões e condutas de conselheiros tutelares sobre práticas sexuais de menores de 18 anos**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2015.

_____.; BASTOS, S. H.; KALCKMANN, A. S. **Sexualidade, práticas sexuais e prevenção de gravidez não-planejada e DST/aids, incluindo a contracepção de emergência**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2008.

_____.; FEFFERMANN, M. Redução de danos como estratégia de prevenção de drogas entre jovens. **BIS - Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, v. 40, p. 37-40, 2006.

FRIEDMAN, E.; THORNE, B. Introduction to the feminist sexuality debates. **Signs**, [S.l.], v. 10, n. 11, 1984.

GASPAR, M. D. **Garotas de programas**: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GIDDENS, A. **Transformação da intimidade** - sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Campinas: Editora UNESP, 1993.

GONÇALVES, M. V. R. Casamento e aids: um olhar teológico sobre a contaminação feminina na região Sul da Bahia. 2012. Dissertação [Mestrado em Teologia] - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS**, Rio Grande Norte, v. 5, out. 2013.

GRAVATO, N. et al. Differential levels of syphilis and HIV infection by socioeconomic status (SES) and regularity of gynecological care (RGC) among female CSWs in Santos, BR. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AIDS, 12., Durban, 2000. **Abstract Book...** 2000. v. I. p. 274-274.

_____. **Fatores associados pela infecção do HIV em trabalhadoras do sexo de Santos.** Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) – Universidade Federal de São Paulo, Departamento de Medicina Preventiva, São Paulo, 2004.

GRIEP, R. H.; ARAÚJO, C. L. F. Comportamento de risco para a infecção pelo HIV entre adolescentes atendidos em um centro de testagem e aconselhamento em DST/AIDS no Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.l.], v. 14, p. 119-26, 2005.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, Supl. 2, 2008.

GUIMARÃES, L. Mulheres fáceis, mulheres difíceis. In: TIBURI, M.; VALLE, B. (Org.). **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2008. p. 40-52.

GUASTAFERRO, C.M. **A sexualidade deve ser entendida como direito e trabalhada na autonomia dos indivíduos**. São Paulo: Centro de Referências em Educação Integral, 2014, p. 01.

GYSELS, M.; POOL, R.; NALUSIBA, B. Women who sell sex in a Ugandan trading town: life histories, survival strategies and risk. **Social Science and Medicine**, [S.l.], v. 4, n. 2, p.179-192, 2002.

HIRSHMAN, L. R.; LARSON, J. E. **Hard bargains**: the politics of sex. New York: Oxford University Press, 1998.

HIGGINS, J. A.; HOFFMAN, S.; DWORKIN, S. L. Rethinking G. Heterosexual Men, and Women's Vulnerability to HIV/AIDS. **American Journal of Public Health**, [S.l.], v. 100, n. 3, p. 435-445, 2010.

JABLONSKI, B. **O cotidiano do casamento contemporâneo**: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. [S.l.], 2007. Disponível em: <http://www.bernardojablonski.com/pdfs/producao/o_cotidiano.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. A. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar./abr. 2006.

JINEZ, M. L. J., et al. Uso de drogas e fatores de risco entre estudantes de ensino médio. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, mar./abr. 2009.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais. **Psicologia e Sociedade**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 54-68, 1998.

LEFÈVRE, F., LEFÈVRE, A. M. C. **Depoimentos e discursos**. Brasília: Liberlivro, 2005.

_____. **Pesquisa de representação, um enfoque quali-quantitativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.

LEÔNCIO, J. M. M. A orientação sexual nas escolas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **REGS - Educação, Gestão e Sociedade**, [S.l.], Ano 3, n. 12, nov. 2013. Disponível em:
<<http://www.faceq.edu.br/regs/downloads/numero12/Aorientacaosexualnas escolas.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2016.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. **Psicopedagogia OnLine**, [S.l.], v. 1, 2010. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/11449/125065>>.

MAGGIO, V. P. R. O crime de assédio sexual. **JusBrasil**, [S.l.], 2015. Disponível em:
<<http://vicentemaggio.jusbrasil.com.br/artigos/121942480/o-crime-de-assedio-sexual>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

MARTINS, I. V. **O impacto das conquistas de direitos pelas mulheres no direito de família**: uma reflexão à luz do estatuto da mulher casada e da Constituição de 1988. 2015. 69f. Monografia (Bacharelado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MENEZES, D. Construções da imagem feminina na propaganda: para além do efeito persuasivo. **Comunicação e Sociedade**, [S.l.], v. 21, p. 19-38, 2012.

MELHEM, P. M.; ROSAS, R. H. **A coisificação da mulher e o reforço da negação da vitimização: retorno à “lógica da honestidade”?** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS CRIMINAIS, 4., 2013, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EdIPUCRS, 2013. v. IV. Disponível em:
<<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/43.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher**: princípios e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico - Aids e DST**, Brasília, Ano IV, n. 1, Brasília, 2015.

Ministério da Saúde (BR).

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira (PCAP) de 15 a 64 anos, 2013**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <www.aids.gov.br/monitoraids>. Acesso em: 21 jan. 2016.

MOURA, A. D. A. et al. O comportamento de prostitutas em tempo de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis: como estão se prevenindo? **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 545-553, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/TharasOnline/o-comportamento-de-prostitutas-em-tempos-de-aids-e-outras-doenas-sexualmente-transmissveis-como-esto-se-prevenindo>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

MOURÃO, L.F.C.; SOUZA, J.A.A. Prostituição em imperatriz MA: razões pelas quais jovens optam por esta atividade e suas perspectivas futuras. Disponível em: <http://www.socialsocial.com.br/prostituição_imperatriz_ma.pdf>. Acesso em 14 fev 2012.

MUNDIGO, A. I. **Papéis masculinos, saúde reprodutiva e sexualidade**. São Paulo: Fundação Mac Arthur, 1995.

NASCIMENTO, A. M. **Iniciação ao direito do trabalho**. 31. ed. São Paulo: LTR, 2005.

NOLTE, D. L.; HARRIS, R. **Os adolescentes aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

NUCCI, G. S. **Código Penal comentado**. 9. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

OLIVA, J. M. **Devir puta**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações sociais. In: JACQUES, M. G. C. (Org.). **Psicologia social contemporânea**. Livro-texto. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 104-117.

PAIVA, V. Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In: BARBOSA, R. M.; PARKER, R. (Org.). **Sexualidades pelos avessos: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p. 249-269.

PAIVA, V. et al. **Uso de preservativos** - Pesquisa nacional MS/IBOPE 2003. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/artigo_preservativo.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2015.

_____. et al. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, Supl.1, p. 45-53, 2008.

PAVINI, R. A. B. et al. Caracterização do consumo de maconha entre escolares do ensino médio de São José do Rio Preto, SP, Brasil, 2003. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 157-67, 2007.

PAZZINI, D. P. Direitos humanos no contexto do trabalho sexual. In: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UFSCAR, 9., 2011, São Carlos. **Anais...** São Carlos, SP: UFSCar, 2011.

_____.; BARBOSA, A. As “de dentro” e as “de fora”: olhares sobre a prostituição em São Carlos-SP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA - MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E DESAFIOS SOCIOLÓGICOS, 15., 2011, Curitiba. **Anais...** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011.

PEREIRA, A. **Prostituição: uma visão global**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976, 180p.

PINHO, A. de A.; SAMPAIO, C. A. M.; SERRANO, D. Sexo transacional entre jovens mulheres na região de fronteira internacional entre Angola e Namíbia. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: CONLAB, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308356665_ARQUIVO_Conlab_GT46_Texto_Sexotransacional_17Jun11.pdf>. Acesso em :11 nov. 2012.

_____. **Trocas afetivo-sexuais e econômicas e AIDS na fronteira entre Angola e Namíbia**. 2012. Tese (Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2012.

PISCITELLI, A. Sujeição ou subversão: migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 35, p. 13-55, jul./dez., 2006.

POULIN, R. O caso de amor entre a prostituição internacional e o capitalismo. **Revista do Instituto Humanista Unisinos**, [S.l.], 28 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/519672-o-caso-de-amor-entre-a-prostituicao-internacional-e-o-capitalismo-entrevista-especial-com-richard-poulin>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

RIBAS, A.C. A insustentável leveza da liberdade: um breve olhar sobre os discursos referentes ao amor livre nas publicações anarquistas do século. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2011. **Anais...** Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011.

RIO BRANCO. Secretaria Municipal de Saúde. **Plano Municipal de Saúde 2014 a 2017**. Rio Branco: SEMSA, 2013. 202p.

REIS, S. L. A.; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**.

Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011. Disponível em:
<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/10256>>.
Acesso em: 12 dez. 2015.

ROCHA, M. J. F. **Adolescência e anticoncepção**: conhecimento e o uso de métodos anticoncepcionais por estudantes da zona urbana de Cruzeiro do Sul, Acre. 2010. Dissertação (Mestrado em Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-02022010-162337/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ROSSIAUD, J. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 224p.

RIOS, R. R. **Prostitutas, michês e travestis**: uma análise crítica do discurso jurídico sobre a prostituição e de suas consequências práticas. Porto Alegre: Na Batalha, 2000.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Tradução de M. Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

SANTOS, A. O.; FIGUEIREDO, R. Agravos à saúde e relacionamentos afetivo-sexuais em comunidades anfitriãs do turismo. In: SANTOS, J. A. M.; RIOS, L. F. **Violência sexual contra crianças e adolescentes** – reflexões sobre condutas, posicionamentos e práticas de enfrentamento. Recife: UFPE; Ministério do Turismo, 2009.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. Coordenadoria de Controle de Doenças. Coordenação Estadual de DST/aids. Centro de Referência e Treinamento DST/aids. **Prevenção das DST/aids em adolescentes e jovens: brochuras de referência para os profissionais de saúde**. São Paulo: SES-SP, 2007.

SENAD- SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS. **VI levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de ensino fundamental (8º e 9º ano) e médio (1º a 3º ano) da rede particular do município de São Paulo**. Brasília, DF: SENAD; CEBRID, 2010.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução de C. R. Dabat; M. B. Ávila. Recife: SOS Corpo, 1996. Disponível em:
<http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

SILVA, A. P.; BLANCHETTE T. Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: CORREA, S.; PARKER., R (Org.). **Sexualidade e política na América Latina**: histórias, intersecções, paradoxos. Rio de Janeiro: ABIA; 2011. p. 192-33.

SILVIA, C. G. da et al. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2016.

SILVA, J. A.; SALES, L. C. Representações sociais de meio ambiente construídas por alunos de 8ª série do Ensino Fundamental. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S.l.], v. 5, n. 5, p. 11-23, 2000.

SINDICATO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DE CANAÃ DOS CARAJÁS – PARÁ. **Documento do Encontro Municipal dos(as) Atingidos(as) pela Mineração**. Carajás, 15 março, 2011.

SORJ, B. Trabalho, gênero e família: quais políticas sociais? In: GODINHO, T.; SILVEIRA, M. L. da (Org.). São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. 188p.

SOUSA, F. R. Prostitutas da região Norte e Nordeste realizaram encontro para discutir criação de redes estaduais. **Grupo de Estudos Trabalho Sexual (GETS-UFSCar)**, São Carlos, 14 nov. 2013. Disponível em: <<https://grupodeestudostrabalhosexual.wordpress.com/tag/rede-brasileira-de-prostitutas/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

_____. **Saberes da vida na noite**: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <<http://www.processoseducativos.ufscar.br/dissertacao2.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SZWARCWALD, C. L. et al. *Crack* smoking as a predictor for HIV infection among female sex workers in Santos, SP, Brazil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EPIDEMIOLOGIA, 6., Rio de Janeiro, ago. 1998. **Anais...** Rio de Janeiro: Epirio-98. v. 1, p. 64-65.

_____. **Taxas de prevalência de HIV e sífilis e conhecimento, atitudes e práticas de risco relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis no grupo das mulheres profissionais do sexo**: relatório de pesquisa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M.; PAULA, M. C. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 210-214, 2004.

_____. et al.. A relação entre as características sociais e comportamentais da adolescente e as doenças sexualmente transmissíveis. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, São Paulo, c. 51, n. 3, p. 148-152, 2005.

TOSCANI, O. **A publicidade é um cadáver que nos sorri**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

VASCONCELOS, A. A prostituição de meninas e adolescentes no Recife. **Tempo e Presença**, São Paulo, v. 13, n. 258, p. 22-23, jul./ago. 1991.

VILLELA, W. V.; MONTEIRO, S. Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.l.], v. 24, n. 3, p. 531-540, 2015.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil**, Rio de Janeiro: Ed. Flacso Brasil, 2014. Disponível em:
<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf
>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ZANETTI, J.P. **Jovens feministas Um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Q1.

Você está sendo convidado (a) para participar de um estudo que pretende Avaliar a percepção de jovens e adolescentes universitários sobre a prostituição e troca de sexo por bens materiais e de *status*, seja numa prostituição explícita ou "não explícita". Para isso, os dados serão coletados com o auxílio do *software Qlqt- online*, o qual permite a coleta de dados a distância, por *internet*, como também faremos discussão em grupo com especialistas da área onde essas reuniões serão registradas e gravadas. Sua participação é permitir o registro ,transcrições e gravações de sua opinião sobre o tema abordado.

Todas as observações e registros serão utilizados para a realização de Tese de Doutorado que será apresentada na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-USP. A sua participação neste estudo é voluntária, não incorrerá em custos pessoais, nem tampouco em qualquer tipo de remuneração, e não haverá riscos dela decorrentes. Qualquer informação divulgada em relatório ou publicação garantirá a confidencialidade de seus dados pessoais.

() CONCORDO () NÃO CONCORDO

obs: só passa para próxima questão se o pesquisado concordar

Q2.

2. sexo

Q3.

3. Idade em anos:

Q4.

4. Escolaridade

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO

PESQUISA: NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE ENVOLVENDO SEXO

Q1. 1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Você está sendo convidado (a) para participar de um estudo que pretende Avaliar a percepção de jovens e adolescentes universitários sobre a prostituição e troca de sexo por bens materiais e de *status*, seja numa prostituição explícita ou "não explícita". Para isso, os dados serão coletados com o auxílio do *software Qlqt- online*, o qual permite a coleta de dados a distância, por *internet*, como também faremos discussão em grupo com especialistas da área onde essas reuniões serão registradas e gravadas. Sua participação é permitir o registro, transcrições e gravações de sua opinião sobre o tema abordado.

Todas as observações e registros serão utilizados para a realização de Tese de Doutorado que será apresentada na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-USP. A sua participação neste estudo é voluntária, não incorrerá em custos pessoais, nem tampouco em qualquer tipo de remuneração, e não haverá riscos dela decorrentes. Qualquer informação divulgada em relatório ou publicação garantirá a confidencialidade de seus dados pessoais.

Q2.

2. sexo

Q3.

3. Idade em anos:

Q4.

4. Escolaridade

Q5.

5. Qual a escolaridade do chefe da família?

Q6.

6. Qual a religião que pratica (caso não pratique responda NENHUMA):

Q7.

7. Qual a universidade (ou faculdade) onde estuda?

Q8.

8. Qual curso está estudando?

Q9.

9. Qual a cidade onde reside?

Q10.

10- Qual a Renda familiar (valor total arredondado, não usar vírgulas)?

Q11.

11-CASO 1

Miguel, 16 anos, encontra seu amigo Alfredo, 17 anos. Alfredo convida Miguel para tomar cerveja no bar.

Alfredo fala: "Sabe, ontem dei uma transada com uma mulher lá na casa da rua 13. Você conhece? Foi muito bom.

Miguel pergunta: "...e como ela era?"

Alfredo respondeu: "...sabe que não me lembro bem, só lembro que era morena e

meio baixinha. Bom, mas o que importa a cara dela, né?"

Miguel responde: " Bom isso é verdade".

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS:

. O que você achou da postura do Alfredo?

Q12.

-O que você acha, importa a cara dela ou não importa? Por quê importa ou por quê não importa?

Q13.

12-CASO 2

Renata tem 19 anos é bonita inteligente e freqüenta uma universidade.

Renata encontra Suzana, sua amiga.

Suzana fala: "Nossa que bolsa bonita a sua".

Renata responde: "Ah, foi um amigo que me deu, respondeu a Renata.

Suzana:"Amigo?"

Renata explica: "Bom, mais ou menos... Eu conheci um cara numa festa e ele perguntou se eu queria passar a noite com ele e daí eu disse: eu estou precisando de uma bolsa nova, vale? Aí quando a gente saiu, ele me deu este presente e daí acabei ganhando esta bolsa..."

Suzana continua: "Você vai continuar a ver o rapaz?"

Renata: Ah, não! Foi só uma bolsa!

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS:

. O que você acha do comportamento da Renata? Por quê?

Q14.

. O que você acha do comportamento do amigo que deu o presente? Porquê?

Q15.

13- CASO 3:

Maria das Dores tinha 18 anos e era muito vaidosa, mas pobre. Vivia numa cidade do interior sem muitos recursos e, por mais que se esforçasse, só conseguia empregos simples porque tinha pouco estudo.

Conheceu um homem de 48 anos da capital que, vendo a beleza do seu corpo, perguntou se queria morar com ele. Teria que cuidar da casa,dormir com ele, mas poderia trabalhar à tarde.

Ela pensou: "Morando com ele, faço minhas economias e consigo juntar algum dinheiro. Assim posso pagar um curso e talvez até uma faculdade".

Depois um tempo aceitou a oferta, arrumou suas coisas para ir.

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS:

. O que você acha desse caso? Por quê?

Q16.

- O que você acha do comportamento do homem que ela conheceu?
Por quê?

Q17.

14-CASO 4

Roberta era uma morena bonita que trabalhava de caixa num supermercado. Ela era uma funcionária dedicada.

Nelson era gerente do supermercado, um cara legal e até boa pinta.

Um dia, Nelson chegou para a Roberta e disse: "Tem uma vaga no almoxarifado e acho que você se daria muito bem lá. Então, Roberta? A gente poderia sair uma noite dessas e aí eu posso falar com o chefe... e indicar você para a vaga. Que tal?"

Roberta ficou em dúvida se saía ou não e foi pedir conselho para sua amiga Mary.

Mary disse: "Roberta, deixe de besteira! A vida é assim mesmo e essa pode ser a tua chance... É só uma noite e o cara afinal é boa pinta, não é?"

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS:

. O que você achou do conselho da Mary? Você daria este conselho ou não? Por quê?

Q18.

. O que você achou do comportamento do Nelson? Por quê?

Q19.

15-CASO 5

Luciana adorava sair e se divertir com os amigos, mas nesse dia estava com pouco dinheiro e foi até a entrada da balada. Só tinha o dinheiro para a entrada e estava em dúvida se ia ou não, pois só conseguia se divertir se usasse algo que a estimulasse a dançar: ou bebidas, ou cocaína, ou energéticos.

Gustavo era da sua rua e estava entrando no bar. Ele sempre tinha algum dinheiro a mais e trazia bebidas por dentro de sua roupa.

Gustavo falou: "Vamos entrar Luciana?".

Luciana responde: "Sei não, estou com pouco pique e dura para comprar algo."

Gustavo: "Nem pense, gata! Você entra comigo, curte de tudo que eu tiver, em troca dorme lá em casa comigo. Tá à fim?"

Luciana: "Eu tava fissurada mesmo, então eu topo."

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS:

. O que você acha do comportamento da Luciana? Por quê?

Q20.

-O que você acha do convite do Gustavo? Por quê?

Q21.

16.CASO 6

Ana Luiza, jovem, bonita, desinibida, quer concluir seu curso de jornalismo em uma renomada universidade privada e não vê problemas em ter algumas transas que ajudam a complementar sua renda.

Maria Alice, sua amiga de infância comenta com ela: “Ana, você é doida, fica saindo com uns caras que você nem sabe direito quem são”.

Ana Luiza: “Também não é para tanto, só saio com cara boa pinta e abonado! É só até me formar e quando eu for uma jornalista conceituada, isto não vai fazer diferença na minha vida”.

Maria Alice: “Você pelo menos se protege, já fez o teste da AIDS? Já pediu para os caras fazerem?”

Ana Luiza: “Vira esta boca para lá, claro que não, nem fala disto que pode atrair azar!”

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS:

. O que você acha da postura da Ana Luiza ?

Q22.

.Se você fosse a Maria Alice como continuaria esta conversa com a Ana Luiza?

Q23.

17. CASO 7 : Orlando, 26 anos, moreno, bonito, encontra Lucia, 55 anos, empresaria bem sucedida e divorciada, e ela o convida para o jantar e depois dar uma esticada. Orlando diz que tudo bem, mas que está sem grana. Lucia afirma que pode bancar tudo, mas gosta das coisas bem feitas...

No dia seguinte Orlando comenta o caso com um amigo, Carlos.

Carlos: “A coroa era gostosa? Você topou?”

Orlando: “Claro que topei. Ela não era de todo mal e me levou a lugares super descolados. Quando você acha que vou ter grana para ir em um lugar assim!”

Carlos: “E você usou preservativo?”

Orlando: “Imagine! Ela era toda cheirosa e bem arrumada, e acho que nem pode mais engravidar”.

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS

. O que você acha da postura de Lúcia?

Q24.

. Comente a opinião do Orlando.

Q25.

18.QUESTÃO FINAL: . Nós falamos de diversas situações da vida. Você acha que elas têm alguma coisa em comum ou não? Fale um pouco sobre isto.

ANEXO 3 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ACRE- UFAC

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE ENVOLVENDO SEXO EM TROCA DE BENS E VANTAGENS ENTRE JOVENS DE 18 A 25 ANOS NO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO-ACRE

Pesquisador: HERLEIS MARIA DE ALMEIDA CHAGAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 00768212.1.0000.5010

Instituição Proponente: Universidade Federal do Acre- UFAC

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 178.231

Data da Relatoria: 29/10/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa que foi anteriormente analisado por este relator, concluindo-se pelo "status" de "pendente", o que foi acatado pelo Comitê. Retornou o projeto à apreciação deste Relator com a finalidade avaliar se as pendências inicialmente assinaladas foram devidamente atendidas pela pesquisadora.

Objetivo da Pesquisa:

Este item já foi analisado no parecer substanciado inicial.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Este item já foi analisado no parecer substanciado inicial, cumprindo acrescer que o questionário que será aplicado foi apresentado pela pesquisadora, atendendo a pendência preliminarmente assinalada. Assim, como se trata de pesquisa de opinião, que não traz um benefício direito ao indivíduo, examinando-se a metodologia proposta, que consiste na aplicação dos questionários por meio da internet, por meio de software específico e, tendo-se em conta que os sujeitos de pesquisa são adultos jovens de 18 a 25 anos de idade, universitários, considera-se que as perguntas podem ser bem suportadas pelos pesquisados, notadamente no plano psicológico, justificando-se a pesquisa diante da elevada possibilidade de gerar conhecimento útil à resolução de problema relevante do ponto de vista social.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Endereço: "Campus Universitário" Reitor Aúlio G. A de Souza""
Bairro: BR364 Km04 Distrito Industrial **CEP:** 69.915-900
UF: AC **Município:** RIO BRANCO
Telefone: (683)229-4035 **Fax:** (683)229-1246 **E-mail:** cepufac@hotmail.com; enock.pessoa@ufac.br

[Assinatura]
Profa. Dra. Enock Pessoa
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
UFAC
Rua Senador Azeiteiro nº 2.400/2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ACRE- UFAC

Este item já foi analisado no parecer consubstanciado inicial.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE foi devidamente retificado para se fazer constar o endereço do CEP e o questionário que será aplicado

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram devidamente atendidas

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

RIO BRANCO, 19 de Dezembro de 2012

Assinador por:

ENOCK DA SILVA PESSOA
(Coordenador)

Endereço: "Campus Universitário" Reitor Aúlio G. A. de Souza^{ma}

Bairro: BR364 Km04 Distrito Industrial

CEP: 69.915-900

UF: AC

Município: RIO BRANCO

Telefone: (683)229-4035

Fax: (683)229-1246

E-mail: cepufac@hotmail.com; enockpessoa@ufac.br